



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

VANUSA FOGAÇA DE FREITAS PRADO

**VARIAÇÃO E ESTILO EM COMUNIDADES DE PRÁTICAS DE
UMA ESCOLA PÚBLICA EM LONDRINA/PR**

Londrina
2024

VANUSA FOGAÇA FREITAS DE PRADO

**VARIAÇÃO E ESTILO EM COMUNIDADES DE PRÁTICAS DE
UMA ESCOLA PÚBLICA EM LONDRINA/PR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Dircel Aparecida Kailer.

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

P896v Prado, Vanusa Fogaça de Freitas .
Variação e estilo em comunidade de práticas de uma escola pública de Londrina/PR / Vanusa Fogaça de Freitas Prado. - Londrina, 2024.
222 f. : il.

Orientador: Dircel Aparecida Kailer.
Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Sociolinguística - Tese. 2. Comunidade de prática. - Tese. 3. Identidade. - Tese. 4. Londrina - Tese. I. Kailer, Dircel Aparecida . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

VANUSA FOGAÇA FREITAS DE PRADO

**VARIEÇÃO E ESTILO EM COMUNIDADES DE PRÁTICAS DE
UMA ESCOLA PÚBLICA EM LONDRINA/PR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dr.^a Cláudia Cristina Ferreira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dr.^a Marília Silva Vieira
Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Cora
Coralina – UEG

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
– UEMS

Prof. Dr. Marcelo Nicomedes dos Reis Silva
Filho
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Londrina, 22 de abril de 2024.

Dedico este trabalho aos meus pais que, mesmo sem uma instrução formal e com muitas dificuldades, entenderam o quanto o conhecimento iria transformar a vida de seus filhos. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

A vida é sobre acolher e ser acolhido. Sobre reciprocidade. Sobre afeto e perseverança. Neste caminho de aprendizado, de sonhos, lutas e, também, de sofrimento, sigo pensando que o mais importante é a travessia (G.R). E, assim, nesta longa jornada que foi o doutorado, sou grata por todas as pessoas que seguraram a minha mão, que me apoiaram, não me deixando desanimar.

Expresso minha profunda gratidão por viver este momento, este título, que representa não apenas o rigor acadêmico, mas o mergulho na Sociolinguística e na imensa riqueza que encontramos nas falas humanas. Agradeço a cada participante que emprestou sua voz e sua história, permitindo-me compreender a variação linguística como um fenômeno vivo e pulsante.

Este trabalho é o resultado de uma trajetória dedicada a ouvir e respeitar a língua em movimento, rica em diversidade e livre de estigmas. Minha gratidão a todos que, entre observação, dados e diálogos, ajudaram a transformar este estudo em uma exaltação da identidade e da pluralidade cultural.

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida que me abençoaram nesta trajetória, me dando capacidade para trilhar o caminho do doutorado, uma experiência que eu não pensava que seria tão difícil. Sabemos que o caminhar de uma mulher, mãe, professora e doutoranda não é fácil, são várias demandas que nos movem e que faz com que a nossa carga sempre fique um pouco mais pesada. Por esse motivo é tão valioso ter uma rede de apoio.

Também expresso a minha gratidão a minha orientadora, Prof^a Dr^a Dircel Aparecida Kailer, pelo carinho de sempre. Gratidão pela sua ajuda e apoio. Suas palavras sempre me deram força, me motivaram a não desistir.

Sou imensamente grata à minha banca, representada pelos professores: Prof.^a Dr.^a Claudia Cristina Ferreira, Prof.^a Dr.^a Marília Silva Vieira, Prof.^a Dr. Antonio Carlos Santana de Souza e o Prof. Dr. Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho. Agradeço também a Prof^a Dr^a Neide Araújo Castilho Teno pelas preciosas contribuições feitas ao meu trabalho.

Agradeço o apoio da minha irmã Vanessa, pelos momentos de escuta e incentivo à reflexão, por me apoiar nos momentos mais difíceis. Agradeço também todos os meus familiares que sempre me apoiaram.

Às minhas filhas, Julia e Rafaela, agradeço por serem a luz dos meus dias. Obrigada pela compreensão, pelo afeto e pela torcida. Ao meu companheiro, Lupércio, agradeço a parceria, o cuidado, é muito bom tê-lo por perto nos momentos difíceis.

Agradeço aos meus pais que, mesmo sem saber ao certo do que se tratava um Doutorado, sempre me apoiaram, rezaram por mim. Obrigada por estarem sempre do meu lado, pela sabedoria, pelos ensinamentos.

Em especial, agradeço a minha amiga Ana Paula, companheira do Mestrado e do Doutorado, pela companhia, pelo incentivo, pelas longas conversas, desabafos, leituras e troca de experiências. Com certeza a sua presença tornou mais leve o meu caminhar.

Não posso deixar de agradecer os meus alunos e a comunidade do União da Vitória que sempre me receberam com tanto carinho. Aos meus alunos, digo que sempre é muito bom estar com vocês, aprendo a cada dia. A professora que sou hoje é fruto da nossa convivência. Obrigada por me acolherem, por partilhar comigo suas experiências, seus medos e sonhos. “Ubuntu – Eu sou porque nós somos.”

Aos colegas de trabalho, companheiros da rotina escolar, meu agradecimento pelo apoio e torcida.

Para finalizar e não esquecer de ninguém, agradeço a todos os meus professores, amigos, alunos e ex-alunos, familiares, colegas de trabalho, colegas da UEL. A minha conquista também é a conquista de todos vocês!

Viver é partir, voltar e repartir (EMICIDA).

Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Martin Luther King

RESUMO

PRADO, Vanusa Fogaça Freitas de. **Variação e estilo em comunidades de práticas de uma escola pública em Londrina/PR**. 2024. 222 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

A tese que ora se propõe está relacionada a conhecimentos da sociolinguística interacional e da sociolinguística da terceira onda com uma abordagem relacionada ao significado social da variação. Assim, o objetivo deste estudo é analisar as variantes linguísticas identificadas em duas comunidades de práticas de alunos do ensino médio de um colégio público, situado na periferia da cidade de Londrina-PR. A pesquisa pautada na terceira onda (cf. ECKERT, 2005, 2012), parte do pressuposto de que o estilo de uma determinada comunidade de prática influencia as escolhas linguísticas de seus membros. Os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; ECKERT, 2005, FREITAG, 2016), entre outros, subsidiaram o estudo uma vez que essas teorias buscam entender a variação considerando os papéis e atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações sociais. Os procedimentos metodológicos foram ancorados na observação etnográfica, seguido pela coleta de dados – entrevista semiestruturada, questionário e um teste de crenças e atitudes linguísticas (Matched-Guise), para que assim fosse possível analisar os dados de uma forma quantitativa e qualitativa, identificando as comunidades de práticas, as variantes linguísticas e o significado social da variação. A observação etnográfica foi realizada, inicialmente, com 116 alunos, na faixa etária de 16 a 20 anos, de quatro turmas do 2º ano do Ensino Médio, de uma escola periférica na cidade de Londrina – PR. Após um período de observação e da realização da primeira coleta de dados, identificamos duas comunidades de práticas, com estilos distintos e uma fala marcada pela presença das variantes linguísticas, *iotização*, *rotacismo*, além das *gírias*. Seguindo com um olhar micro para as duas comunidades identificadas, buscamos pontuar quais as motivações que levam os alunos a utilizarem variantes distintas, assim como, observar se há uma influência entre o comportamento e a identidade linguística do jovem em relação à comunidade de prática na qual faz parte. Dentre as várias contatações, concluímos que a existência de duas comunidades de práticas distintas dentro do espaço escolar, constatando que tanto o estilo quanto a escolha do repertório linguístico são norteadas pela comunidade de prática na qual o falante se filia. Outro resultando desta pesquisa está vinculado ao estigma relacionado ao uso das *gírias*, conforme constatamos por meio do questionário de atitudes linguísticas.

Palavras-chave: Sociolinguística; Comunidade de prática; Identidade; Londrina.

ABSTRACT

PRADO, Vanusa Fogaça Freitas de. **Variation and style in communities of practice of a public school in Londrina/PR.** 2024. 222 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

The thesis proposed herein relates knowledge of Interactional Sociolinguistics and Third-Wave Sociolinguistics with an approach focused on the social meaning of variation. Thus, the objective of this study is to analyze the linguistic variants identified in two communities of practice among high school students at a public school located on the outskirts of Londrina, PR. Based on the third wave (cf. ECKERT, 2005, 2012), the research assumes that the style of a given community of practice influences the linguistic choices of its members. The theoretical-methodological frameworks of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008; ECKERT, 2005; FREITAG, 2016), among others, supported the study, as these theories seek to understand variation by considering the roles and activities that individuals perform in their social relationships. The methodological procedures were anchored in ethnographic observation, followed by data collection—semi-structured interviews, questionnaires, and a linguistic beliefs and attitudes test (Matched-Guise)—to enable both quantitative and qualitative data analysis, identifying communities of practice, linguistic variants, and the social meaning of variation. Ethnographic observation was initially conducted with 116 students, aged 16 to 20, from four sophomore high school classes at a suburban school in Londrina – PR. After a period of observation and the first round of data collection, we identified two communities of practice with distinct styles and speech marked by the presence of linguistic variants such as iotization, rhotacism, and slang. Following a micro-level perspective of the two identified communities, we sought to highlight the motivations that lead students to use distinct variants, as well as to observe whether there is an influence between the behavior and linguistic identity of the youth regarding the community of practice to which they belong. Among the various findings, we conclude that there is an existence of two distinct communities of practice within the school space, noting that both style and the choice of linguistic repertoire are guided by the community of practice with which the speaker affiliates. Another result of this research is linked to the stigma related to the use of slang, as observed through the linguistic attitudes questionnaire.

Key-words: Sociolinguistics; Community of Practice; Identity; Londrina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Canal do Audino Vilão.....	57
Figura 2 - Canal do Chavoso da USP	59
Figura 3 - Atlas Ambiental da cidade de Londrina - Paraná	77
Figura 4 - Nuvem de palavras a partir das respostas dos alunos à questão 1	98
Figura 5 - O estilo “dos crias da UDV”	112
Figura 6 - Estilo dos irmãos	113
Figura 7 - As gírias mais encontradas no espaço escolar	115
Figura 8 - Variantes linguísticas fonético-fonológicas.....	116
Figura 9 - Como você acha que os moradores do União da Vitória falam?	117
Figura 10 - Quais as pessoas/ grupos do colégio que apresentam uma forma de falar ou um vocabulário diferente	119
Figura 11 - Como você descreve o falante do áudio	169
Figura 12 - Comunidades de práticas.....	172
Figura 13 - A influência das redes sociais na comunidade de práticas dos crias.....	174
Figura 14 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 1	181
Figura 15 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 2	181
Figura 16 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 3	181
Figura 17 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 4	181
Figura 18 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 5	181
Figura 19 - A influência das redes sociais na comunidade de práticas dos irmãos	181
Figura 20 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 1	181
Figura 21 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 2	181
Figura 22 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 3	181
Figura 23 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 4	181
Figura 24 - Esquema de interação e as redes sociais do participante 5	181

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Os seus pais sempre moraram em Londrina?	97
Gráfico 2 - Tempo de moradia no bairro	99
Gráfico 3 - Como os jovens se autodeclararam em relação cor/raça.....	100
Gráfico 4 - Quantas pessoas moram na sua residência, incluindo você?.....	101
Gráfico 5 - Sobre a figura materna, quem mora com você?	101
Gráfico 6 - Sobre a figura paterna, quem mora com você?	102
Gráfico 7 - Quem é a principal pessoa que prove o dinheiro da residência?	103
Gráfico 8 - Escolaridade da mãe.....	104
Gráfico 9 - Escolaridade do pai.....	104
Gráfico 10 - Familiares que abandonaram os estudos	105
Gráfico 11 - Na sua família, atualmente há alguém desempregado?	106
Gráfico 12 - Quais atividades você e sua família costumam fazer nas horas de lazer?	107
Gráfico 13 - Quais desses itens você tem em casa?	108
Gráfico 14 - A língua portuguesa é muito difícil?	121
Gráfico 15 - O modo de falar dos meus professores é próximo a forma de falar da comunidade escolar	122
Gráfico 16 - As pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram em zonas rurais	123
Gráfico 17 - A fala das pessoas que moram nos centros urbanos é melhor do que as pessoas que moram na periferia	123
Gráfico 18 - Os adultos falam melhor que os jovens	124
Gráfico 19 - Quanto mais as pessoas estudam, mais corretamente elas falam.	125
Gráfico 20 - As pessoas mais ricas falam melhor do que as pessoas mais pobres	125
Gráfico 21 - Sobre o orgulho da variedade linguística que representa o lugar onde nasceu.....	126
Gráfico 22 - Comparativo das ocorrências entre as comunidades de práticas	147
Gráfico 23 - A presença das variantes na fala de cada participante C.P dos Crias.....	148

Gráfico 24 - Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 1º participante	151
Gráfico 25 - Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 2º participante	152
Gráfico 26 - Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 3º participante	153
Gráfico 27 - Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 4º participante	153
Gráfico 28 - Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 5º participante	154
Gráfico 29 - A presença das variantes na fala de cada participante – C.P Irmãos	148
Gráfico 30 - Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 1º participante.....	155
Gráfico 31 - Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 2º participante.....	157
Gráfico 32 - Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 3º participante.....	158
Gráfico 33 - Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 4º participante.....	159
Gráfico 34 - Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 5º participante.....	160
Gráfico 35 - A forma de falar apresentada no áudio é bonita	161
Gráfico 36 - A forma de falar apresentada no áudio é agradável.....	164
Gráfico 37 - Quais as qualidades que você imagina que esse falante possa ter.....	165
Gráfico 38 - Qual a provável profissão do falante do áudio	165
Gráfico 39 - Sugestão de outra profissão para o falante do áudio	167
Gráfico 40 - A fala apresentada no áudio é semelhante a fala do informante	167

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Organização das turmas da Instituição Escolar E F– ano 2022.....	79
Tabela 2 -	Organização das turmas da Instituição Escolar - Novo Ensino Médio	80
Tabela 3 -	Organização das turmas da Instituição Escolar - Novo Ensino Médio Profissional.....	80
Tabela 4 -	Organização das turmas da Instituição Escolar - Ensino Médio	80
Tabela 5 -	Atendimento Educacional Especializado.....	81
Tabela 6 -	Atividades Complementares	81
Tabela 7 -	Participantes da comunidade de práticas dos crias	127
Tabela 8 -	Participantes da comunidade de prática dos irmãos	137
Tabela 9 -	Entrevista 1 – Participante Marta	145
Tabela 10 -	Entrevista 2 – Participante Roberto.....	146
Tabela 11 -	Variantes linguísticas presentes na comunidade de prática dos crias.....	149
Tabela 12 -	Variantes linguísticas presentes na comunidade de prática dos irmãos	169

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1	Sociolinguística variacionista	28
2.2	As inter-relações presentes nas três ondas da sociolinguística	30
2.2.1	Compreendendo conceitos: comunidade de fala e comunidade de práticas.....	33
2.2.2	Rede social	36
2.3	Conceitos de identidade em sociolinguística	38
2.4	Crenças e atitudes linguísticas	42
3	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	45
3.1	Rotacismo	47
3.2	lotização	49
3.3	Gírias	50
3.4	Representações das variedades linguísticas na mídia	53
3.5	Preconceito Linguístico	61
3.6	Analisar o presente sem esquecer o passado	64
3.6.1	Uma breve abordagem da dissertação: “processos fonético-fonológicos em produções orais e escritas de alunos do ensino fundamental II: uma proposta de intervenção.”.....	65
4	ALGUNS ESTUDOS PAUTADOS NA TEORIA DA TERCEIRA DA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA	69
5	O RELATO DO CORRE (PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	72
5.1	Um olhar para a cidade de Londrina- Pr	75
5.2	“Dias de luta, dias de glória” – um breve histórico da formação do bairro e perfil da comunidade	77
5.3	Lócus da pesquisa	79

5.4	Perfil dos participantes.....	83
5.5	‘Tinha uma pedra no caminho’. percalços encontrados ao longo do processo de coleta de dados	84
5.5.1	Memórias e vivências.....	85
5.5.2	A pesquisa parou. o mundo parou. E agora, José? Um breve relato do período da pandemia Covid-19	88
5.5.3	Organização dos instrumentos de coleta de dados	90
6	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	96
6.1	Questionário socioeconômico	96
6.2	Observação participante: um olhar do individual ao coletivo	108
6.2.1	Relato dos principais momentos da observação participante - a identidade individual e social do jovem	110
6.2.2	“Os cria da UDV”	111
6.2.3	“Os irmãos”	113
6.3	Repertório linguístico – observação, registro e análise	114
6.4	Crenças e atitudes linguísticas - dados obtidos a partir do questionário de <i>Matched Guise</i>	116
6.5	Entrevistas individuais e coletivas. um bate-papo sobre os “corres” de cada dia	127
6.5.1	Trechos das entrevistas selecionados para análise	145
6.5.2	“ <i>Gíria não, dialeto</i> ”. análise quantitativa das variantes linguísticas coletadas nas entrevistas	147
6.5.2.1	“Estilo de cria” – análise das principais ocorrências na fala de cada participante	149
6.5.2.2	“Estilo de irmão” – análise das principais ocorrências na fala de cada participante da comunidade de práticas dos irmãos.....	152
6.6	Análise do questionário de atitudes linguísticas – “só cola na quebrada quem é cria”	162
6.7	A relação entre as comunidades de práticas e suas redes sociais	171
6.7.1	Comunidade de práticas dos crias - “eu sei quem tá no corre comigo”	173

6.7.2	Comunidade de práticas dos irmãos – “quem são os meus irmãos de fé?”	180
7	“FINALIZANDO NOSSA RESENHA – (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	186
	REFERÊNCIAS	190
	APÊNDICES	196
	APÊNDICE 1 – Questionário - Pesquisa Social	196
	APÊNDICE 2 – Questionário - Pesquisa de Campo	205

1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar um estudo sociolinguístico no qual se investigue a função social da variação linguística, entende-se que a língua, "é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução", (Bagno, 2007, p. 03), sendo pautada no objetivo do falante e na sua interação social.

A variação linguística é uma característica essencial das línguas e, cabe ao sociolinguista, pesquisar, entre outras ocorrências, a linguagem e a relação com a sociedade, observando o motivo pelo qual algumas comunidades, com características dialetais e socioculturais semelhantes, favorecem o uso de determinadas variantes enquanto outras desfavorecem esse mesmo uso. (Weinreich, Labov & Herzog, 1968).

Partindo desse pressuposto, esta tese tem o intuito de analisar como ocorre o processo de variação no repertório linguístico de jovens estudantes de um colégio público a fim de mostrar, ou não, o grau de pertencimento a um determinado grupo, buscando pontuar um possível significado social presente na escolha de uma variante em detrimento a outra.

Com base nos preceitos da Sociolinguística Variacionista, e, principalmente à luz dos estudos de terceira onda, Eckert (2000), embasamos nossa investigação na construção da identidade de adolescentes e na participação em comunidades, considerando que construir "identidade consiste em negociar os significados de nossa experiência de pertença a diferentes grupos sociais", Battisti (2014, p. 81), nos quais as variantes linguísticas passam a assumir um significado social.

Eckert (2000) propôs o estudo da variação centrada nas comunidades de prática¹, nas quais os indivíduos, ao escolherem pertencer a esta ou àquela comunidade, compartilham repertórios de práticas, entre os quais, as práticas linguísticas. O significado da variação não pode ser encontrado na simples associação com categorias sociais dadas de antemão, mas na observação e na interpretação dos traços que identificam socialmente as comunidades de práticas.

Em estudos anteriores, na ocasião do mestrado, estive inserida nessa comunidade de prática convivendo com sujeitos de diferentes repertórios linguísticos e pude observar as escolhas lexicais mais recorrentes entre os jovens desse colégio.

¹ Esse conceito será discutido no capítulo de fundamentação teórica.

Assim, meu percurso acadêmico e profissional se cruzou com essa comunidade enquanto moradora, e mais tarde como professora do ensino fundamental, por fim, pesquisadora da escola pública.

No mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) Londrina - 2016 – 2018, me aproximei dos estudos da sociolinguística na construção de uma dissertação sob o título “Processos Fonético-Fonológicos em Produções Oraís e Escritas de Alunos do Ensino Fundamental: Uma proposta de Intervenção” cujos resultados gerou um maior conhecimento do contexto escolar e ascensão profissional.

Além de ter realizado a minha pesquisa de mestrado nesta comunidade escolar, sou professora neste colégio há algum tempo e as questões que envolvem o repertório linguístico e a identidade dos jovens sempre foram temas de meu interesse, buscando compreender o porquê de determinadas escolhas linguísticas, quais os motivos que levavam alguns adolescentes a reconhecerem e a utilizarem uma variedade em detrimento a outra.

Ademais, sou professora da rede pública há 14 anos, lotada nesta escola/lócus da pesquisa há 11 anos. A comunidade em questão fica próxima da minha residência em Londrina, uns 8 km, e desde a minha adolescência ouvi diversas histórias que ligavam “os sem-terra”, como eram chamados, a fatos de violência, exclusão e preconceito.

Em 2012, por questões de logística, fui transferida para lecionar na escola desta comunidade, considerada uma comunidade de alunos excluídos, marginalizados e habituados a questões de preconceito. Fato que despertou em mim uma preocupação, pois todas as minhas memórias foram acionadas por meio da fala da secretária que ao me entregar a transferência sugeriu que tivesse cuidado, pois a comunidade era “difícil”.

Todos esses fatos somados aos aspectos da formação do bairro com pessoas oriunda da zona rural, originários de outras regiões da cidade e de outros estados, com vivências de práticas coletivas comunitárias, na luta por direitos básicos de moradia, foi o suficiente para justificar meu interesse pela pesquisa.

Uma comunidade com aspectos rurais, populosa, que carrega uma história de organização coletiva, uma religiosidade muito forte e muito presente no bairro, que coabitam tanto outros grupos distintos que se encontram e se relacionam dentro do espaço escolar. Minha aproximação com a escola trouxe uma empatia mútua entre

esta pesquisadora e a comunidade, além de um forte interesse em conhecer e estudar aspectos ligados ao surgimento do bairro, União da Vitória.

É possível perceber ao analisar a formação do bairro uma estreita relação entre questões linguísticas e sociais (Sociolinguística), como, por exemplo, a alusão às conquistas que foram alcançadas por meio da luta coletiva, a motivação para nomeação do nome do bairro, dos nomes das ruas, assim como, as homenagens prestadas a alguns moradores com os nomes incluídos em espaços públicos.

Entre os nomes, consta o registro da rua dos sapateiros, dos agricultores, dos marceneiros, dos professores, entre outras (Camponez, 2005). Ao conversar com os moradores mais velhos do bairro é possível perceber claramente um orgulho por morar neste lugar, apesar de todos os problemas de infraestrutura e violência. Uma comunidade constituída por sujeitos diversos, dentre os quais se destacam aqueles com maior tempo de permanência no território, que se reconhecem por meio de suas lutas, conquistas, práticas de solidariedade e valorização dos pioneiros. Paralelamente, há sujeitos com menor tempo de residência no bairro, oriundos de distintas comunidades, regiões e do meio rural, contribuindo para a configuração de um tecido social heterogêneo. Todos, contudo, integram e compartilham o pertencimento a uma mesma comunidade escolar.

A escola neste local é formada por sujeitos distantes dos grandes centros, com suas práticas específicas e que possuem diversas variedades linguísticas, jargões, entre outras. Esse percurso histórico da comunidade e sua ligação com a pesquisadora de certo modo favoreceu o interesse em tratar da temática em tese de doutorado. De acordo com Eckert (2005), a terceira onda move o estudo da variação em uma nova direção, ao invés de definir variação de acordo com os falantes que usam a língua, busca identificar o significado que motiva eventos da variação individual, considerando que o significado da variação está diretamente ligado aos papéis sociais na construção de estilos.

Sabemos que as variações linguísticas emergem de situações práticas comunicativas, sendo motivadas pelo contexto de produção, pela faixa etária, sexo, profissão etc. Pautada nessa afirmação, Eckert (2000) discute o estudo da variação ao problematizar o uso do fenômeno linguístico presente nas comunidades de prática, entendendo que os indivíduos escolhem pertencer e compartilhar o repertório com a comunidade na qual se identifica.

Ao considerar todos os pontos já apresentados que justificam a realização desta pesquisa, alguns, em específico, suscitaram uma maior inquietação por parte desta professora pesquisadora. O primeiro deles é o fato de que um grupo de alunos, morando na mesma localidade, estudando no mesmo colégio, usam um repertório linguístico diferente. A segunda questão é que, apesar do bairro ter sido formado através da movimentação social organizada pelos próprios moradores, há um estigma depreciativo que minimiza as pessoas que vivem nessa localidade, pontuando que esse estigma é até hoje reforçado por alguns moradores, profissionais que prestam serviço na comunidade, como, por exemplo, alguns professores e pela comunidade externa.

Dessa forma, sobre influência de tais questões, esta pesquisa foi desenhada tendo como base os estudos da terceira onda da Sociolinguística, buscando responder as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Quais os motivos que levam os jovens a adotarem diferentes escolhas linguísticas em suas relações sociais?
- 2) A escolha do repertório linguístico está diretamente atrelada à identidade local do falante?
- 3) A comunidade de prática na qual o falante se reconhece pertencente influencia o seu comportamento e a escolha do seu repertório linguístico?
- 4) A conservação ou o abandono das variantes linguísticas estão relacionadas as crenças e atitudes linguísticas dos jovens em relação à localidade na qual vivem?

Dito isso, partimos das seguintes hipóteses, com o objetivo de alcançar as possíveis respostas para os questionamentos já elencados:

➤ A primeira hipótese desta pesquisa é que dentro de uma comunidade escolar² coexistam diferentes comunidades de práticas;

➤ A segunda hipótese, alinhada a primeira, entende que em uma comunidade escolar coexistam diferentes variantes linguísticas, mesmo sabendo que a instituição escolar privilegia o uso da linguagem formal, amparada nos preceitos da gramática normativa;

² É válido ressaltar que uma comunidade escolar também pode ser considerada uma comunidade de prática.

➤ Na terceira hipótese, aventamos que há nesta instituição escolar comunidade de práticas que são diferenciadas, entre outras formas, por meio da variante linguística utilizada.

➤ A quarta hipótese apresenta-se ao identificar que no repertório linguístico adotado pelos alunos há variantes que são mais marcadas socialmente;

➤ Outra hipótese é de que as variantes identificadas nas comunidades de práticas indexalizam uma persona.

➤ A última hipótese levantada para este estudo é de que a presença do rotacismo na fala desses alunos apresente um valor depreciativo na comunidade em questão.

Logo, as hipóteses aventadas contribuem, por meio da observação etnográfica, da coleta de dados, da análise qualitativa e quantitativa, para que, ao final deste estudo, possamos, com base em dados empíricos, possamos ser ou não confirmadas.

Seguindo a perspectiva da terceira onda da Sociolinguística, ao realizar esse tipo de estudo, as pessoas não são mais enquadradas em categorias, como observamos principalmente na primeira onda da Sociolinguística, pois, neste caso, as identidades são sempre múltiplas, plurais, de forma que um falante não pode ser reduzido a uma única categoria, uma única caixinha, jovem, homem, sulista, etc.

Sendo assim, para que se possa estudar as identidades sociolinguísticas, com base nessa nova perspectiva, o ideal é que o pesquisador direcione o olhar para as microcategorias/microcomunidades a fim de compreender a função social da variação linguística, abordando o indivíduo e a construção de identidade, estreitando os laços entre a língua e a prática social.

É importante pontuar que ao iniciar um estudo de terceira onda, muitas vezes, não há uma variante linguística pré-determinada para que o pesquisador inicie a coleta dos dados, pois o intuito, nesse caso, não é a ocorrência de uma variante em um determinado local, mas sim, como a comunidade em questão se comporta em relação ao uso social da linguagem, identificando a partir desse movimento uma variante que seja significativa dentro do grupo estudado, conforme ocorreu neste estudo.

Com relação à organização de um trabalho de terceira onda, acreditamos que seja muito válido pontuar para os pesquisadores que tenham interesse nessa abordagem, pois sentimos muita dificuldade nessa dinâmica de iniciar uma pesquisa sem ter exatamente uma variante linguística. O fato é que ao realizar este tipo de

estudo o primeiro passo é a observação da comunidade de prática e, por este motivo, às vezes, temos a impressão de não termos um fio condutor. No entanto, ao desenvolver da coleta de dados, as informações vão se alinhando, se complementando, de acordo com os objetivos levantados a partir da comunidade de prática estudada.

Dessa forma, ao realizar este estudo, temos como objetivo principal analisar as variantes linguísticas encontradas na fala de alunos do segundo ano do ensino médio de uma comunidade escolar de um colégio público, situado na periferia da cidade de Londrina-PR, observando a relação das variantes encontradas com a identidade linguística desses falantes. Assim, o foco é demonstrar, no âmbito dessa comunidade de prática, a interação que se estabelece entre os indivíduos, analisando especificamente a variedade linguística que os identifica como pertencentes a um grupo específico dentro de uma instituição escolar.

Para tanto, temos os seguintes objetivos específicos:

- I - Investigar o grau de pertencimento dos alunos às suas comunidades de práticas a partir da observação de suas respectivas redes sociais;
- II - Observar se há diferentes comunidades de práticas na instituição escolar em estudo;
- III - Identificar quais as variantes linguísticas que predominam nas diferentes comunidades de práticas, com um enfoque para o rotacismo, iotização e as gírias.
- IV - Constatar quais as características que indexalizam os falantes dentro de cada comunidade de prática;
- V- Verificar se há no repertório linguístico desses falantes uma variante que seja mais estigmatizada;
- VI – Analisar quais são as atitudes dos participantes da presente pesquisa em relação às variantes que os identificam enquanto comunidade de práticas.

Para este estudo, a tese está dividida em sete capítulos. Após esta introdução, temos o segundo capítulo, Fundamentação teórica, onde discutimos as principais teorias e definindo os conceitos nos quais nos amparamos acerca da heterogeneidade da língua. Neste capítulo, pautado em Labov ([1972] 2008), abordaremos a Sociolinguística Variacionista, assim como, os pressupostos teórico-metodológicos concernentes a tal linha de pesquisa. Em seguida, discutiremos os pressupostos das

três ondas da Variação Linguística a partir das considerações desenvolvidas por Penelope Eckert (2005).

Na sequência, no terceiro capítulo, “Variação linguística,” discutiremos as três variedades linguísticas pesquisadas neste estudo e a presença destas nas redes sociais, literatura e música. Também discutiremos o conceito de preconceito linguístico, além de retomar, de forma sucinta, alguns pontos da minha pesquisa de mestrado que também foi realizada nesta mesma comunidade.

No quarto capítulo, “Alguns estudos pautados na teoria da Terceira Onda da Sociolinguística”, revisitamos algumas pesquisas que foram produzidas na área da Sociolinguística, especificamente com base nos estudos da terceira onda. Elaboramos um copilado de sete pesquisas que se iniciou com os estudos de Eckert (2000) e finalizou com a dissertação de Nogueira (2019). Já o quinto capítulo, “Procedimentos teórico-metodológicos”, apresenta a metodologia que foi adotada para esta pesquisa, detalhando todo o processo de coleta e análise dos dados que possibilitaram a execução deste estudo.

O sexto capítulo, “Descrição e análise dos dados”, apresenta os dados coletados na comunidade de prática observada, buscando identificar como os informantes utilizam a língua de acordo com a construção de diferentes identidades. Nesse caso, o objetivo é apresentar a análise da fala dos informantes, ocasião em que os elementos identitários de cada falante serão levantados, com base nos discursos criados por eles durante as entrevistas. Encerrando esta tese, temos o último capítulo, as “Considerações finais” que retoma os objetivos iniciais e encerra a pesquisa revisitando as hipóteses de aventadas neste estudo. Na sequência, finalizamos com as referências que deram suporte à pesquisa e os apêndices que foram elaborados ao longo da coleta dos dados.

Deste modo, seguimos para o próximo capítulo deste estudo, abordando a Sociolinguística Variacionista e os pressupostos das três ondas da Variação Linguística a partir das considerações desenvolvidas por Penelope Eckert (2005).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

William Labov foi um dos principais autores a tratar da questão da variação linguística. Em meados dos anos 60, esse pesquisador inovou ao apresentar novas discussões a partir da heterogeneidade da língua. Neste capítulo, fundamentado em Labov ([1972] 2008), abordamos a Sociolinguística Variacionista, assim como, os pressupostos teórico-metodológicos concernentes a tal linha de pesquisa. Em seguida, discutimos os pressupostos das três ondas da Teoria da Variação a partir das considerações desenvolvidas por Penelope Eckert (2005), além de abordar, o conceito de comunidade de práticas, crenças e atitudes linguísticas.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Esta pesquisa está ancorada à luz da Sociolinguística Variacionista, haja vista que tem como proposta analisar a presença da variação linguística na fala de alunos de um determinado grupo escolar. A Sociolinguística Variacionista de modo geral propõe a análise da variação na língua falada em uma comunidade, observando como essa variação está relacionada a fatores sociais, culturais e individuais. Nessa abordagem é considerado como as pessoas usam diferentes formas linguísticas em diferentes contextos, relacionando-as com as características sociodemográficas, como gênero, idade, classe social, além de outros fatores.

William Labov, precursor dos estudos variacionistas, em uma de suas primeiras pesquisas, realizou um estudo com moradores da ilha de Martha's Vineyard, no estado americano de Massachussetts, tendo como motivação a mudança sonora ditongo (ay) e (aw) no inglês. Ao analisar a relação entre os fatores sociais com a linguagem usada pelos nativos dessa ilha, o autor identificou que o uso dos ditongos (ay) e (aw) era uma forma dos falantes se identificarem como nativos, distanciando assim das formas linguísticas utilizadas pelos turistas. Dessa forma, o uso da variante foi observado como uma característica do falar local e utilizado como uma forma de registrar a insatisfação com a presença maciça de turistas na ilha, buscando assim uma forma de manter a sua identidade social.

Com base nos resultados obtidos no estudo de Martha's Vineyard foi possível constatar como as escolhas linguísticas podem estar ligadas à identidade social de uma comunidade, constando que a linguagem é uma parte essencial da construção da identidade e da interação social. Desse modo, percebe-se que a pesquisa de Labov

buscou revelar também os fatores sociais que influenciavam no processo linguístico, pois “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21).

Segundo esse mesmo autor, a variação linguística não é um desvio das normas, mas sim uma característica natural da linguagem que está diretamente ligada à sociedade e à cultura em que é usada. Por isso, entender o significado social da variação é primordial para uma compreensão mais completa do papel da linguagem na vida humana.

É importante considerar que este olhar para o significado social da variação foi sendo esquecido ao longo das mais diversas pesquisas sociolinguísticas, pois houve neste momento o olhar para a variação e quais os fatores linguísticos e extralinguísticos a geravam a partir de coleta de dados em comunidades de fala estratificadas com base em categorias sociodemográficas amplas. Nos últimos anos temos a presença de um novo olhar que propõe o resgate do valor social da sociolinguística tendo a perspectiva do estilo, das comunidades de práticas – grupo de indivíduos engajados em função de um propósito – buscando investigar o papel do indivíduo junto às variáveis linguísticas (FREITAG, 2015).

Labov explica que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (Labov, [1972] 2008, p. 21).

Logo, seguindo os preceitos de Labov, esta pesquisa considera as características sociais dos alunos, entendendo como relevante considerar os aspectos da região na qual vivem e a escolha do repertório linguístico.

Dessa forma, ainda de acordo com esse autor, é imprescindível, em estudos sociolinguísticos, que as características sociais sejam consideradas como fatores que influenciam diretamente o comportamento heterogêneo de toda e qualquer língua. Camacho (2001), seguindo os preceitos de Labov, também aborda a necessidade de pesquisar a relação entre língua e sociedade em um determinado contexto social.

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero

recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (Camacho, 2001, p. 50)

É preciso olhar para o contexto social e para a teoria da linguagem como inerentes para compreensão da variação linguística, muito bem lembrada por Labov (2008), quando se trata de estudo da língua falada em analogia ao contexto social, lembrando sempre que numa comunidade onde os sujeitos partilham os mesmos anseios e agem para um bem comum, a linguagem também é um meio de afirmar o pertencimento a uma comunidade de práticas.

Ao abordar os preceitos da Sociolinguística é essencial refletir sobre a abordagem das Três Ondas apresentada por Eckert (2005) que relaciona cada onda em um momento de específico de pesquisa.

2.2 AS INTER-RELAÇÕES PRESENTES NAS TRÊS ONDAS DA SOCIOLINGUÍSTICA

As três ondas da sociolinguística vêm da perspectiva de Labov, desenvolvida na década de 60, que serve de arcabouço teórico para explicar as mudanças linguísticas. Assim, considera-se que essa perspectiva iniciou com estudo de Labov (1966) sobre o inglês da cidade de Nova York com o uso das variáveis e as categorias sociais, como classe socioeconômica, sexo, idade etc. Ele também observou um padrão regular e replicável de estratificação socioeconômica dessas variáveis, atribuindo um valor social à variação linguística. Esse conhecimento sociolinguístico a partir das ondas ampara este estudo.

Pautada na linguista norte-americana Penelope Eckert (2005), observamos as três vertentes de estudos, denominadas por essa mesma autora como ondas, que, apesar de terem princípios distintos, elas não se opõem umas às outras, mas sim, se complementam, tendo em vista que cada uma delas assimilou os avanços alcançados pela “onda anterior”. Para que seja possível identificar as características de cada onda, na sequência, faremos uma breve apresentação de cada uma.

De acordo com Eckert (2005), os estudos de primeira tem como objetivo realizar análises quantitativas buscando identificar em uma comunidade de fala os padrões sociolinguísticos, assim como a variável linguística e seus condicionadores linguísticos, sociais e estilísticos. O estudo pioneiro e modelar dessa prática é o de Labov (2006 [1966]) sobre a estratificação social do inglês em Nova York. O ponto

inicial dos estudos da primeira onda é a de que as variedades linguísticas refletem o *status* social de seus falantes, de forma que a comunidade de fala seja o recorte social da população estudada.

Já os estudos de segunda onda têm sua abordagem voltada para a etnografia, buscando relacionar as categorias sociodemográficas mais abstratas com o objetivo de provar como o vernáculo assume valores locais. Temos, nesse caso, a pesquisa realizada através da observação da identidade social e sua relação com a comunidade de fala (Eckert, 2000; Milroy, 1980). A principal característica desses estudos é o recorte da população, tendo como objetivo observar uma população menor, por um período maior, de forma que seja possível abordar a relação das categorias sociais com a prática social local.

Um outro ponto, com os estudos da terceira onda, temos uma mudança no olhar, deixando as comunidades de fala para analisar as comunidades de práticas, passando a observar como a estrutura se molda no cotidiano e sua relação com os condicionamentos extralinguísticos e os lugares sociais ocupados pelos seus membros. O estudo que ora desenvolvemos volta o olhar para essa terceira onda, pois observa a variação produzida pelo sujeito, alunos do ensino médio, no seu cotidiano social.

Os estudos da terceira onda fazem junção entre a metodologia quantitativa, a observação participante e uso de entrevistas sociolinguísticas, com objetivo de alcançar um olhar mais particular da variação linguística e do uso social linguagem. O uso de uma variante em detrimento da outra se configura, portanto, como a construção de um significado social e identidade local. A observação participante pode ser utilizada, segundo Campoy, Almeida

Quando se tem a intenção de recolher dados sobre o comportamento sociolinguístico de um grupo de informantes em seus contextos mais naturais e imediatos e o pesquisador não pertence à comunidade, pode ser usada a observação participante para superar os problemas do paradoxo do observador. O pesquisador entra em contato com um membro do grupo e é introduzido gradualmente, à medida que aumentar seus contatos na rede social através da primeira pessoa - técnica de "amigo - amigo" - e dele ter ganho a confiança, começa a ter de agir e se comportar como eles para se converter "aparentemente" em um membro (2005, p.142-143 - Tradução nossa)

O momento da observação participante é justificado devido à necessidade em se analisar não só questões relacionadas à fala no ambiente da comunidade de

prática, mas também a outros sistemas simbólicos, tais como a vestimenta, as relações interpessoais, a hierarquia, toda a organização da instituição que está sendo pesquisada. Somente dessa forma é possível estabelecer e relacionar esses sistemas simbólicos à construção da prática estilística da comunidade, como veremos mais detalhadamente no capítulo de análise dos dados.

Segundo Hora (2011, p.164), para a terceira onda,

[...] o significado da variação está em seu papel na construção dos estilos e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não simplesmente localizar variáveis nos estilos, mas em entender esta localização como uma parte integral da construção do significado social.

É importante vislumbrar que mais do que observar categorias sociais e sua correlação com a variação de determinado ponto do sistema, as pesquisas de terceira onda buscam demonstrar a correlação entre modos diferenciados de usar uma variante linguística dentro de espaços sociais determinados e sua vinculação a práticas em várias esferas simbólicas que modificam e norteiam a visão de mundo e o modo de agir de quem se vincula a elas. Sintetizando, essa nova forma de analisar a variação linguística visa demonstrar quais os significados sociais que estão por trás de desempenhos particulares.

Eckert (2005) defende que, diferentemente da primeira e da segunda onda, nas quais o foco são os dialetos, na terceira onda, o foco é no estilo, investigando as formas pelas quais os falantes combinam variáveis para criar modos distintivos de falar, tendo uma relação com a multiplicidade dos papéis sociais. A autora nos mostra que pesquisar o papel da variação na prática estilística, como na terceira onda, envolve não somente colocação de variáveis em estilos, mas uma compreensão do local analisado como uma parte integral da construção do significado social, pois tanto a identidade do indivíduo como das comunidades altera-se constantemente.

Os estudos de terceira onda sugerem uma mudança de olhar para uma abordagem da variação linguística, pois ao invés de definir a variação de acordo com os falantes que usam a língua, passam a buscar o significado que motiva as ocorrências das variações, sendo está ligada aos papéis sociais na construção dos estilos particulares.

Nesta tese, utilizamos os pressupostos teóricos da terceira onda na análise da variedade linguística presente na fala de um grupo de alunos de uma comunidade de

prática escolar. Tendo como base os vários preceitos de como cada onda se correlacionam, consideramos os conhecimentos postulados pela terceira onda ao realizar a coleta dos dados para a análise social da variação.

2.2.1 Compreendendo conceitos: Comunidade de fala e comunidade de práticas

O conceito de comunidade de fala é abordado desde o início dos estudos sociolinguísticos, tendo como uma de suas principais características a representação de um grupo de falantes observados, sendo de uma língua específica ou mesmo de um dialeto/variedade linguística. Labov (1969, p.150) aponta que a definição do que seja uma comunidade de fala está relacionada, na prática, à “participação em um conjunto de normas compartilhadas; normas estas que podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso”.

Como podemos constatar, para Labov (1969), o pertencimento a uma comunidade de fala é marcado pela avaliação que o falante demonstra a respeito de determinados fenômenos linguísticos. Muitos estudos sociolinguísticos estão pautados nesse tipo abordagem, de forma que o pesquisador, realizando um recorte geográfico, delimita a população que servirá como base para os seus estudos e a submete à coleta. Muitas vezes, ao analisar o comportamento do fenômeno linguístico dentro do recorte delimitado, distancia-se do significado do uso, deixando de fazer uma reflexão a respeito das variantes que estão sendo utilizadas na comunidade e uma possível relação com a construção da identidade dos falantes que ali residem.

A abordagem da terceira onda da Sociolinguística (Eckert, 2005) está vinculada ao estudo da ocorrência da variação linguística não só como um reflexo do lugar social, mas também como um recurso para a construção do significado social. Assim, a ênfase da pesquisa deixa de ser nas comunidades de fala e passa a ser nas comunidades de práticas.

O termo Comunidade de Prática foi, inicialmente, por Wenger (2010):

"O conceito de Comunidade de Prática (CoPs) tem suas raízes na tentativa de desenvolver uma explicação de caráter social da aprendizagem humana, inspirada na antropologia e teoria social (Wenger, 2010). O termo foi cunhado por Jean Lave e Etienne Wenger em seus estudos sobre a teoria da aprendizagem, para se referir ao processo de aprendizagem. Para Wenger (2010), a aprendizagem envolve relações sociais, abrangendo neste contexto, muito mais do que a relação mestre e estudante. A construção do conceito de CoPs se estrutura com base na aprendizagem e suas dimensões, podendo ser visto como um sistema de aprendizagem

social. Os cientistas sociais têm usado versões do conceito de comunidade de prática para uma variedade de fins de análise, ainda que a origem e o uso do conceito se verifiquem na área de teoria da aprendizagem (Wenger, 2010)³

Dessa forma, uma comunidade de prática pode ser composta por moradores de um condomínio; um time de futebol, grupo de trabalhadores, ou, como na comunidade analisada nesta pesquisa, um grupo de adolescentes de uma escola pública. A introdução desse novo caminho para a pesquisa ocorreu por duas pesquisadoras, Eckert e McConnell-Ginet (1992), as quais desenvolveram uma abordagem para a sociolinguística trazendo a identidade, não como uma entidade social com uma correlação entre traços linguísticos, mas como um fenômeno sociolinguístico construído por meio do emprego simbólico de traços linguísticos e sociais dentro de um determinado grupo para um determinado fim (MOORE, 2006, p.611).

Para Eckert e McConnell-Ginet (2010),

Comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento. Como construto social, uma comunidade de prática é diferente da noção tradicional de comunidade, sobretudo porque é definida simultaneamente pelos seus participantes e pela prática na qual eles se engajam. Na verdade, são as práticas da comunidade e a participação diferenciada de seus membros nessas práticas que estruturam socialmente a comunidade (Eckert; Mc Connell-Ginet, 2010, p. 102).

Eckert (2008, p.453) assume que, com esse novo olhar, ela não pretende “negar o interesse e a importância do trabalho que tem sido feito nesse sentido, mas notar que, ultimamente, o empreendimento variacionista (e a linguística como um todo) deve estar integrado a uma compreensão mais abrangente da linguagem como prática social”.

A comunidade de prática, então, pode ser delineada como uma estrutura social que assume a responsabilidade de desenvolver e compartilhar conhecimento para a

³ Citação disponível na revista “**Comunidades de prática: uma revisão bibliográfica sistemática sobre casos de aplicação organizacional.**” Fernandes, F. R., Cardoso, T. A., Capaverde, L. Z. & Silva, H. F. N. (2016). Comunidades de prática: uma revisão bibliográfica sistemática sobre casos de aplicação organizacional. *AtoZ: novas práticas em formação e conhecimento*, 5(1), 44 – 52. <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/46691/28744>

realização de um empreendimento comum. Segundo Wenger, Mc Dermott e Snyder (2002, p.30), esse *locus* é

[...] um domínio compartilhado que cria um senso de responsabilidade para o compartilhamento de conhecimento e, portanto, para o desenvolvimento de uma prática. [...] É um grupo de pessoas que interage, aprende junto, constrói relacionamento, por meio de um processo de desenvolvimento de um sentimento de pertença e compromisso mútuos.

Dessa forma, o conceito de comunidade de prática foi utilizado por Eckert nos estudos sobre variação linguística “para delimitar os locais em que as interações e os significados sociais são mais claramente indexados pela linguagem, e onde a variação linguística e o seu significado social são coconstruídos”.

Segundo Eckert e Mc Connell-Ginet (2010), as comunidades de práticas podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas, podendo sobreviver a várias mudanças de membros e estar intimamente articuladas a outras comunidades. Além disso, as pessoas fazem parte de várias comunidades de prática e a identidade individual delas é baseada nessa multiplicidade de participações que envolvem classe social, idade, sexo e etnia. Já a variedade linguística, dentro desta comunidade de prática, identifica os falantes, visto que além das vestimentas, dos costumes, o uso linguístico vai ser o marcador de identidade não só dentro desse grupo, mas também fora dele.

Para Camacho,

[...] a comunidade de prática desenvolve meios para fazer coisas que se traduzem em práticas e essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada em relação ao mundo em volta - uma definição tácita que assume um em relação ao outro e em relação a outras comunidades de prática. (2013, p.255),

Ao definir uma comunidade de prática como um *locus* de pesquisa sociolinguística tem-se um olhar voltado para a dimensão social do uso da linguagem. (Eckert,2000). Sendo importante esse tipo de delimitação social quando, por exemplo, o pesquisador pretende estudar fenômenos linguísticos que são delimitados pela adoção de variantes linguísticas que assegurem aos membros desse grupo o reconhecimento mútuo, aceitação e o pertencimento esperado.

Mendoza-Denton (1996) realizou um estudo de caráter etnográfico em uma escola pública urbana do norte da Califórnia. Ao longo de sua observação, a pesquisadora identificou alguns grupos distintos que se autodenominam como

ganguês, enquanto outros se autodenominam como Escoteiras, Grêmio Estudantil etc. Dentre os grupos identificados no ambiente escolar, a autora direcionou seus estudos para as garotas de ganguês, as Cholas, observando como elas se identificavam, desde a escolha de uma mesma cor para compor suas vestimentas, estilo de música, cor do batom e, principalmente, o tipo de delineado dos olhos.

Desta forma, ao realizar este estudo, observamos o grupo de alunos, buscando identificar suas principais marcas, vestimentas, costumes e uso linguístico como um marcador de identidade, com o intuito de delinear os fenômenos linguísticos mais recorrentes na fala desses jovens que participam ativamente de uma comunidade prática escolar.

Para tanto, ao incluirmos os estudos da terceira onda nesta pesquisa temos como foco principal demonstrar que as ocorrências linguísticas na comunidade de prática em questão são provenientes do processo de construção da identidade, das diversas interações sociais e do sentimento de pertencimento a determinado grupo.

2.2.2 Rede social

A menção de rede social na Sociolinguística refere-se às relações que um indivíduo mantém uns com os outros, nas quais interage linguisticamente. Ao realizar um estudo sociolinguístico, o pesquisador busca entender como as relações sociais e a linguagem estão interligadas, pois ao analisar a fala é possível identificar um marcador de afiliação social, cultural e política. De acordo com Bortoni-Ricardo,

[...] uma rede social é simplesmente um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo. O interesse na análise de redes nas ciências sociais não reside nos atributos das pessoas componentes da rede per se, mas antes, nas características dos vínculos em suas relações como meios de predição e explanação do comportamento dessas pessoas. (2011, p.15).

Quando utilizamos o conceito de rede social na sociolinguística, fazemos referência a um conjunto de relações sociais que uma pessoa mantém e que influenciam no uso da sua linguagem, apontando a partir desta ótica que as práticas linguísticas de um indivíduo também são marcadas pelo contexto social no qual está inserido.

De acordo com Severo (2007), o conceito de redes sociais foi desenvolvido na Antropologia Social, nas décadas de 1960 e 1970, e foi importado para os estudos

sobre a variação e a mudança linguística com o objetivo de explicar a relação entre os padrões da conservação do vernáculo e os de mudança com o passar do tempo.

Para Milroy (1980), o conceito de rede social reverbera a necessidade de olhar o falante por vários ângulos, sabendo que a sociedade na qual vivemos é multifacetada e dinâmica. De acordo com essa perspectiva, é possível interagir com pessoas diferentes que transitam em lugares distintos, trazendo em suas vivências novas experiências, ampliando ou transformando a cultura, as crenças e repertório linguístico.

Milroy (1987) realizou uma pesquisa sobre a variação da fricativa interdental sonora do inglês em contexto intervocálico a partir do comportamento de falantes de três comunidades proletárias de Belfast. A partir dos resultados da pesquisa, a autora identificou que a organização das redes sociais é estabelecida por laços sociais fortes ou fracos. A presença de laços fortes acontece por meio do contato diário e contínuo com parentes, amigos e vizinhos, contribuindo para um alto nível de intimidade. Em contrapartida, os laços fracos indicam atividades de interação não intensas e sem um vínculo de intimidade. Assim, ao observar esses laços é possível delimitar como é formada a rede social do falante que, de acordo com Milroy (1980), pode ser definida como a densa e a multiplexa.

Essa formação, de acordo com a autora, nos apresenta uma rede de alta densidade com vários pontos que se conectam ou, pode ser uma rede de baixa densidade, a qual apresenta pontos com grande espaçamento e sem elos de conexão. Ao observar a organização dessas redes é possível perceber que há uma relação entre redes de interação e a conservação ou não das variedades locais.

Os adolescentes analisados nesta pesquisa podem ser inseridos de uma forma ampla dentro de uma mesma classe social menos favorecida, pois todos são moradores de uma comunidade periférica e carente da região sul de Londrina. Mas, somente essa informação não é capaz de definir sua rede de interação, pois não considera as diferenças de ocupação, os grupos ao qual pertencem, entre outras particularidades que envolvem suas redes de interação. Dessa forma, se estes adolescentes estiverem inseridos em redes densas, este fato pode reforçar a propagação do falar local. Mas, se o oposto ocorrer, a rede frouxa pode gerar laços fracos que impulsionam o distanciamento da fala local. Por este motivo, é importante considerar que um adolescente normalmente participa de vários grupos, interage em

diversos ambientes, de forma que todo esse contato influência a construção da identidade, assunto que abordaremos na sequência.

2.3 CONCEITOS DE IDENTIDADE EM SOCIOLINGUÍSTICA

Ao realizar uma pesquisa em uma comunidade de prática (Eckert e McConnell-Ginet, 2010), é pertinente discutir a relevância do conceito de identidade⁴ para os Estudos Sociolinguísticos, sabendo que além da ciência da Linguagem, outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia, também apresentam pesquisas que são pautadas na construção da identidade. Ao realizar estudos sociolinguísticos, o pesquisador ao analisar a linguagem e a sociedade, precisa dialogar com os conceitos da Sociologia e da Antropologia com o objetivo de compreender “o papel da linguagem na construção da identidade dos falantes e a influência das identidades sociais em questões linguísticas”. (Casimiro, 2015, p. 30)

Pierre Bourdieu (2007), ao definir identidade, estabelece uma relação dialógica entre indivíduo e sociedade, buscando compreender o entrelaçamento entre as condições materiais, a estrutura socioinstitucional e a individualidade. Tais pontos são fundamentais para contribuir com a construção da identidade social, como, por exemplo, o conceito de *Habitus*.

Bourdieu (2007), define *habitus* como um

[...] sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (p. 191).

Ainda de acordo com esse autor, *habitus* é entendido como um molde que o indivíduo, de forma inconsciente, segue ao pensar, agir e ao avaliar o mundo e as pessoas. Esse molde é formado pelo resultado das experiências sociais vividas desde a infância, sendo a vida familiar um ponto crucial nesta formação. No entanto, é válido

⁴ Reafirmamos que o conceito de identidade é complexo e também passível de alteração a depender da corrente teórica na qual a pesquisa é fundamentada. Vários conceitos que são pautados na Sociologia e na Antropologia dialogam com os estudos sociolinguísticos. Assim, seguindo uma abordagem interdisciplinar, tais campos do conhecimento serão acionados de forma a contribuir para essa investigação do papel da linguagem na construção da identidade dos jovens e da influência das identidades sociais em questões linguísticas.

⁵ O artigo “Identidade nos estudos sociolinguísticos”, Sérgio Casimiro, apresenta uma detalhada pesquisa a respeito do conceito de Identidade nos diversos campos do conhecimento.

ressaltar que o conceito de *habitus* se filia a uma organização mutável, pois “sendo produto da história, é permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável” (Bourdieu, 2002, p. 83). Da mesma forma, as práticas sociais, de acordo com Bourdieu (2007), são parcialmente estruturadas pelo *habitus*, pois representam a internalização das regras baseada na posição dentro de um campo e das experiências em outros campos no qual ocorrem a interação.

Com base nos estudos sociolinguísticos, especialmente os que realizam uma abordagem estilística, entende-se que os falantes de uma língua se valem de variantes sociolinguísticas para produzir sentidos sociais e construir sua identidade. (Eckert, 2005; 2012). Neste caso, De acordo com Wenger (1998), a construção de identidade consiste em negociar os significados de nossa experiência de pertença a diferentes grupos sociais.

Estudos que investigam a relação da identidade com a comunidade de prática e o uso da linguagem estão cada vez mais em evidência, assim como o estudo da linguagem dos jovens e de suas identidades. Fato esse que reforça a relevância desta pesquisa ao abordar as variantes mais recorrentes na fala dos adolescentes, observando a relação da escolha da variante com a identidade do falante, identidade esta que é fluída, sendo moldada por experiências, relações e contextos sociais. Labov ([1972] 2008), ao realizar seus estudos, já refletia sobre a importância de considerar a vida social da comunidade ao analisar o uso da variação linguística, considerando que o contexto e as relações sociais também influenciam nas escolhas linguísticas.

Battisti (2014) realizou um importante estudo abordando a relação da identidade com a linguagem do falante. A autora desenvolveu um estudo sobre a palatalização de [ti] - tia-tjia - e [di] - dia-djia, em Antônio Prado-RS, considerando o conceito de *habitus* de Bourdieu (1977) para relacionar as identidades individuais com práticas que se adquirem no processo de socialização dos indivíduos, da vida em sociedade. Tais práticas, por sua vez, vão definindo identidades que são passíveis de mudança ao longo do tempo a partir da participação em diferentes comunidades, pois “a construção de identidade consiste em negociar os significados de nossa experiência de pertença a diferentes grupos sociais” (Battisti, 2014, p. 81).

Os informantes que ora selecionamos para este estudo caminham para essa construção de identidade, pois moram no mesmo espaço local, pertencem aos

mesmos grupos sociais, igrejas, espaço escolar, lazer, comungam das mesmas experiências históricas e sociais. Fato que nos faz considerar, segundo Oushiro (2019), que “a identidade, portanto, não é um atributo pessoal, muito menos uma posse; ela é um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo” (Oushiro, 2019, p. 309), sendo construída a partir das experiências vivenciadas na comunidade em que vivem.

Dessa forma, é possível observar o papel do indivíduo que negocia suas identidades com outros indivíduos, grupos e comunidades na qual se relaciona. Gumperz (1971, p.151-153) salienta que

[...] em última instância, é o indivíduo que toma a decisão, mas a liberdade de escolher está sempre sujeita a restrições tanto gramaticais quanto sociais. As primeiras se relacionam com a inteligibilidade das sentenças; as segundas com sua aceitabilidade. [...] O poder de seleção, portanto, é limitado por convenções que servem para categorizar formas linguísticas como informais, técnicas, vulgares, literárias, humorísticas etc.

Assim, ao realizar um estudo que aborda as variações linguística, é importante analisar também as motivações que influenciaram tais escolhas, pois além de observar quais são as variantes mais recorrentes, se faz necessário considerar as escolhas linguísticas do falante na construção de sua própria identidade.

Ao analisar a língua de um determinado local encontramos diversas variedades e cada variedade representa características próprias do uso do falante. Labov (2008 [1972]) em seu estudo feito na comunidade da ilha de Martha's Vineyard concluiu que quando os falantes da ilha centralizavam mais os fonemas, estavam inconscientemente expressando o fato de que pertencem a ilha: a alta centralização de (ay) e (aw) estava intimamente correlacionada a expressões de grande resistência às incursões dos veranistas. No entanto, aqueles que reagiram positivamente ao turismo apresentaram em menor escala ou não apresentaram essa centralização. Esse estudo evidenciou um padrão unificado na comunidade de Martha's Vineyard, no qual exprime o significado dos ditongos centralizados.

Sobre isso, Labov 2008[1972]) disserta:

A ilha possui, pela pressão econômica, a dependência do turismo. A crescente dependência em relação ao turismo de verão atua como uma ameaça à independência pessoal deles. O estudo dos dados mostra que a alta centralização de (ay) e (aw) está intimamente correlacionada a expressões de grande resistência às incursões dos veranistas. (Labov, 2008 [1972], p.48)

Em tal estudo, a identidade e atitude mostrou ser um ponto significativo ao observar a presença ou não da variante linguística. Semelhante à Labov (2008 [1972]), esta pesquisa em questão busca compreender a relação da presença da variação linguística e o sentimento de pertencimento e afiliação nas comunidades de práticas observadas.

Labov (2008[1972]) aborda a noção de prestígio encoberto para explicar o desejo do falante de manter sua identidade no interior de seu grupo social. Se um indivíduo deseja se integrar a um grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo. Nesse caso, determinadas formas de linguagem se investem de um “status” particular, embora sejam desprovidas de prestígio na comunidade linguística em geral (Paiva, 2003, p.40 apud CYRANKA, 2007, p.57).

Este estudo foi muito relevante à área, uma vez que abre caminhos para se pensar em como a variação e a mudança linguística sofrem pressões sociais. De acordo com Labov (2008 [1972]):

A contribuição de forças internas, estruturais, para a efetiva difusão das mudanças linguísticas, deve ser naturalmente o foco de atenção de qualquer linguista que esteja investigando esses processos de propagação e regularização. No entanto, uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específico, o que exige uma explicação. (Labov, 2008 [1972], p.20)

Dessa forma, alguns valores atribuídos a uma forma linguística podem ser negativos, o que faz com que ela esteja sujeita automaticamente à avaliação negativa dos usuários da língua. Os falantes atribuem valores sociais a um fenômeno variável superavaliado, prestigiando ou estigmatizando um uso linguístico, como é o caso dos fenômenos linguísticos definidos para esta pesquisa.

Por conseguinte, as variedades linguísticas também têm a função de realizar a denúncia dos julgamentos sociais, abrindo espaços para marginalizar os falantes que fazem usos de formas desprestigiadas na sociedade. Pautada na relação entre a variação linguística e a sociedade, constatamos que um dos principais pontos da Sociolinguística é justamente constatar de que não há informações concretas para afirmar que uma variante linguística é melhor do que a outra. Além disso, esta pesquisa, da mesma forma que muitas outras já realizadas, buscam demonstrar,

assim como a de Labov, na comunidade de Martha's Vineyard, que muitas formas linguísticas recebem avaliação positiva ou negativa como uma maneira de reforçar a identidades do falante.

Logo, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que uma forma é avaliada negativamente em uma comunidade linguística, em outra, ela pode ser avaliada positivamente pelos participantes da comunidade, sendo uma forma de se aliarem a um grupo social a qual pertencem. É importante frisar que ao observar a valoração ou não de uma forma linguística, deve-se conhecer como as crenças, atitudes e avaliações linguísticas interferem na aceitação da forma linguística e no processo de constituição da identidade de uma comunidade. Dito isto, na seção seguinte discutiremos o conceito de crenças e atitudes linguísticas.

2.4 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Ao realizar este estudo com base no uso da variação linguística e na relação desta na construção da identidade e do comportamento linguístico dos alunos do Ensino Médio é necessário, também, considerar quais as crenças e as atitudes linguísticas acompanham estes adolescentes.

Ao abordar a crença linguística nos referimos as convicções ou opiniões que os indivíduos têm em relação à linguagem, assim como, a atitude linguística indica a avaliação dos falantes a respeito da forma linguística. Freitag (2016, p.901) define como crença “uma manifestação verbalizada sem reações afetivas, enquanto as atitudes podem se manifestar de modo não verbalizável, mas permeadas por reações afetivas em relação ao objeto em questão”.

De acordo com Lambert e Lambert (1972), o estudo das crenças linguísticas é uma área significativa em campos como a sociolinguística e a psicolinguística, oferecendo insights sobre a relação complexa entre linguagem e cultura. Segundo López Morales (1993, p. 233), as crenças e atitudes linguísticas, podem ser verificadas em três componentes: o cognoscitivo, afetivo e conativo:

[...] el cognoscitivo, em el que incluyen las percepciones, las creencias y los estereótipos presentes em el individuo; el afectivo, referido a emociones y sentimientos, y el de comportamiento, que se describe como la tendencia a actuar y a reaccionar de cierta manera com respecto al objeto. (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233)

As crenças e as avaliações linguísticas são, portanto, parte fundamental da atitude e dizem respeito ao que os indivíduos acreditam, pensam, sentem a respeito de algo. As crenças linguísticas são influenciadas por fatores educacionais, culturais e sociais. Tais crenças podem abranger uma ampla variedade de aspectos linguísticos: desde questões gramaticais, vocabulários, atitudes em relação a diferentes dialetos, línguas estrangeiras ou variações linguísticas.

Lambert (1964) considera que a atitude linguística de um falante é pautada no conjunto de crenças, conhecimentos, afetos e a tendência a se comportar de determinada forma diante da língua ou de uma situação sociolinguística. Tais atitudes podem influenciar o comportamento linguístico do indivíduo, incluindo suas escolhas de linguagem, interações sociais e percepções sobre diferentes formas de fala. O falante pode manifestar uma atitude linguística positiva, negativa ou neutra em relação a uma língua estrangeira, um sotaque específico, um estilo de fala informal, variação linguística, entre outros. É válido ressaltar que as atitudes linguísticas muitas vezes estão vinculadas a estereótipos linguísticos, nos quais certas formas de falar são associadas a características sociais, culturais ou intelectuais específicas, resultando na valorização ou desvalorização da forma linguística.

Para Lambert e Lambert (1972), as atitudes agem na predisposição do comportamento dos indivíduos, afetando os julgamentos e as percepções de uns com relação aos outros. Além de incluir as crenças, os pensamentos e os sentimentos que podem suscitar algumas percepções sobre o "prestígio" de uma língua em comparação com a outra, assim como, estigmatizar sotaques e variações linguísticas.

Desse modo, ao observar a relação da atitude linguística com o uso da linguagem na comunidade é extremamente importante, pois nos mostra como as formas linguísticas podem transmitir valores afetivos, prestígio ou estigma. Ao depender do status ou da valoração de um grupo, sua variedade pode ter um valor positivo ou negativo.

A mesma variedade pode ser objeto de atitudes positivas ou negativas, dependendo da avaliação que se faz do grupo em que se fala: as atitudes são geralmente a manifestação das preferências e convenções sociais acerca do status e do prestígio dos falantes. (Moreno Fernández, 1998, p. 181)

Dessa forma, ao realizar um estudo das variantes linguísticas deve-se identificar quais formas, entre os falantes, recebem uma valoração positiva, pois estas

são mais facilmente identificadas. Já as formas com uma avaliação negativa são mais estigmatizadas no grupo, fazendo com que os falantes, buscando fugir do estigma, monitorem mais a sua fala com o objetivo de não serem avaliados. Ao abordar o tema da avaliação linguística é importante destacar que a forma como um ouvinte/falante mensura os valores que carrega consigo, sugere que esses valores serão associados à produção linguística de si mesmo e de seus interlocutores.

Ao realizar estudos para mensurar a atitude linguística, uma das formas mais reconhecidas é a técnica *Matched Guise*. Por meio dessa técnica é possível identificar se a atitude do falante em relação a uma forma linguística é positiva ou negativa. Lambert (1967) apresenta a técnica *Matched Guise* (técnica dos “falsos pares”) com o objetivo de identificar e inferir atitudes linguísticas de um determinado grupo. Tendo como base a técnica dos falsos pares, realizaremos nesta pesquisa, uma abordagem sobre as atitudes dos adolescentes frente as variantes linguísticas selecionadas para esta análise

Labov (2008 [1972]) considera a técnica *Matched Guise* como instrumento básico para o estudo de atitudes subjetivas em relação à linguagem, destacando que:

O princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é o de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão. Essas atitudes não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre os dialetos; mas se ela fizer dois conjuntos de julgamentos de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes da língua, e se não perceber que é o mesmo falante, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações. (Labov, 2008 [1972], p. 176).

Tendo como base os preceitos de Labov para aplicar a técnica de *Matched Guise*, utilizamos para esta pesquisa um questionário pautado nesta técnica com o objetivo de avaliar as atitudes dos participantes com relação às variantes observadas.

No próximo capítulo abordaremos, de forma mais específica, as três variedades linguísticas pesquisadas neste estudo e a presença destas nas redes sociais, literatura e música. Também discutiremos o conceito de preconceito linguístico, além de retomar, de forma sucinta, a minha pesquisa de mestrado realizada nesta mesma comunidade.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Ao estudarmos o repertório linguístico de um falante é importante observar o uso das variedades linguísticas dentro de um grupo social, pois cada falante tem experiências históricas, sociais e culturais diferentes e estas refletem em seu idioleto, que pode variar conforme a in/formalidade do contexto de interação, ou seja, em contextos mais formais, por exemplo, o falante tende a usar um estilo mais monitorado, fazendo uso de variantes que ele julga serem de maior prestígio (LABOV, 2008 [1972]). De acordo com Mendes (2005), a variação linguística é inerente a toda e qualquer língua viva do mundo, variando dentro de um espaço geográfico e social.

A variação linguística acontece naturalmente durante a comunicação e é definida pela diversificação da linguagem, ocorrendo na pronúncia, no vocabulário, na morfologia ou sintaxe. De acordo com Tarallo (1985), a língua pode ser determinante para identificar as comunidades de fala, além de apontar as diferenças sociais na comunidade. Tais variações podem ocorrer por consequências de diversos fatores: região geográfica, sexo, idade, classe social ou até mesmo o grau de formalidade no contexto comunicativo, de forma que a língua, dinâmica e flexível, se adapta e se modifica de acordo com cada situação de comunicação.

Para Labov, 2008 [1972], as variações, resultantes da interação entre fatores internos e externos à língua, não podem ser analisadas fora da vida social de uma comunidade de fala, pois é a partir das relações complexas dos seres humanos e da sociedade que surgem os conflitos e transformações, que mudam a língua. Dessa forma, a alteração das regras de funcionamento da língua ocorre a partir do uso dos falantes que, de forma imperceptível ou inconsciente, tornam-na mais adequada ao processo de comunicação e interação social. É impossível estudar a língua sem estudar, simultaneamente, a sociedade em que essa língua está inserida, haja vista que língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas. (BAGNO, 2007)

A variação linguística, segundo Lemle, 1978, é intrínseca a linguagem, tendo como resultado a diversidade de grupos sociais e da relação que estes mantêm com as normas linguísticas. Assim, o Brasil, que é um país extremamente diversificado, a heterogeneidade linguística se faz presente de forma natural e inevitável. Por se tratar de um processo tão natural da nossa língua, a variação linguística está presente em

todos os níveis da língua: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático.

Dessa forma, os fatores que condicionam as variações são de ordem interna (estrutural) e de ordem externa (social). Consoante à sociedade, a língua apresenta variações diatópicas, diacrônicas, diastráticas e diafásicas, considerando que, de acordo com cada situação, o falante apresentará um repertório linguístico mais adequado ao contexto, selecionando algumas variedades linguísticas em detrimento a outras. Podemos citar como exemplo um professor, que determina a sua variedade linguística de acordo com o momento de interação. Se estiver lecionando, escolherá um repertório linguísticos que, provavelmente, será diferente de quando estiver com a família, com seus amigos, na academia ou na igreja, pois em cada situação de interação social teremos o ajuste da variedade linguística.

Logo, a língua, que é um instrumento social, está em constante mudança, transformando-se diariamente, de acordo com o papel social e pela situação comunicativa assumida pelo indivíduo. Sendo assim, a variação linguística ultrapassa os espaços temporais e sociais, uma vez que são vários os modos de comunicação entre os falantes que se expressam conforme a escolaridade que possuem e a situação comunicativa na qual estão inseridos.

Nesta mesma abordagem, se faz importante também definir que a variável linguística é um elemento ou regra que se concretiza de maneiras diferentes, pois cada uma das realizações possíveis de uma variável é chamada de variante. Entendemos que variante é “cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa” (Bagno, 2007, p. 50). Seguindo essa abordagem, Mollica (2004) afirma que uma variável é concebida como dependente, pois o emprego das variantes não é aleatório, mas é influenciado por grupos e fatores de natureza social ou estrutural. Dessa forma, “as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência” (Mollica, 2004, p.11).

Ao definir o lócus desta pesquisa consideramos que a escola é um dos ambientes mais favoráveis para a observação da variação linguística, pois recebe pessoas de diferentes grupos, regiões, idades e classes sociais, tornando-se um local ideal para análise da variação linguística. Além disso, também é na escola que se aprende que existe uma padronização para a língua, sendo assim, coexistem nesse mesmo espaço a norma-padrão a variedade não-padrão. A escolha de determinada

forma linguística ao invés de outra está diretamente relacionada ao seu interlocutor, considerando a faixa etária, o sexo, a condição socioeconômica e nível de escolaridade, além da influência das redes sociais no uso de uma ou outra variante linguística.

Assim, torna-se um grande desafio lidar com a variação linguística dentro desse espaço social que é a escola⁶, pois o debate sobre o repertório e adequação linguística deve ser constante para assim desconstruir os estigmas e minimizar o preconceito linguístico entre os alunos e professores.

Ao realizar esta pesquisa selecionamos, a partir da observação etnográfica e também de alguns dados relevantes de outro estudo desta pesquisadora⁷, as variantes mais recorrentes e mais significativas presentes na fala dos adolecentes participantes desta análise. É válido mencionar que existem outras variantes presentes, mas para este estudo definiu-se apenas três variantes, rotacismo, iotização e as gírias, pois consideramos que estas atuam como uma marca da fala deste grupo de alunos. Na sequência faremos uma abordagem de cada variante e alguns estudos já realizados.

3.1 ROTACISMO

O rotacismo faz parte da classe de fenômenos mais registrados e pesquisados no português brasileiro. O rotacismo ocorre por meio da troca da lateral líquida [l] pela vibrante simples ou tepe [r] (Silva, 2011), como, por exemplo, “bicicleta” por “bicicreta”. Essa variante é recorrente também na comunidade na qual estamos realizando esta pesquisa, fato que iremos observar ao longo deste estudo. Salientamos que esse fenômeno surgiu provavelmente da neutralização dos dois fonemas, ocorrendo a partir da troca da lateral líquida [l] pela vibrante simples ou tepe [r] (Silva, 2011), como, por exemplo, “blusa” por “brusa”. Essa neutralização dos dois fonemas surge, possivelmente, devido ao fato de os fonemas terem o ponto articulatorio muito próximo, conforme pontuam Mollica e Paiva, 1991. Dessa forma, “a prática do rotacismo ocorre, então, em

⁶ Apesar desta pesquisa ocorrer no espaço escolar, não abordaremos, neste momento, a Sociolinguística Educacional, pois o enfoque deste trabalho é abordar o uso social da linguagem nas comunidades de práticas. Uma possível continuação para este estudo seria estabelecer uma correlação com os preceitos Sociolinguística Educacional.

⁷ O estudo realizado por esta pesquisadora será detalhado na sequência deste capítulo.

três contextos silábicos: em coda medial, como em *alface* > *arface*, em coda final, *sal* > *sar* e em grupos consonantais, *globo* > *grobo*". (Busse e Cristino, 2020, p. 89522)

Ao estudar o fenômeno do rotacismo, consideramos as variáveis internas, como os "fatores de natureza fonomorfofossintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais" (Mollica, 2010, p. 11). Já as variáveis externas estão nos fatores sociais (classe social, escolarização e renda), além das condições próprias dos falantes (sexo e idade).

Cardoso e Ferreira (1994) evidenciam que os falantes de uma mesma língua, mas moradores de regiões diferentes, apresentam diferentes aspectos linguísticos e "se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação" (Cardoso; Ferreira, 1994, p. 12), justificando, dessa forma, os variados falares encontrados no país. No entanto, o processo de rotacismo é marcado pelo estigma, pois é usualmente empregado para indicar um vínculo às classes mais desfavorecidas da população, sofrendo vários julgamentos negativos por parte dos grupos sociais dominantes.

Ao considerar o ponto de articulação encontramos muitas semelhanças, pois ambas são realizadas com a ponta da língua tocando os alvéolos dos dentes. Entretanto, são fonemas distintos no português, pois ao considerar os pares mínimos idênticos ou análogos de palavras, a troca de // por /r/ pode implicar em mudança de significado como, por exemplo, no caso das palavras "mal" e "mar" (Freitag, et al., 2010). Vários estudos foram desenvolvidos no Brasil sobre o fenômeno do rotacismo no português brasileiro, seja na perspectiva sociolinguística, seja na perspectiva geolinguística, como, por exemplo, Costa (2006), Reis (2010) e Muniz (2019).

Barreto e Massini-Cagliari (2020) desenvolveram um estudo que tem por finalidade promover reflexão a respeito de dois fenômenos, rotacismo e o lambdacismo, que, rotineiramente são alvos de preconceito linguístico. Em busca desse objetivo, as autoras voltam o olhar para o período medieval do idioma, com intuito de identificar como ocorreu o processo de padronização ortográfica da Idade Média para a Contemporânea, haja vista que essa transposição foi determinante para a construção de uma atitude discriminatória diante desta variação.

Dessa forma, o foco desse estudo foi abordar a variação entre "L" e "R" na escrita das cantigas medievais galego-portuguesas, compostas nos séculos XIII-XIV, em manuscritos que datam de diferentes épocas, desde o século XIII até o XVI. Segundo as mesmas autoras, na Idade Média era comum construções como *groriosa*

e eram encontradas de forma recorrentes em textos dos cancioneiros medievais galego portugueses, textos esses que eram elaborados pelos mais eruditos e privilegiados daquela época. Portanto, a partir dos resultados desse estudo das autoras com textos poéticos da época medieval, é possível elencar subsídios para o ensino da língua portuguesa na atualidade, além de suscitar uma reflexão e um debate sobre a permanência do preconceito linguístico, haja visto que, os dados analisados revelam que estruturas que hoje são discriminadas, consideradas como erro, “na verdade, são fruto da deriva histórica natural do idioma, de tendências de mudanças presentes no nosso passado desde a nossa origem latina, e que nada têm de ignorância ou fruto de déficit cognitivo”. (Barreto, D., & Massini-Cagliari, G. 2020, p.54)

Ao realizar a observação, percebemos que o fenômeno do rotacismo apareceu na fala de alguns alunos, fato que, em alguns casos, gerava piadas e comentários vexatórios. Dessa forma, ficou bem explícito que nesta comunidade o rotacismo também é um fenômeno marcado e estigmatizado socialmente.

3.2 – lotização

Conforme já mencionamos neste estudo, o outro fenômeno que apresentou uma ocorrência significativa no grupo observado é a lotização. Esse fenômeno que trata da transformação do /lh/ em /i/ é um tipo de assimilação, chamado na Linguística de palatalização que, segundo Bagno (2007), advém da dificuldade de pronúncia do [ʎ] (símbolo fonética do ‘lh’), que ocorre por conta da elasticidade do dorso da língua.

A palatalização é fenômeno diacrônico, estudado pela Fonética Histórica, uma vez que o "lh" é um dígrafo consonantal, onde duas letras são usadas para fazer a representação de um só som, um só fonema (Bechara, 2009). Alguns exemplos desse fenômeno está presente nas palavras: filiu > filho, palea > palha, muralia > muralha, aranea > aranha, pinea > pinha, ingeniu > engenho,

De acordo com Bagno (2005), o /ʎ/ é pronunciado tocando a ponta da língua no palato – “céu da boca” – muito perto de onde é produzida a semivogal /y/. A produção desta semivogal, de maior facilidade, na variante não-padrão do português assume o lugar do "lh": traba[ʎ]o > traba[y]o; o[ʎ]o > o[y]o; ve[ʎ]o > ve[y]o. Neste fenômeno temos o favorecimento da troca do lh por i, considerando que a vogal i é muito mais fácil de ser pronunciada do que o lh, fato esse que faz com que essa troca seja tão frequente no falar brasileiro.

Em sua pesquisa, Socorro Aragão (1996) realiza um estudo sob um viés variacionista a partir da análise de uma amostragem de seis entrevistas extraídas de um banco de dados, observando como ocorre a despalatalização, a iotização e o apagamento no português falado em Fortaleza. Ao analisar os áudios extraídos das entrevistas, a pesquisadora, além de analisar os fenômenos fonético-fonológicos, buscou também relacioná-los aos contextos extralinguísticos (região, escolaridade, faixa etária).

A partir da análise preliminar dos dados, Aragão (1996) observou que a despalatalização e iotização estão sempre interligadas, pontuando que além dos aspectos fonético-fonológicos ou proveniente de uma articulação defeituosa ou relaxada, há que se considerar também os fatores sociais ou diastráticos, já que estudos apontaram que esses fenômenos ocorrem com falantes de pouca escolaridade. Além do mais, também deve-se considerar que o fator geográfico, uma vez que a baixa escolaridade, na maior parte dos casos, está diretamente ligada a falares rurais ou de regiões mais afastadas.

Ao considerar a presença recorrente deste fenômeno na fala de várias regiões, nota-se que as pessoas acabam assimilando esse uso e nem percebem mais que ele é “diferente” dos outros. No entanto, apesar desse fenômeno ser recorrente no falar brasileiro, é perceptível que essa variante é acompanhada de estigma, pois é constantemente relacionada a episódios de preconceito linguístico.

Ao pesquisar sobre esse fenômeno, observamos que é recorrente na fala dos adolescentes/participantes desta pesquisa, que apresentam no seu repertório linguístico as variantes como “trabaio”, “fio” e “muié”. Da mesma forma, também é possível identificar essas ocorrências nas redes sociais, em letras de músicas e em outros registros da fala dos jovens em outros contextos sociais.

3.3 - Gírias

Como já mencionamos aqui, a língua representa a cultura de uma sociedade e os diferentes dialetos dentro de uma língua não só representam grupos sociais diversos, mas refletem as relações entre eles. Ao observarmos a linguagem da periferia, é comum identificar a presença de diversas gírias que são representativas naquele contexto, mas que também já foram apropriadas por outros grupos de diversas localidades e são propagadas através de diversas manifestações culturais, estilos musicais e pelo uso das redes sociais.

A gíria, segundo Dino Preti (1984), é um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada em várias situações e pelos mais diversos tipos sociais de falante. Normalmente está presente em grupos restritos que utilizam essa linguagem como uma marca identitária, de pertencimento a um coletivo. Para Faraco (2008), o senso de pertencimento inclui o uso de uma forma de falar característica das práticas de um grupo.

De acordo com Preti (1996), a gíria é um vocabulário de todas as épocas e de todos os povos. Sabemos que a língua, reflete a cultura de um povo e sem o uso partilhado de um código linguístico não há comunicação entre as pessoas e tampouco integração social. “É comum que uma língua tenha diversas alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa.” (LABOV, [1972] 2008, p. 221, destaque do autor).

Isso nos revela que as escolhas linguísticas estão diretamente relacionadas a fatores sociais, dessa forma, quanto maior o prestígio de uma classe social, maior será a valorização da variante linguística utilizada por ela. Da mesma forma que as classes de menor prestígio social terão suas variantes linguísticas rejeitadas e estigmatizadas pela classe dominante.

Dessa forma, o uso da gíria reflete o comportamento social de um grupo, identificando seus usuários de acordo com a escolha da variável linguística presente no seu repertório linguístico, expressando a cumplicidade e identidade de um grupo.

O certo é que, independentemente de leis e decretos regularizadores da boa linguagem ou de quaisquer campanhas moralizadoras, independente da ação dos meios de comunicação de massa, nivelando as variações pela norma comum, ou da imposição do dialeto culto pela escola, a gíria, esse vocabulário continuará como elemento diferenciador e catártico, a que certos grupos (e afinal, as camadas mais diversas da população) jamais renunciariam, sob pena de perderem uma das formas mais eficientes de marcarem sua presença na grande comunidade. (Preti, 1984, p. 8)

Assim, a escolha de determinada palavra do seu repertório linguístico denota o conhecimento do falante e, além disso, expressa, também, sua opinião e sua identidade, pois o indivíduo sempre busca optar por uma variedade específica ligada a seu grupo social. Especificamente, no corpus desta pesquisa, destacamos a

recorrência de algumas gírias, como “mano, parça, baguio⁸”, por exemplo, que representa a comunidade de práticas observada.

Por conseguinte, é válido ressaltar que reconhecemos a heterogeneidade e a diversidade da língua, assim como, sabemos da importância do domínio das regras linguísticas de maior prestígio, mas, de forma alguma, desvalorizamos nenhuma variedade linguística adquirida nas relações sociais.

Faraco (2012) corrobora ressaltando que não é possível o padrão superar a diversidade, pois, para isso, seria necessário homogeneizar a sociedade, a cultura e estancar o movimento e a história. Com base no exposto, “devemos rejeitar a impressão de que aqueles que falam fora da norma culta são rudes, poucos inteligentes, ignorantes e incultos”. (Antunes, 2007, p.100).

Ainda de acordo com Antunes, 2007, todos os falares são legítimos e apropriados a diferentes situações de comunicação. No entanto, notamos que algumas variedades são mais estigmatizadas socialmente, principalmente os falares rurais e de grupos urbanos periféricos, como observamos neste estudo. Apesar das diversas abordagens sobre esse tema, algumas formas que se afastam da língua padrão, prestigiada socialmente, ainda são alvos de preconceito, mesmo sabendo que fazem parte de um dos elementos que constituem a identidade do indivíduo, tanto de maneira individual quanto dentro dos grupos sociais a que pertence.

Para Bortoni-Ricardo (2014, p. 27), “peculiaridades do sistema fonológico de uma língua funcionam como marcas objetivas de identidade de seus falantes, permitindo que seus interlocutores identifiquem sua origem” como marca identitária. Assim, as variantes linguísticas estigmatizadas também possuem a função de assegurar a identidade do indivíduo com um determinado sistema de valores sociais. Paiva (2003) apresenta essas variantes como formas compartilhadas por um grupo, as quais marcam a individualidade dos que pertencem a ele com relação a outros grupos sociais. Segundo a autora, “se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo.” (Paiva, 2003, p. 40).

Desse modo, analisar a influência de determinadas formas linguísticas nas práticas sociais dos grupos é essencial para entender a escolha do repertório

⁸ Na gíria “baguio” temos também um fenômeno de despalatização.

linguístico, a identidade e as relações entre os membros de uma comunidade de práticas. Na sequência, abordamos a presença de algumas variedades linguística que podem ser encontradas em outros contextos sociais

3.4 REPRESENTAÇÕES DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NA MÍDIA

Durante o período da coleta de dados algumas questões despertaram algumas inquietações, principalmente com relação ao uso de algumas variedades que podem ser encontradas em outros contextos sociais, mas que o uso na comunidade observada denota um estigma. Podemos perceber essa percepção com o uso das gírias, que ainda é carregado de estigma por grande parte dos moradores.

É válido refletir que nas últimas décadas observamos uma crescente visibilidade de pessoas que advêm da periferia das mais diversas regiões. Com isso, temos uma representação, mesmo que, na maioria dos casos, repleta de estereótipos, da cultura periférica na televisão, no cinema e, também, na literatura. Mais recentemente, temos as redes sociais e as plataformas de podcast que possibilitam uma amplitude do discurso periférico.

Ressaltamos que ao abordar o conceito de cultura periférica nos remetemos a um “conjunto simbólico próprio dos membros das camadas populares que habitam bairros periféricos. [...] A cultura de periferia é a junção do modo de vida, comportamentos coletivos, valores, práticas, linguajares e vestimentas[...]” (Nascimento, 2011, p.24).

A representatividade da cultura periférica por meio das gírias, do modo de vestir, da música, proporcionam um processo de autoafirmação, de se reconhecer em outros ambientes que não seja somente a sua comunidade, evitando estigmas ou preconceito. De acordo com José Magnani, “ser da periferia significa participar de um certo *ethos* que inclui tanto uma capacidade de enfrentar as duras condições de vida, como pertencer a redes de sociabilidade, a compartilhar gostos e valores.” (Magnani, 2006, p. 30.)

Ao abordar a cultura periférica é impossível não mencionar a presença da cultura do hip hop, a letra do rap, o *breaking*⁹, além do estilo de se vestir e de falar. A

9 Estilo de dança da cultura hip hop.

partir dos anos 90¹⁰, com a ascensão do hip hop e, de forma mais específica, com as músicas dos Racionais MCs, identificamos a presença de algumas gírias que até hoje ainda estão na fala dos jovens, especialmente dos jovens que se identificam com a cultura da periferia. Na sequência, selecionamos alguns trechos das músicas para exemplificar a presença das gírias.

O primeiro trecho exemplificado é da música “Negro Drama” lançada em 2002 no disco “Nada como um dia após o outro dia”.

Negro drama

“Problema com escola, Eu tenho mil, mil <u>fit</u> a, Inacreditável, mas seu filho me imita, No meio de vocês, ele é o mais esperto,	Ginga e fala gíria, gíria não dialeto, Esse não é mais seu, Hó, Subiu, Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu, Nóis é isso, ou aquilo” [...]
---	--

Racionais MC's

Neste trecho da música “Negro drama” temos a presença do vocábulo “fita” que foi mencionada pelos participantes desta pesquisa como uma gíria comumente usada pelos jovens da comunidade escolar. Outro ponto a ser observado na letra da música é a oposição entre o uso do termo gíria/dialeto. É possível perceber que a gíria traz na música um sentido pejorativo, ligado à periferia, mas, quando esta palavra é levada para outros contextos sociais com maior prestígio, passa a ser vista como um dialeto, buscando dissociá-la da cultura periférica.

Um outro exemplo é a música “Fórmula mágica da paz”, lançado em 1997, no álbum “Sobrevivendo no Inferno”, que em 2018 foi incluído na lista de leitura obrigatória da Unicamp, na categoria de poesia.

¹⁰ É importante destacar que anteriormente a esta data também encontramos outros registros, na literatura, cinema e música, da cultura e da linguagem dos moradores da periferia.

Fórmula mágica da paz

“Levantar sua "goma" ou comprar uns "pano",
um advogado pra tirar seu mano;
No dia da visita você diz, que eu vou mandar cigarro
pros maluco lá no x.”

Racionais MC's

Ao analisar a letra da música percebemos a narrativa de uma pessoa que vive na periferia, mas, mesmo sem uma perspectiva, não desiste de encontrar um caminho entre tantos desafios. Nas palavras de Mano Brown, “malandragem de verdade é viver”. No trecho escolhido identificamos as gírias: levantar sua “goma”, palavra que indica ter uma casa ou “comprar uns pano” – comprar roupa nova. O termo “mano” é muito comum nas músicas dos Racionais MC's e está muito presente na fala dos alunos da comunidade analisada, conforme os dados apresentados na sequência deste estudo. Neste pequeno verso da música já fica evidente a incessante busca dos moradores da periferia por condições mínimas de viver com dignidade, além dos desafios diários que precisam superar.

O último trecho que vamos abordar é da música “Vida loka – parte II” que foi lançada no disco “Nada como um dia após o outro dia”. A letra da música em questão fala sobre o desejo de superar a pobreza e alcançar uma vida melhor, mas sem abandonar suas origens.

Vida loka – parte II

Firmeza total, mais um ano se passando	De cordão de elite, 18 quilates
Graças a Deus a gente 'tá com saúde aí, morô?	Poê no pulso, logo um Breitling Que tal? 'Tá bom?
Muita coletividade na quebrada, dinheiro no bolso. Sem miséria, e é nós	De lupa Bausch & Lomb, bombeta branco e vinho [...]
Vamos brindar o dia de hoje	Um brinde pros guerreiro, zé povinho eu
Que o amanhã só pertence a Deus, a vida é loka	lamento Vermes que só faz peso na Terra

Deixa eu fala pro'cê	Tira o zóio
Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase irmão	Tira o zóio, vê se me erra
Logo mais vamo arrebentar no mundão	
	Racionais MC's

Neste trecho da música identificamos algumas gírias e expressões que são, ainda hoje, recorrentes na fala dos jovens de periferia: Firmeza, quebrada, vida é loka e Zé povinho¹¹. Ainda há uma referência a alguns itens de marcas renomadas, como óculos (lupa) Bausch & Lomb, boné (bombeta), relógio caro (Breitling) e corrente (cordão) de ouro. Ao analisar os trechos das músicas dos Racionais MCs identificamos que a representação da linguagem da periferia é uma marca presente nas letras dos cantores de rap que relatam o cotidiano e a linguagem das favelas, permanecendo até hoje na fala dos jovens que vivem em comunidade periféricas, mas também em outros contextos nos quais a cultura periférica deseja ser representada, conforme podemos perceber em outros exemplos que apresentaremos nesta seção.

Uma outra manifestação importante da cultura periférica foi o lançamento do livro *Cidade de Deus*, em 1997, pelo autor Paulo Lins, no qual evidenciou a rotina dos moradores da comunidade Cidade de Deus, conjunto habitacional da Zona Oeste carioca. Em 2002, Fernando Meirelles fez uma adaptação do livro para o cinema que recebeu quatro indicações ao Oscar.

Ainda na literatura, temos a presença de escritores da literatura marginal-periférica. Ferréz¹², escritor que lançou, no ano 2.000, o romance intitulado *Capão Pecado*. No mesmo ano, o poeta Sérgio Vaz¹³, fundou a Cooperifa - Cooperativa cultural da periferia - que passou a ser uma organização coletiva de moradores das periferias urbanas paulistanas.

Com a evolução da tecnologia e das redes sociais, os youtubers e influencers ganham grande destaque nacional e, neste movimento, surgem também vários nomes das mais diversas regiões periféricas brasileiras. Um desses nomes é Marcelo

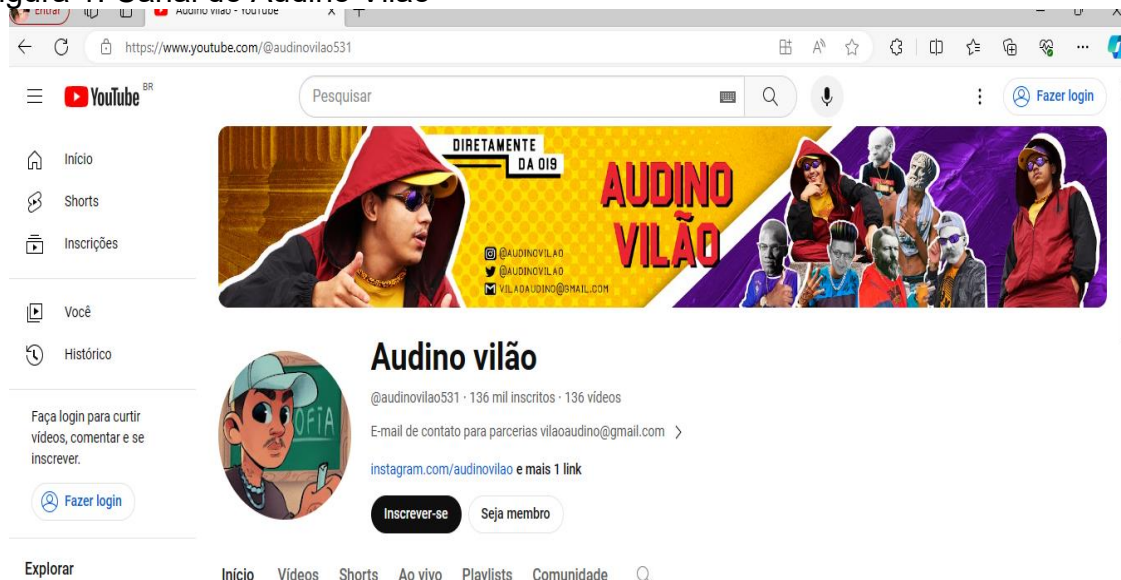
11 No contexto da linguagem periférica, Zé povinho é usado como uma pessoa fofoqueira.

12 <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Ferrez> acesso em: 01/09/2023

13 <http://www.iea.usp.br/pessoas/cv-sergio-vaz> acesso em: 01/09/2023

Henrique Marques¹⁴, morador da periferia de Paulínia, São Paulo, que durante a pandemia criou seu canal na internet utilizando o pseudônimo de Audino Vilão¹⁵.

Figura 1: Canal do Audino Vilão



Fonte: Audino, n.d.

No canal, o jovem, morador da periferia, que se identifica com a cultura do funk e do rap, afirma que “decidiu fazer vídeos usando uma linguagem contemporânea dos jovens, principalmente para os jovens da periferia. Com a presença de várias gírias para explicar algumas teorias da filosofia, o *Youtuber* faz relações com a cultura periférica e também com a cultura dos games. O seu canal possui 136 mil inscritos. Em 2022, Marcelo Marques, em parceria com a socióloga Bruna Cursini, lançou o livro: “Filosofia para becos e vielas: Tudo o que você precisa saber sobre filosofia e outras brisas¹⁶”. No título do livro já identificamos a referência a linguagem periférica com o uso dos termos “becos, vielas e brisas”, fato que se repete ao longo de todo livro, teoria filosófica sendo explicada por meio de variantes específicas de um grupo, nesse caso, para jovens da periferia. Entendemos aqui que não há uma marginalização da teoria ou do saber, mas sim, que através da proximidade da

¹⁴ Em 2020, Marcelo Henrique Marques era estudante de história.

¹⁵ AUDINO VILÃO. **Nietzsche: o famoso roba brisa**. YouTube, data de publicação. Disponível em: <https://youtu.be/0cJnYjnNjU>. Acesso em: 10/08/23.

¹⁶ TV CULTURA. “**O livro ‘Filosofia para Becos e Vielas’ surge de uma necessidade de comunicação**”, diz Marcelo. YouTube, data de publicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=se53DO858oI>. Acesso em: 10/08/23.

linguagem ocorra uma identificação do jovem e, conseqüentemente, o contato com a teoria abordada no livro.

Recorte de um trecho do vídeo postado no canal do Youtube¹⁷: “Nietzsche: o famoso roba brisa”

“Dois mil, molecada! Quem diria, né ladrão! Quem diria que nois chegaria aí. É disso pa mais, se Deus quise, certo! [...] E vamo pa cima! Primeramente, [...] dexo aquele forte abraço [...] a todos os quebrada, a todo mundo da favela que assistiu, que acatou as ideia, que curtiu a visão [...] muito obrigado a todos que curtiu, a todos da quebrada de todo o Brasil, a todos professores, a todos os docente, a todos pedagogos, a toda galera que curtiu, aos universitários, a toda galera acadêmica que curtiu o vídeo. [...] É dessa pa melhor, sempre passando a visão pelo certo. [...] Hoje nois vai traze o vilão, o mano que vai roba sua brisa, [...] Se é loko, nois vamo fala desse mano, olha o bigodão dele, di vila, esse mano é o Nietzsche [...] o mano que ninguém entende muito bem as ideia, que fala difícil, é o mano que é a maior roda gigante ... se fala ... num intendi nada... moiado isso aí...[...] uma das visão de Nietzsche é o niillismo – parça, o niillismo é um bagueio assim... você é o que você é ou você é o que os oto fala que você é, você é piolho... você abraça as suas ideia ou abraça as ideia dos oto, [...] você tem que ser original, é você memo, você é o primero e único parcerero, você é só você, entendeu. Nietzsche é muito individualista, ele pensa muito no sujeito como ele é, ele pensa muito no mandrake, no mandrake no jeito da essencial, no original. [...] o niillismo é isso, não é você abraça as ideia por que tá na moda [...]”

O trecho apresentado foi transcrito do vídeo postado conforme o endereço eletrônico já apresentado. Ao transcrever esse vídeo no qual Aldino Vilão explica a teoria de Nietzsche, observamos que a todo momento ele usa gírias, expressões e cita os moradores da comunidade periférica, pois é assim que se apresenta, essa é a sua identidade que ele representa por meio da persona do morador de periferia, fato que fica evidente na sua fala. Na verdade, a construção dessa persona foi o que trouxe a visibilidade para o se canal, pois não é comum – quebra de estereótipo - um jovem com estilo e linguagem periférica discutir teorias filosóficas.

¹⁷ AUDINO VILÃO. **Nietzsche: o famoso roba brisa.** YouTube, data de publicação. Disponível em: <https://youtu.be/0cJnYjnjNjU>. Acesso em: 10/08/23.

Outro jovem que também tem um canal no *Youtube* direcionado para os jovens e moradores da periferia é Thiago Torres, conhecido pelo pseudônimo de Chavoso da USP¹⁸, nome que também dá ao seu canal. Thiago se apresenta em seu canal como morador da periferia de São Paulo e também como estudante de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP). Em seu canal, com 394 mil pessoas, fala sobre como é estudar na maior universidade do país, a USP, mantendo o estilo “chavoso”, caracterizado, entre outros acessórios, por meias na canela, camiseta de time, óculos juliete¹⁹ e boné.

Figura 2: Canal do Chavoso da USP



Fonte: Chavoso da USP, n.d.

Com essa visibilidade em seu canal, Thiago também discute questões sociais, políticas e econômicas. Aborda questões sobre racismo e na sua fala o jovem questiona o fato de que na USP a sua aparência causa estranhamento, que não reconhece o seu estilo em outros estudantes. Tal posicionamento nos faz observar que, além de ser estudante da USP, de ser um youtuber, de participar de outras

¹⁹ Gíria para definir um estilo de óculos.

comunidades de práticas, segue com a sua identidade de sujeito periférico, de funkeiro e cria da quebrada como ele mesmo se autodenomina²⁰.

Para Le Page (1980), todo ato de fala é um ato de identidade. Dessa forma, quando esses youtubers decidiram gravar os vídeos para a internet, eles mantiveram o seu idioleto, pois a linguagem é o índice por excelência da identidade. As escolhas linguísticas são processos inconscientes que o falante realiza e está associado a múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação.

Recorte de um trecho do vídeo postado na plataforma TED:

[...] Chavoso é uma gíria usada muito no meio do funk aqui de São Paulo, pode significar basicamente estiloso, né, mas é pra se referir a esse estilo que a gente tem específico, esse estilo de funkeiro paulista, tatuagens, roupas de determinadas marcas – Cyclone, Lacoste, Mizuno – boné, correntes, esse estilo específico aí que nós tem é o chavoso. [...] Entrei na USP EM 2018. [...] Em 2019, ... fiz um texto no meu facebook, lá, junto com uma foto minha lá na USP e ... eu tava tudo chavoso, né... de Cyclone, pá ... camisa de time, e essa foto chamou a atenção, essa foto com a placa USP e a legenda que eu escrevi lá disabafano, né... como é você ser da periferia e estuda na Universidade de São Paulo que é considerada a melhor universidade da América Latina, essa universidade elitista, etc ...branca ...então... não é nada simples você tá lá dentro, ainda mais com esse estilo que eu tenho, então você chama muita a atenção [...] Nasci na Brasilândia – periferia – cresci na periferia [...] Sempre estudei em escola pública [...]

O jovem Thiago Torres, neste trecho, discorre sobre o estilo *chavoso* de ser, estilo esse que é relacionado ao funk, estilo musical que está em alta entre os jovens, principalmente os que vivem na periferia de todo o país. É importante mencionar que nos últimos anos, com a popularização da internet e das redes sociais, os MCs, cantores de funk, divulgam suas músicas e, conseqüentemente, seus estilos para todo

²⁰ TEDX TALKS. **Eu quero a periferia na USP** | Thiago Torres | TEDxSaoPaulo. YouTube, data de publicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r8aP8yDC9eE>. Acesso em: 09/10/2023.

o país. Esse fato justifica a presença de várias gírias que ocorrem na periferia de São Paulo serem também recorrentes na fala de jovens da periferia de Londrina, por exemplo.

Desta forma, ao observar a linguagem desses dois youtubers é possível perceber que ao escolher o repertório linguístico utilizado em seus vídeos, eles acionam a persona do jovem morador da comunidade, fato que pode ser observado tanto na fala quanto no estilo (roupas e acessórios). Essa indexicalidade da persona periférica se concretiza quando os jovens convergem sua linguagem com o objetivo de indicar pertencimento a uma única comunidade de prática, dos crias da periferia, dos funkeiros, usando marcas linguísticas que, mesmo inconscientemente, aproxima os interlocutores dos seus vídeos. Essa representatividade da fala, essa referência que o uso de uma palavra ao invés de outra desperta diversas percepções no ato da interação comunicativa também é percebida no falar dos participantes deste estudo. Logo, concebemos a linguagem também como ideológica, pois, por meio de nossas escolhas linguísticas, também apresentamos nossas convicções. Além do que, é por meio da linguagem, ou melhor, da variedade linguística que presenciamos diversas situações de preconceito linguístico, assunto abordado na próxima seção.

3.5 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Ao longo deste estudo presenciamos várias situações que envolviam “brincadeiras”, “piadas” e comentários negativos por parte dos professores e alunos a respeito da forma de falar ou a variedade utilizada por determinados grupos estigmatizados dentro do contexto escolar. Essas ocorrências nos fizeram refletir que além de analisar o uso de algumas variedades e a relação com a afiliação ou não a determinado grupo, também se fez importante refletir como essa comunidade e, em especial, o grupo de jovens entendem e vivenciam o preconceito linguístico.

É papel da Sociolinguística estudar a relação entre língua e sociedade, buscando também inviabilizar a superioridade da variedade padrão da língua em relação às demais variedades existentes em uma sociedade heterogênea, com uma discrepância em relação ao acesso à cultura, a distribuição de renda e a educação. Ao observar essas condições, é possível reconhecer a realidade dos jovens alunos observados nesta pesquisa, que sofrem os mais diversos tipos de estigmas sociais por serem sujeitos pobres e periféricos. "As variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas. E o

preconceito é tanto mais forte quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminada" (Monteiro, 2000, p. 65).

O preconceito linguístico, ao contrário do racismo, do sexismo, da homofobia e da intolerância religiosa, que já possuem sanções penais e são amplamente discutidos socialmente, não é combatido e muito menos condenado. Junto com o preconceito linguístico é propagado todos os estigmas sociais de que são vítimas os sujeitos periféricos, enaltecendo uma classe em detrimento da outra. Sendo a primeira, a dos sujeitos que pouco ou nenhum acesso tiveram à escolarização, com diversas questões sociais e familiares em oposição a outra, com sujeitos que possuem livre acesso à cultura, a melhor educação e poder de compra. Tais diferenças são primordiais para se estabelecer uma visão de valor negativa ou positiva em relação aos indivíduos destas duas classes sociais. Bagno afirma que o preconceito linguístico está relacionado com

[...] a crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]" (Bagno, 2007, p.38)

De acordo com essa abordagem, definimos o preconceito linguístico como uma discriminação causada pelas variações de uma língua, não aceitando as diversas formas de se comunicar em um determinado local, região ou grupo. Dessa forma, quando não validamos o modo de falar de um indivíduo estamos desconsiderando que este falante é um sujeito social que está inserido em uma comunidade que apresenta características particulares.

Dizer que tal pessoa ou tal grupo é inferior porque fala de uma forma e não de outra é apenas mais um mecanismo de afirmação e de perpetuação desse preconceito, que se manifesta como preconceito linguístico, mas que nunca deixou de ser social. (Coelho, 2015, p. 65)

Portanto, ao atribuímos um valor negativo a uma forma linguística considerada errada/feia, estamos validando estigmas e preconceitos a uma grande parcela da população que por inúmeros motivos sociais e políticos não tiveram acesso a uma educação de qualidade.

Conforme afirma Gnerre (1991, p. 06):

Somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, tem acesso a uma variedade “cultura” ou “padrão”, considerada geralmente “a língua”, e associada tipicamente a conteúdos de prestígio. A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um “corpus” definido de valores, fixados na tradição escrita. Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.

Para Bagno (2007), junto com o preconceito linguístico de um indivíduo pelo seu modo de falar, temos também a exclusão social, mais especificamente dentro do ambiente escolar. Nesta pesquisa, por diversas vezes, observamos falas permeadas de preconceito, tanto pela linguagem utilizada pelos alunos, pela cultura, assim como, pela região onde vivem. Sabemos que a escola que deveria ser um lugar democrático, acolhedor, no entanto, em vários momentos, torna-se um local de conflitos e marginalização social, pois reflete o que ocorre em nossa sociedade, reflete o preconceito e a intolerância materializados pela linguagem. (Leite, 2008, p.16).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), os principais fatores responsáveis pela variação linguística são: os grupos etários: em uma mesma família, de uma mesma região, os avós falam diferente dos filhos e dos netos; o gênero: as mulheres costumam usar mais diminutivos, e a linguagem dos homens é mais marcada pelos palavrões ou gírias; o status socioeconômico: diferenças que representam desigualdades na distribuição de bens materiais que acabam refletindo em diferenças sociolinguísticas; o grau de escolarização: os anos que um indivíduo frequentou a escola interfere diretamente em seu repertório linguístico; e a rede social: indivíduos de uma mesma classe social adotam comportamentos semelhantes, inclusive características de seu repertório sociolinguístico.

Por tudo isso, o preconceito linguístico pode ser relacionado ao preconceito social, tendo em vista que não é apenas a linguagem da pessoa que é discriminada, mas sim a própria pessoa, pela sua situação econômica, social e geográfica. Dessa forma, reafirmamos a necessidade de divulgar informações sobre as variações linguísticas para enfrentamento do preconceito linguístico, especialmente no ambiente escolar. É essencial que se discuta essa temática e que se amplie as pesquisas sociolinguísticas que abordam a realidade linguística dentro do espaço escolar, como este estudo se propõe a fazer, pois é de suma importância democratizar o debate das variações linguísticas nas mais diversas esferas sociais.

3.6 ANALISAR O PRESENTE SEM ESQUECER O PASSADO

Quando iniciamos uma pesquisa sociolinguística, é importante considerar todos os registros da formação social, cultural e linguística do grupo/comunidade observada. A formação da sociedade está em constante processo, os hábitos, as crenças e a linguagem representam o momento histórico no qual estamos inseridos. Tudo muda. A ciência evolui. A Sociolinguística também. No entanto, é consenso de que no processo evolutivo, algumas ideias são ressignificadas, teorias são confrontadas, reorganizadas, ampliadas.

A língua, como instituição social, varia de acordo com a sociedade em que ela circula, ao ponto de caracterizar os dialetos e a variação linguística. (Labov, 2008). Assim, podemos observar que nos estudos sociolinguísticos novas abordagens surgem para contemplar novos papéis sociais. Mas, neste caso, o novo olhar não exclui o que foi registrado, as novas abordagens não desqualificam as anteriores. Portanto, ao concretizar essa pesquisa de doutorado, revisitei a minha pesquisa de mestrado, para que assim o olhar daquele momento possa contribuir para o olhar atual.

Com base nesta abordagem, apresentarei algumas informações importantes da minha pesquisa de mestrado²¹ realizada por meio da pesquisa-ação com os alunos do sexto de um colégio público localizado no Jardim União da Vitória, região periférica da zona sul de Londrina.

A retomada desse estudo é pertinente neste momento, pois a pesquisa de mestrado foi realizada com alunos do mesmo colégio com uma abordagem das variáveis fonético-fonológicas presentes na fala e escrita de adolescentes (de 11 a 13 anos), ressaltando que alguns desses adolescentes participam novamente como informantes desta atual pesquisa. A comparação destas informações pode contribuir para análise das variantes selecionadas para este estudo, considerando que a identidade do adolescente está em formação e, neste caso, pode refletir em uma mudança no seu repertório linguístico ao longo desse período.

²¹ Pesquisa de mestrado publicada no ano de 2018 - PROFLETRAS- UEL.

3.61 Uma breve abordagem da dissertação: “Processos fonético-fonológicos em produções orais e escritas de alunos do ensino fundamental II: uma proposta de intervenção.”

A pesquisa de mestrado ora mencionada surgiu a partir de algumas indagações pessoais sobre a acentuada presença de marcas características da fala nas produções escritas de 28 alunos de uma turma do 6.º ano, na qual lecionava, de um colégio estadual situado em uma região periférica da cidade de Londrina- PR. O objetivo principal deste estudo foi identificar os processos fonético-fonológicos recorrentes na fala de um grupo de 28 alunos, averiguando quais marcas da oralidade (processos fonético-fonológicos) estavam também presentes nos textos escritos dos mesmos alunos. Após tal averiguação, os desvios dos alunos foram categorizados conforme os contínuos de Bortoni-Ricardo (2005), para que assim fossem desenvolvidas e aplicadas propostas de atividades de intervenção sobre os processos fonético-fonológicos mais recorrentes nas produções escritas dos alunos.

Para realizar a coleta de dados, primeiramente, foi feito um levantamento dos processos fonético-fonológicos mais recorrentes na fala desses alunos, por meio da gravação de um fato narrado oralmente. Em seguida, o mesmo levantamento foi realizado a partir do mesmo relato escrito. Após realizar a quantificação dos dados seguindo a categorização dos contínuos de Bortoni-Ricardo (2005), traços graduais e descontínuos, foram desenvolvidas atividades de intervenção com o objetivo de refletir sobre o uso da fala e da escrita, principalmente com relação aos traços graduais, buscando minimizar as marcas desses traços nas produções escritas dos alunos.

A pesquisa foi pautada nos pressupostos teóricos de Bortoni-Ricardo (2005), Cagliari (2008), Marcuschi (2008), Silva (2009), dentre outros estudiosos que abordam a oralidade e a escrita da Língua Portuguesa, com o objetivo de proporcionar uma maior reflexão a importância de se trabalhar os aspectos da fonética, da fonologia e da variação linguística, visando à melhoria das práticas de escrita dos alunos.

Ao realizar uma análise dos principais traços fonético-fonológicos presentes na fala/escrita dos alunos, obtivemos diversos resultados significativos. Dentro das 256 ocorrências levantadas ao realizar a coleta de dados, o maior número está ligado aos traços graduais: na fala (82,1%) e na escrita (79,7%). Já os traços descontínuos apresentaram uma menor ocorrência: 20,3% na fala e 17,9% na escrita.

Com relação aos desvios decorrentes da interferência de regras variáveis descontínuas, foi observado que, conforme Bortoni-Ricardo (2005), são, na maior

parte, provenientes de variedades rurais e que se apresentam como um traço marcado, ocasionando o preconceito linguístico. Dentre essas variantes descontínuas, a iotização foi o processo mais recorrente nas produções orais dos alunos, com 7 ocorrências somente na fala. Já na escrita, não houve registro deste traço.

Participante 21

“Eu moro com a minha mãe e meu pai mora com a mulher dele [...]” (escrita)

“Moro cá minha mãe, meu pai mora cá muié dele”. (fala).

Neste trecho selecionado, percebemos que o aluno apresenta em sua fala vários processos fonético-fonológicos (no exemplo apresentado, primeiramente, a desnasalização, abaixamento e centralização da vogal posterior /o/- em: com ~ cá e, em seguida, a iotização da lateral palatal e o apagamento do /r/ em: mulher ~muié) que não ocorrem na escrita. Isso nos mostra, como já mencionamos, que esses fenômenos, em especial, suscitam uma maior reflexão sobre o seu uso, de forma que o aluno mantenha, em sua fala, a sua marca social. Mas, na escrita, já realiza a adequação, seguindo, assim, a convenção ortográfica pré-estabelecida.

Outro traço descontínuo verificado no estudo mencionado está na presença do rotacismo, que se trata de um fenômeno no qual ocorre a troca de uma líquida lateral por uma líquida vibrante como, por exemplo, a alternância do /l/ pelo /r/ em: bicicleta ~ bicireta. Tal variante é marcada em seu uso, pois, segundo Bortoni-Ricardo (2004), é classificada como traço descontínuo, considerando a sua grande estigmatização, tanto em falares rurais, rurbanos e urbanos. Somente 2 informantes (meninos) apresentaram o fenômeno em discussão em suas produções orais e/ou escritas. Apesar dessa ocorrência não ser tão produtiva neste grupo de alunos, ainda é possível identificar uma marca linguística desta comunidade.

Participante 6

“Quando eu fui la na casa do Sidney nois _tava brincando de bicicleta e eu muntei” [...] (escrita)

“Quando eu fui na casa do Sidney eu _tava andano de bicicleta [...] (fala)

Conforme o trecho destacado, o informante 6 apresentou a variante “bicicreta” somente na fala, não seguindo a mesma representação na escrita. No entanto, também é possível perceber que o aluno utilizou outras variantes que estão relacionadas com a fala, porém são menos estigmatizadas, como a aférese (estava ~ tava) e a síncope (andando ~ andano). Além da ditongação (nós ~ nois), que é marcada na comunidade escolar, mas muito comum na comunidade na qual o aluno está inserido.

Já o informante 19 não apresentou o mesmo comportamento do informante 6, conforme podemos verificar nos exemplos seguintes.

Participante 19

a) “O ermario estava meio sorto eu subi em sima dele” [...] (escrita)

b) [...] “eu fui tenta_ pegá_ o meu copo e daí o ermário _tava meio que escapano, quando eu consegui pegá_ o ermário caiu em cima de mim” [...] (fala)

c) [...] “quando o ermario caiu tinha prato copo e o meu copo quazitudo era de vidro, mas tinha copo e plástico também. (escrita)

d) [...] prato, copo de vidro e acho que copo de plástico tamém”. (fala)

Esse informante apresentou o rotacismo tanto na fala como na escrita, mas com palavras diferentes. Na fala, ele usou “plástico”, já na escrita produziu plástico. Na escrita utilizou a variante “sorto”, porém na fala utilizou “escapano” como sinônimo. Neste exemplo, além do rotacismo, o informante apresentou, na fala, vários casos de apagamento do /r/ (tentar ~ tentá, pegar ~ pegá), aférese (estava ~ tava); síncope da oclusiva /d/ (escapando ~ escapano); síncope do /b/ (também ~ tamém) e o alçamento e anteriorização do /a/ em (armário ~ ermário); e, na escrita, hipossegmentação e alçamento do /e/ em (quase tudo ~ quazitudo).

Dessa forma, ao analisar os dados, percebemos que o rotacismo não teve uma produção muita significativa em relação a outras variantes, visto que apresentou um número pequeno de ocorrências, principalmente quando os alunos escreveram o mesmo relato apresentado oralmente. Isso nos mostra que os traços descontínuos estão mais presentes na fala do que na escrita²² desse grupo de alunos. Com base nessas informações já coletadas e analisadas, é possível ampliar a discussão iniciada neste estudo observando a relação do uso de algumas variedades variantes linguísticas com a marca de pertencimento à comunidade ou a um grupo específico como já discutimos nas seções anteriores com a presença desses traços na mídia. Tais análises nos faz considerar que as marcas de estilo são recorrentes em várias comunidades que, muitas vezes, não possuem uma proximidade geográfica, mas sim, apresentam uma conexão ideológica de grupo, sendo marcado no estilo de seus integrantes, estilo este que é representado pelas vestimentas e, também, pela fala.

Na sequência, no próximo capítulo, apresentamos um apanhado de alguns estudiosos que abordaram em suas pesquisas os pressupostos teórico-metodológicos da terceira onda da Sociolinguística, buscando observar os recursos metodológicos utilizados para entender a variação linguística com base na identidade e nos papéis sociais que o indivíduo desempenha ao longo de suas mais diversas relações sociais.

22 Para registrar o texto escrito, os alunos escreveram o mesmo relato que foi contado de maneira bem informal para a professora.

4 ALGUNS ESTUDOS PAUTADOS NA TEORIA DA TERCEIRA DA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA

Ao realizar um estudo sociolinguístico é essencial que façamos uma revisão das teorias basilares, além do que também devemos revisitar pesquisas que ao longo do tempo aplicaram a teoria, apresentando os resultados e questionamentos que propiciam debates atuais. Com relação à Terceira Onda da Sociolinguística, fizemos um copilado de sete pesquisas que se iniciou com os estudos de Eckert (2000) e finalizou com Nogueira (2019).

Eckert (2000, 2001) abordou em seus trabalhos, a diferença das variáveis vocálicas entre grupos de adolescentes de escola situada na cidade de Detroit (EUA), tendo como metodologia a observação participante. Ao longo de dois anos, ela observou os adolescentes da referida escola e identificou que os diferentes estilos de grupo são delimitados por diferentes práticas de linguagem, além de outras práticas sociais.

Moore (2010), ao seguir a linha dos estudos de terceira onda, analisou a variação entre *were/was* em uma comunidade escolar de prática em Bolton, Inglaterra. Nessa investigação, Moore (2010) procurou mostrar como os fatores sociais se relacionam com o uso de *were* em contextos de primeira e terceira pessoa do singular, tendo como material para análise os dados coletados em um de dois anos de observação etnográfica de adolescentes da *Midlan High School*. Para esta análise, o pesquisador considerou as gravações de fala de 39 garotas e identificou quatro comunidades de prática, sendo que cada adolescente foi avaliada de acordo com seu estilo pessoal, sua aparência e sua dos membros do grupo e por si mesma.

Outro estudo importante com base nos preceitos da terceira onda é a tese de Salomão-Conchalo (2015), que realizou, por meio de um levantamento etnográfico, uma pesquisa em uma escola pública de São José do Rio Preto, tendo como objetivo identificar as diferentes comunidades de práticas. Neste intuito, a pesquisa foi pautada nas práticas sociais de dois grupos de estudantes, funkeiros e ecléticos, buscando observar o uso da variável de concordância nominal e a relação com a construção de identidade dos jovens. Os resultados desta pesquisa mostraram que o uso da variável de concordância nominal nas comunidades de prática está relacionado a questão estilística, a identidade e a diferenciação social.

A teoria da Terceira Onda da Sociolinguística também foi abordada na tese da pesquisadora Priscila Rufino da Silva (2016), “A hipercorreção na fala de pastores da

cidade de Maceió-AL”. Com esse estudo a pesquisadora objetivou delinear o perfil dos membros de uma comunidade de prática da Convenção Batista Alagoana a partir das ocorrências de hipercorreção com o intuito de avaliar se há um significado social nessas ocorrências. Para realizar a análise qualitativa e quantitativa, a pesquisadora realizou a coleta de dados utilizando três instrumentos distintos: entrevista estruturada, leitura de texto bíblico e explicação do texto bíblico.

De acordo com a pesquisadora, esses três momentos de coleta foram selecionados com o objetivo de observar se a formalidade, motivada pela atenção prestada à fala (Labov, 2008[1972]), influencia a ocorrência de hipercorreção. Simultaneamente à coleta, também foi realizada uma observação participante com o intuito de entender as relações dentro dessa comunidade de prática, além de observar a atuação dos dois fatores extralinguísticos: tempo no pastorado e o contexto de coleta de dados. Desse modo, com base nos resultados, a pesquisadora concluiu que as ocorrências de hipercorreção encontradas no *corpus* deste estudo refletem a ideia de que é necessário fazer a correção linguística em momentos de formalidade, sendo mais recorrente na fala de Pastores que estão iniciando seu ministério e que necessitam construir dentro dessa comunidade de prática a sua *persona* e/ou estilo pessoal.

Nogueira (2017), seguindo os estudos de Eckert (2000) e Podesva (2000), realizou um estudo de caso com um homem gay, na cidade de Serra Talhada-PE, registrando os dados de fala do informante em três situações distintas: entrevista sociolinguística, conversa entre amigos e ambiente de trabalho. O estudo em questão, tendo como intuito investigar a variação estilística como processo de construção da identidade, verificou que a produção linguística do informante variava a depender do ambiente de fala em que estava inserido, havendo uma mudança de estilo a depender do local e das pessoas com as quais o informante interagia. Como resultado, observou-se que o contexto de fala registrado no ambiente de trabalho apresentou maiores índices de policiamento da fala, enquanto os contextos de entrevista sociolinguística e conversa entre amigos se aproximaram de uma fala mais casual.

Outra pesquisa que deve ser mencionada é a tese de Doutorado elaborada pela pesquisadora Jaqueline de Moraes Thurler Dália, intitulada “*Pode chegar, sá menina: entre conversas, aspectos linguístico-identitários das comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo*”, 2017, um estudo que investigou a variedade dialetal das comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo, partindo da hipótese de que nela

havia uma arquividade de fala. A pesquisadora buscou identificar se a variedade falada pelas famílias agricultoras da região orientava-se para o prestígio ou para a manutenção da identidade, de acordo com os estudos de Labov (2008) e com os preceitos de comunidades de prática e de redes sociais. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, também foram realizadas 39 entrevistas com moradores do território analisado, sendo 20 mulheres e 19 homens. A partir da análise de todos os dados coletados, os resultados demonstraram que a juventude apresenta mais de um código oral e tenta acioná-los de acordo com o contexto enunciativo, reconhecendo o ambiente em que sua variedade é aceita mais facilmente, fugindo assim do preconceito ao tentar negociar sua identidade linguística (Hall, 2006) de acordo com seus interesses.

Para finalizar, retomamos também o estudo que Jamily Maiara da Silva Nogueira (2019) apresentou em sua dissertação intitulada “*O vocativo numa comunidade de prática gay de Serra Talhada-PE: descrição e uso*” na qual se propôs a estudar os vocativos a partir de dados de fala de uma comunidade marginalizada, como é o caso da fala gay. O objetivo central deste estudo estava pautado na observação e descrição dos usos dos vocativos por esse grupo, assim como, na observação da formação dessa comunidade de prática. Com esse intuito, investigou-se a fala de nove homens homossexuais do sertão pernambucano, faixa etária de 18-28 anos, em três contextos de interação distintos (entrevista, conversa entre amigos, ambiente de trabalho). Analisando o uso de alguns vocativos, percebeu que quando usados por uma pessoa de fora da comunidade gay são empregados, normalmente, como adjetivos pejorativos, mas quando usados pela comunidade, constituem-se em uma forma de tratamento, aproximando a pessoa do grupo. Concluiu-se com esse estudo que o contexto de interação com amigos viabiliza a produtividade dos vocativos, assim como a rede social dos informantes interfere nos usos linguísticos que são feitos nas práticas sociais sendo apresentados com uma forma de resistência e manutenção de uma identidade social.

Ao finalizar este capítulo é relevante frisar que as pesquisas apresentadas buscaram analisar a variedade linguística por meio de uma abordagem social, por meio da coleta de dados, observaram como a linguagem e a identidade se entrelaçam dentro de uma comunidade de práticas. Na sequência, apresentaremos no próximo capítulo os procedimentos metodológicos que foram utilizados na coleta de dados deste estudo.

5 “O RELATO DO NOSSO CORRE” (PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS)

Este estudo vai ao encontro de pesquisas que abordam uma nova maneira de tratar e compreender a variação linguística dentro de uma comunidade, tendo nessa análise o ponto crucial que é observar e catalogar quanti-qualitativamente os traços linguísticos e o comportamento de grupos de jovens em pleno processo de formação de suas identidades individuais e coletivas. O fato deste grupo de jovens se encontrar em um contexto escolar faz com que essas marcas estejam mais latentes, pois o ambiente por si só já o impulsiona a querer validar sua identidade, a se encaixar em um grupo e, em alguns casos, a demonstrar sua rebeldia. É importante mencionar que o espaço escolar é genuinamente um local que tende a reprimir a identidade e a cultura do aluno, pois, na maioria das vezes, invalida toda a diversidade social e linguística que os jovens adquirem ao longo do seu convívio em comunidade.

Dentro dessa bagagem cultural que o jovem carrega, a variação linguística é um dos recursos mais utilizados pelos estudantes para mostrar se pertence ou não a um determinado grupo. Portanto, é essencial, que a comunidade escolar tenha um olhar sensível para essa questão e busque compreender a realidade social do jovem, validando a sua cultura e a sua escolha linguística. Para tanto, é importante que não façamos a relação do significado da variação com as categorias sociais, mas sim com a análise dos traços que identificam socialmente as comunidades de prática.

Isto posto, a utilização ou não das variantes linguísticas nas comunidades de prática analisadas dentro do mesmo espaço escolar pode indicar uma marca de identidade grupal. Para que essas marcas sejam identificadas é importante conhecer como cada comunidade se comporta, como se define, quais as práticas mais determinantes para que os indivíduos possam ou não se afiliar a um grupo.

Dessa forma, a observação participante foi extremamente importante para entender as relações entre os jovens e as comunidades de prática, além de observar quais foram os motivadores que o levaram ao não uso de determinada variante e a não filiação a determinado grupo.

Ao realizar uma pesquisa de caráter sociolinguístico é essencial que os critérios adotados na constituição da amostra sejam observados com muita cautela, pois são importantíssimos para a composição dos dados e, conseqüentemente, para a efetivação da análise. A organização das entrevistas, a coleta e a análise dos dados

devem ser permeadas de reflexões sobre a postura do investigador, fato que pode intervir diretamente no processo e no resultado do trabalho.

Por esse motivo, esta pesquisa tem como abordagem metodológica a observação de base etnográfica (André, 1995). A abordagem etnográfica proporciona um entendimento de que “a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo” a partir das observações retiradas durante a inserção no seu cotidiano (André, 1995, p.14), evidencia os modos de vida, processos educativos e culturais. Neste estudo, a etnografia proporciona a observação da variação linguística no indivíduo, ou em microgrupos, as comunidades de prática, lugar onde ocorrem as relações sociais dos envolvidos. O principal intuito dessa metodologia de coleta de dados é permitir que o pesquisador se afaste de macro categorias sociais e depreenda categorias locais relevantes para membros de uma comunidade específica. É possível observar essa abordagem metodológica no estudo apresentado por Eckert (2000) sobre *jocks* e *burnouts* em um colégio em Detroit nos Estados Unidos.

A escolha dessa abordagem metodológica é essencial, pois, por meio dela, podemos identificar como os falantes constroem sua identidade, utilizando (consciente ou não) o uso de determinadas variantes linguísticas para sinalizar pertencimento a certos grupos. Assim, para que seja possível constatar o uso dessas variantes linguísticas, buscamos analisar o comportamento de um grupo de adolescentes que estão em pleno processo de desenvolvimento de suas identidades individuais e de grupo, em um contexto definido, o escolar, e as mais diversas interações sociais no qual esse espaço propicia.

Ao iniciar uma pesquisa sociolinguística variacionista, o pesquisador tem a duas opções: a primeira opção é ter um fenômeno pré-definido antes de realizar a coleta de dados, ou então, realizar a coleta dos dados para depois catalogar os fenômenos existentes, definindo o fenômeno mais recorrente na comunidade pesquisada. Dessa forma, esta pesquisa teve como ponto de partida a definição da comunidade de prática e a coleta dos dados para, posteriormente, definir a variante que melhor represente a identidade dos indivíduos e as suas práticas cotidianas.

O detalhamento metodológico se torna, por isso, fundamental para a coerência e compreensão do estudo apresentado. Portanto, na sequência, são apresentados os critérios de seleção do lócus de pesquisa, dos informantes e dos instrumentos de coleta de dados. A fim de apresentar uma visão ampla de como a pesquisa se

desenvolveu, elencamos todos os passos descrevendo a ordem em que foram, de fato, acontecendo na pesquisa.

É importante reafirmar que toda a coleta de dados se deu por meio de uma observação de base etnográfica com o intuito de identificar as diferenças e as semelhanças na linguagem dos falantes da comunidade de prática selecionada. Além disso, já que nosso interesse é observar o uso social das variantes linguísticas no contexto observado, é preciso considerar também a interação entre os falantes nas mais diversas situações de comunicação dentro da comunidade escolar, fato esse que não seria possível apreender somente com a realização da entrevistas sociolinguística que busca capturar o vernacular do falante através das respostas do entrevistado, sem considerar o fator social que está caracterizado junto a determinada escolha. “A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no micros social, olhando com uma lente de aumento”. (Severino, 2007, p.119).

Diante disso, a observação etnográfica atende aos nossos interesses pois tentamos compreender como as variantes linguísticas atuam na construção do significado social, além de observar em que medida essas variantes ocorrem, considerando o papel social em que se encontram e o papel social das pessoas com as quais eles interagem (seus pares ou não) e das situações de interação.

Na seção seguinte, apresentamos os detalhes da pesquisa, a seleção dos informantes, dos instrumentos e das ferramentas de coleta de dados. Todo o detalhamento metodológico se torna aqui fundamental para estabelecer uma melhor compreensão do estudo apresentado. Optamos dessa forma por descrever todo o processo na ordem em que foram, de fato, acontecendo na pesquisa, relatando também as dificuldades que encontramos ao longo do processo, incluindo o período pandêmico que foi um grande desafio para ser superado ao realizar a coleta de dados.

Ao descrever detalhadamente todo o processo de coleta, busca-se tornar o trabalho mais claro no que se refere à aplicação dos instrumentos metodológicos para que se possa apresentar as dificuldades encontradas e como elas foram solucionadas a fim de contribuir com outros pesquisadores que tenham interesse em pesquisas nessa temática.

Neste capítulo referente à abordagem metodológica, apresentamos no primeiro momento uma descrição da cidade de Londrina e dos bairros nos quais residem os alunos alvos da pesquisa etnográfica. Em um segundo momento, apresentamos o

lócus da pesquisa, com informações importantes a respeito do colégio e os principais critérios para a escolha dos informantes. Já na terceira parte, detalhamos todo o processo de coleta de dados, os instrumentos de pesquisa e os critérios utilizados para a análise qualitativa e quantitativa.

5.1 UM OLHAR PARA A CIDADE DE LONDRINA- PR

A cidade de Londrina²³, localizada na região do norte do Estado do Paraná, tem a sua formação diretamente ligada ao crescimento da produção da cultura agrícola, especialmente a do café. A povoação da cidade de Londrina foi registrada no ano de 1930, quando ocorreu a chegada dos primeiros compradores de terra e os colonos nacionais, alemães e japoneses, procedentes do Estado de São Paulo, orientados por agenciadores da Companhia de Terras Norte do Paraná.

Londrina, já nos anos 50, emergiu no cenário nacional como importante cidade do interior do Brasil. Neste período, apresentou considerável expansão urbana em razão da produção cafeeira no norte do Paraná. Nesta década a população passou de 20.000 habitantes para 75.000, sendo que quase metade se encontrava na área rural.

Em 1975, após uma forte geada que congelou os pés de café, fenômeno conhecido por geada negra, a supremacia do café encerra o ciclo. Com a grande perda dos cafezais, muitos trabalhadores rurais ficaram sem seus empregos. Isto representou para a cidade uma grande transformação não somente produtiva e econômica, mas também social, pois ocorreram grandes fluxos migratórios do campo para a cidade. Esse fato resultou em uma expansão acelerada da periferia devido à migração da população rural, que sem acesso a um trabalho formal, passaram a trabalhar como boias-frias. A partir desta mudança na organização rural e na economia, percebe-se um grande crescimento da desigualdade social com o aumento da população nas regiões periféricas da cidade.

Atualmente, com 87 anos, é a segunda cidade mais populosa do estado. A população de Londrina, conforme os dados do Censo 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), chegou a 555.937 habitantes. O município possui cerca de 54 bairros divididos nas Zonas Central, Leste, Norte, Oeste e Sul. Da mesma

²³ Disponível nos seguintes sites: https://www.cml.pr.gov.br/cml/site/historia_londrina.xhtml e <https://portal.londrina.pr.gov.br/historia-cidade>. Acesso em 05 de junho de 2022.

forma que ocorre em outras cidades, a divisão dos bairros caracteriza, de forma indireta, a condição social do morador e a forma como ele é visto pela sociedade local. Alguns bairros são repletos de prestígio e outros já são marcados pela violência ou pela carência de recursos públicos.

De acordo com a COHAB-LD²⁴, temos no município mais de 50 mil pessoas vivendo em ocupações irregulares em várias regiões da cidade, sendo grande parte moradores da zona rural que vieram para a cidade em busca de trabalho, haja vista que o trabalho no campo foi ficando cada vez mais escasso. Das 63 ocupações presentes atualmente na cidade de Londrina, apenas 6 estão regularizadas na COHAB-LD, as demais são irregulares. A grande maioria possui data de criação registrada na COHAB-LD, contudo, nos últimos anos o processo tem ocorrido de modo tão rápido que o próprio órgão se vê incapaz de datar de forma precisa a origem das ocupações mais recentes.

Ainda de acordo com os registros da COHAB-LD, o Jardim União da Vitória, área periférica da região sul, abriga hoje o maior número de famílias, mais de 5.000 pessoas, vivendo em moradias irregulares. O Município já regularizou os jardins União da Vitória I, II e III, mas ainda há outras áreas irregulares que foram batizadas pelos moradores como União IV, União V, União VI e VII. Além desta região em questão, há outros diversos lugares no município que estão desprovidos dos recursos básicos de moradia: saneamento básico, acesso à saúde, educação e transporte.

O bairro da Gleba Palhano, localizado também na zona sul de Londrina, é, no momento, uma das regiões mais valorizadas e promissoras da cidade, sendo sinônimo de prestígio, de grande poder aquisitivo. O bairro fica ao lado do Lago Igapó e possui, aproximadamente, uma população de 20.000 pessoas. Com crescimento vertical e horizontal, a região recebe edifícios de médio e alto padrão, além de uma variedade de edifícios de luxo.

Ao observar o mapa dos bairros da cidade, também temos locais bastante valorizados, que possuem grande valor econômico e status social, principalmente as regiões que ficam próximas ao lago Igapó. Da mesma forma, como ocorre em outras cidades, temos nas regiões periféricas, outras comunidades que não foram citadas, mas que ainda padecem da falta dos recursos públicos essenciais.

²⁴ Companhia De Habitação Popular De Londrina

município e instalaram-se em favelas já constituídas na cidade – Favela Nossa Senhora da Paz, Favela Marisa e a Favela do Franciscato. Em agosto de 1985, quinze famílias dessas favelas se deslocaram para ocupar o terreno da COHAB, que, imediatamente, entrou com um processo judicial de reintegração de posse. Ainda no mês de agosto, foi concedida a liminar, dando ganho de causa a esta Companhia. As famílias, no entanto, se recusaram a sair do terreno.

A prefeitura negociou com o grupo no mês de outubro de 1985 e cada uma das famílias recebeu um lote de terra, que foi liberado para o plantio. Porém, fez parte do acordo que a terra deveria ser destinada apenas à agricultura e não à moradia. Somente uma família, escolhida consensualmente pelo grupo, ficou morando no terreno para cuidar das sementes e dos instrumentos de trabalho. Cinco famílias voltaram para os barracos das favelas de origem e nove ficaram acampadas na margem da rodovia, próximo ao terreno da COHAB, para ficar mais fácil o acesso ao trabalho na terra.

Em 1987, outras famílias de trabalhadores do campo ocuparam o terreno; mas, sob a ameaça de despejo, saíram do local. Em 1992, os moradores do Jardim União da Vitória conseguiram uma reunião com o diretor do Departamento de Urbanismo da Prefeitura e com o chefe do Departamento Social da COHAB para pleitear a legalização dos terrenos, nos quais os seus barracos estavam construídos. No entanto, apenas em 1996, a COHAB começou o processo de cadastramento das 1.577 famílias que já moravam no terreno. Após muitas reivindicações e vários protestos organizados pelos moradores, o local foi liberado e alguns já conseguiram ter acesso à água e à luz elétrica. Tempos depois também construíram uma escola municipal e o posto de saúde para atender a população.

Desde quando surgiu, o bairro teve um grande aumento e, atualmente, é dividido em seis partes: União da Vitória I, II, III, IV, V e VI. Okamura (2016), em sua tese de doutorado realizou uma extensa pesquisa sobre a formação do União da Vitória, de forma mais específica, o União da Vitória VI. Algumas dessas áreas se encontram com uma infraestrutura bem precária: sem asfalto, sem rede de esgoto; outras já estão bem-organizadas.

União da Vitória é o maior bairro da cidade, tendo em média dezoito mil habitantes²⁵. O bairro tem visibilidade no município pela sua capacidade de mobilização popular e de enfrentamentos coletivos para dar encaminhamentos aos problemas que surgem no cotidiano (CAMPONEZ, 2005). Mas, apesar de algumas importantes conquistas, a população da região ainda sofre com a falta de saneamento básico, com a violência, além das barreiras do preconceito que precisam para alcançar outras regiões da cidade.

5.3 LÓCUS DA PESQUISA - “CONHECENDO A NOSSA ESCOLA”

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual que está situada na região periférica da zona sul de Londrina. Trata-se de uma escola de pequeno porte que oferta nos três turnos, turmas de ensino fundamental – anos finais e ensino médio. Para este estudo, os alunos participantes da pesquisa estão matriculados no Segundo do Ensino Médio, no turno da manhã e da noite. Na sequência, apresentamos a organização das turmas no ano letivo de 2022. Apesar desta pesquisa centrar o olhar para o Ensino Médio, é relevante disponibilizar informações gerais sobre o lócus de pesquisa sabendo que se trata de uma instituição de ensino e sua organização influencia a rotina dentro do espaço escolar.

Tabela 1: Organização das turmas da Instituição Escolar EF– ano de 2022

ENSINO FUNDAMENTAL:				
Turno	Ano/Série	Total Turmas	de	Total de Matrículas
Manhã	8º	01		33
Manhã	9º	02		73
Tarde	6º	04		107
Tarde	7º	03		87

²⁵ ROCHA FARO, Fernando. **União da Vitória celebra 18 anos de conquistas**. Folha de Londrina, Londrina, 22 de agosto de 2003. Seção de Reportagem Local. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/uniao-da-vitoria-celebra-18-anos-de-conquistas-459702.html?d=1>. Acesso em: 10 ago. 2022

Tarde	8º	02	62
-------	----	----	----

Fonte: Projeto Político Pedagógico Do Colégio

Tabela 2: Organização das turmas da Instituição Escolar Novo Ensino Médio -2022

NOVO ENSINO MÉDIO:			
Turno	Ano/Série	Total Turmas de	Total de Matrículas
Manhã	1º	02	66
Manhã	2º	02	56
Noite	1º	01	31
Noite	2º	01	42

Fonte: Projeto Político Pedagógico Do Colégio

Tabela 3: Organização das turmas da Instituição Escolar - Novo Ensino Médio Profissional - 2022

NOVO ENSINO MÉDIO PROFISSIONAL			
Turno	Ano/Série	Total de Turmas	Total de Matrículas
Manhã	2º	01	23

Fonte: Projeto Político Pedagógico Do Colégio

Tabela 4: Organização das turmas da Instituição Escolar Ensino Médio - 2022

ENSINO MÉDIO			
Turno	Ano/Série	Total Turmas de	Total de Matrículas
Manhã	3º	01	37

Noite	3º	01	37
-------	----	----	----

Fonte: Projeto Político Pedagógico Do Colégio

Tabela 5: Atendimento Educacional Especializado

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO			
Turno	Ano/Série	Total de Turmas	Total de Matrículas
Manhã		SEM	12
Tarde		SEM	17

Fonte: Projeto Político Pedagógico Do Colégio

Tabela 6: Atividades Complementares

ATIVIDADES COMPLEMENTARES			
Turno	Ano/Série	Total de Turmas	Total de Matrículas
Manhã	6º 7º 8º	MAIS APRENDIZAGEM	36
Manhã	6º 7º 8º	EDUTECH	27
Noite		TREIN. ESPORTIVO	19

Fonte: Projeto Político Pedagógico Do Colégio

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP), o colégio começou a funcionar no ano de 1997. No início, atendia o ensino fundamental II, no período vespertino, nas dependências do CAIC Dolly Jess Torresin. Em 1998, passou a atender também no período noturno, e em 2004, o ensino médio. Em 2009, a Prefeitura de Londrina e o Estado do Paraná fizeram uma permuta de prédio e o colégio mudou suas instalações para as dependências de uma escola municipal, local que está até hoje. A escola possui, atualmente, salas de aula com estrutura precária, uma pequena biblioteca, uma quadra esportiva e um laboratório de informática com

23 computadores. Com 654 alunos matriculados nos três períodos, a instituição em questão é a única na região a oferecer o ensino médio regular no período noturno. Por isso, atende alunos advindos do Jardim União da Vitória (1 ao 6) e bairros vizinhos: Santa Joana, Cristal, Dequech e Nova Esperança.

Ainda, segundo o PPP, a comunidade escolar é composta por uma população de perfil econômico de baixo poder aquisitivo, onde predomina a atividade doméstica e/ou comercial. Destacamos aqui que, os alunos do período noturno em sua maioria trabalham em diferentes atividades. A grande maioria dos pais ainda não concluíram o ensino fundamental, pois é muito comum a evasão escolar nessa comunidade, principalmente para ingressar no mercado de trabalho. Também é comum o trabalho informal ou autônomo, como ocupações no ramo da construção civil; pedreiro, carpinteiro, pintor, servente, mestre de obras nas mais variadas profissões, com vínculos empregatícios frágeis ou inexistentes. Já as mulheres, em sua maioria, trabalham como empregada doméstica, vendedora, atendente, cozinheira, manicure, cabeleireira, entre outros. Quanto à moradia, em sua maioria as famílias moram em casas próprias adquiridas e/ou invadidas, sendo minoria as que moram em imóveis alugados.

Quanto ao nível de escolarização, a comunidade possui baixo índice de pessoas com formação na educação básica, ou seja, que tenham concluído o 9º ano. Segundo o levantamento realizado em 2022 para a elaboração do PPP, o índice de abandono escolar chega a quase 30% dos alunos matriculados anualmente, sendo a maior parte alunos do ensino médio.

A população que mora nas comunidades atendidas pelo colégio não tem condições adequadas de saneamento básico, de transporte e de urbanismo. Muitas famílias sobrevivem de serviços informais, A renda das famílias que exercem serviços formais é baixa, pois os adultos da comunidade escolar possuem pouca, ou nenhuma, escolarização, o que os submetem a empregos que exigem pouca qualificação. Com base na pesquisa socioeconômica e cultural, a renda familiar da maioria dos alunos varia de um a três salários-mínimos, sendo que alguns possuem apenas a renda da bolsa família. Os programas sociais como Bolsa Família, por exemplo, são parte ou quase a totalidade da renda de muitas famílias. Muitos alunos, devido à carência econômica familiar, são obrigados a trabalhar desde muito cedo e passam a estudar no período noturno. Porém, nem todos suportam a dupla jornada entre escola e trabalho e abandonam os estudos ano após ano. Outros fatores que aumentam os

índices de evasão e de desistência são a gravidez na adolescência e a mudança de cidade em busca de melhores condições de vida. A instituição de ensino constitui-se num espaço acolhedor, articulado às necessidades da comunidade local e dos estudantes.

5.4 PERFIL DOS PARTICIPANTES - “CONHECENDO OS MANOS DA PESQUISA”

Os participantes da pesquisa são 121 estudantes, na faixa etária de 16 a 20 anos, de quatro turmas do 2º ano do Ensino Médio, sendo três no período matutino e a outra no período noturno. A escolha desse grupo específico de alunos ocorreu por dois motivos: o primeiro é o fato de que nessas turmas era possível encontrar um maior número de alunos que estavam estudando na escola desde o fundamental II, pois já possuíam um vínculo maior com os amigos e a escola. O outro ponto é a definição da idade, que varia entre 16 a 20 anos. Essa faixa etária está em um momento importante de busca por uma vaga no mercado de trabalho, realização de cursos e o intenso convívio com os mais diversos grupos sociais que podem de diversas formas influenciar a identidade do indivíduo.

A partir da seleção destes falantes, por meio da observação etnográfica, identificamos como cada adolescente se ocupa do seu tempo na escola, com quais atividades se envolve, sua interação com os outros alunos e demais integrantes da comunidade, além de observar o seu estilo pessoal. Também realizamos a aplicação de um questionário socioeconômico com o objetivo de identificar quais desses 121 alunos se enquadram dentro dos critérios estipulados no início da coleta de dados. É importante ressaltar que a pesquisa inicial propôs a observação e a aplicação do questionário para as quatro turmas do segundo ano do ensino médio da escola. Nesse momento, ainda não tínhamos informações suficientes para definir quais alunos e quais comunidade de práticas encontraríamos naquele grupo. Mas, é claro, que nem todos os alunos responderam ao questionário e, que também, nem todos iriam aceitar a proposta de realizar as entrevistas. Sendo assim, justifica-se o fato de o número de participantes da pesquisa reduzir ao longo do processo.

Antes de iniciarmos o relato do processo de coleta de dados, é preciso também frisar que alguns destes alunos que participaram desta pesquisa também foram informantes de uma outra pesquisa, que já foi abordada anteriormente, sobre as variações fonético-fonológicas na fala e na escrita de alunos do sexto ano do ensino fundamental. Por conseguinte, ao longo da análise dos dados, também pontuamos,

em abordagem diacrônica, quais variáveis estavam ou não presentes na fala dos adolescentes, de cinco anos atrás, e agora, na fala desses jovens do segundo ano do ensino médio.

5.5 'TINHA UMA PEDRA NO CAMINHO'. PERCALÇOS ENCONTRADOS AO LONGO DO PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Esta pesquisa, como já dissemos, foi realizada com alunos do 2º ano do ensino médio, em uma escola periférica na cidade de Londrina – PR, que é caracterizada pela falta de recursos financeiros, alunos com diversos problemas socioeconômicos, além de ser estigmatizada externamente como uma comunidade violenta. Por esse estigma, os moradores frequentemente se sentem excluídos do restante da cidade, pois além de não receberem todos os serviços públicos de qualidade que são ofertados pelo município, também são afetados pela falta de oportunidade de emprego, pois muitos relatam que não são contratados quando é informado local onde moram. Da mesma forma, muitos serviços de entrega, aplicativos diversos (alimentação e transporte), não atendem a comunidade alegando falta de segurança. Todos esses fatos geram um sentimento de desprestígio dos moradores e da comunidade local.

Para a concretização dos objetivos propostos, foi necessária à coleta de dados com a aplicação de questionários e realização de entrevistas. Portanto, o primeiro passo foi submetermos o projeto ao Comitê de Ética da UEL e, somente após aprovação, apresentamos aos participantes os termos de consentimento nos quais esclarecemos os procedimentos da pesquisa e solicitamos a autorização para direção da escola e, também, para o adolescente (e seu responsável) participante da pesquisa.

Na sequência, iniciamos a observação etnográfica direcionando o estudo para a variação nas comunidades de prática, lugar onde ocorrem as relações sociais dos indivíduos envolvidos. A partir da observação é possível identificar como os falantes constroem sua identidade ao utilizar determinadas variantes linguísticas para indicar o pertencimento a certos grupos. Para tanto, ao observar o comportamento de um grupo de adolescentes, estudantes do 2º ano do ensino médio, que estão em pleno processo de desenvolvimento de suas identidades individuais e de grupo, reunimos dados que possibilitem observar como a ocorrência das marcas linguísticas

contribuem para marcar a identidade dos indivíduos/grupos e as suas práticas cotidianas.

Considerando que a pesquisa do Doutorado ocorreu durante os quatro anos de estudo, se faz importante relatar, de forma breve, todos os encaminhamentos que foram necessários para coletar os dados, incluir um pouco da minha vivência enquanto professora desta comunidade, além dos percalços que estiveram presentes ao longo do processo.

5.5.1 Memórias e vivências - “Relato do nosso corre de cada dia”

Antes de abordar especificamente todo o processo percorrido durante a coleta de dados, se faz importante relatar um pouco como o meu caminho acadêmico se cruzou com a comunidade analisada. Farei aqui um breve relato das minhas vivências enquanto aluna, depois professora e, por fim, pesquisadora da escola pública. Sou professora da rede pública há 14 anos, sendo que estou nesta escola/lócus da pesquisa há 11 anos. A comunidade em questão fica próxima da minha casa, uns 8 km, e desde a minha adolescência ouvi diversas histórias que ligavam “os sem-terra”²⁶, como eram chamados, a fatos de violência, exclusão e preconceito. Narrativas essas que ficaram no meu imaginário. Quando, em 2012, fui transferida para lecionar na escola desta comunidade, confesso que fiquei muito preocupada, pois todas as minhas memórias foram acionadas por meio da fala da secretária que ao me entregar a transferência sugeriu que tivesse cuidado, pois a comunidade era “difícil”.

Ao chegar na comunidade, fui muito bem acolhida e pude perceber *in loco* que a maior parte das histórias estavam diretamente ligadas a um discurso de preconceito. Reconheci, neste momento, uma comunidade muito carente em todos os aspectos, mas que estava sempre disposta a lutar por seus direitos. O bairro, como já mencionei, surgiu da ocupação de um terreno improdutivo que, através da união popular, foi validado. A partir do levantamento desses fatos pude entender que o nome do bairro, União da Vitória, por exemplo, já faz referência às conquistas que foram alcançadas através da luta coletiva. Da mesma forma, também compreendi que a escolha dos

²⁶ Esse termo era comumente vinculado na mídia pelo fato do bairro ter sido originado de uma ocupação de terra. Ainda, é comum as pessoas mais velhas usarem este termo para indicar os moradores do bairro. Acreditamos ser importante retomar esse termo para mostrar o quanto a comunidade foi (e ainda é) estigmatizada.

nomes das ruas foi uma homenagem da própria comunidade para os moradores falecidos, trabalhadores próximos a eles e a entidades e organizações que apoiaram o movimento pela conquista dos lotes. Entre os nomes, consta o registro da rua dos sapateiros, dos agricultores, dos marceneiros, dos professores, entre outras. (Camponez, 2005). Ao conversar com os moradores mais velhos do bairro é possível perceber claramente um orgulho por morar neste lugar, apesar de todos os problemas de infraestrutura e violência.

No entanto, esse sentimento de vitória, de avanço da região, não era percebido e nem afirmado pelos alunos, a maioria não reconhecia todo o processo de luta e nem se sentia pertencente àquele lugar. Muitos se sentiam excluídos e distantes do restante da população. Reclamavam que sofriam preconceito pelo estigma de violência do bairro, que não conseguiam conseguir emprego ao falar o local da moradia e tinham também a sensação de abandono por falta das políticas públicas.

Por todas essas particularidades, a comunidade em questão me chamou muita atenção, pois queria entender o porquê de tais atitudes, quais os motivos que levavam alguns adolescentes a reconhecerem e legitimar todas as lutas dos moradores pioneiros, assim como, havia outro grupo que também se apropriou do discurso negativo que era veiculado fora das imediações do bairro. Essa heterogeneidade na formação do bairro, com pessoas vindo da zona rural, vindo de outras favelas, de outras regiões, formou uma nova comunidade que possui características distintas, com uma religiosidade muito forte e com diversos grupos distintos que se encontram e se relacionam dentro do espaço escolar.

Ao fazer o levantamento bibliográfico do bairro, encontramos muitas reportagens, muitas pesquisas relacionadas à origem e à organização popular da comunidade. Em um desses artigos, datado do ano de 2013, escrito por Maria Nilza da Silva com o título “A cidade de Londrina: Desigualdade, território e pertencimento étnico-racial”, temos a fala de uma moradora do bairro no qual aborda a questão da violência e do preconceito vivenciado por esses moradores. Apresentamos na íntegra o seu depoimento.

Ana, 51anos, servente, moradora do Jardim União da Vitória:

“porque no começo era muito difícil, bom aqui realmente de fato no começo foi difícil porque eu tive o preconceito da cor quando eu arrumei primeiro emprego, e pelo lugar que eu morava, que eu tava morando, aí eu tive muito preconceito”²⁷

Em um segundo momento, Ana também menciona o que falam do bairro:

“[...] as pessoas que não moram aqui, a maioria não fala muito bem, mas os que moram aqui, a faixa etária de dez, quinze anos já acostumaram, não falam mais mal... às vezes falam que é um bairro perigoso. Eu não tenho medo de morar aqui, eu não tenho mais medo, porque eu acho que eu não tenho inimigo, eu fiz muita amizade, tanto é que eu estou a 21 anos morando na mesma rua e é tranquilo, ali é tranquilo... O que eu não gosto aqui é que deveria ter uma praça. Alguma coisa assim, um lugar pra gente ir à noite tranquilo e hoje não tem, não sei se é o medo. O que eu mais gosto daqui é o colégio, meus filhos estudaram, estudam, eu trabalho no colégio.” (Ana, 51, Servente, Jardim União da Vitória).

Como podemos observar na fala da moradora, a questão da violência no bairro é uma questão que aflige as famílias, pois mesmo gostando de viver naquele lugar, ainda possuem medo do que possa acontecer aos seus filhos. Além disso, a questão do preconceito também é recorrente, algo que sempre está latente na fala dos alunos e dos moradores do bairro. Por todas as questões, a abordagem etnográfica nessa comunidade foi de extrema importância para entender como os jovens se comportam, se as atitudes, vestimentas e a linguagem corroboram para uma identidade que os aproximam ou os distanciam do lugar de origem.

²⁷ SILVA, Maria Nilza da. A cidade de Londrina: Desigualdade, território e pertencimento étnico-racial. In: **XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013, Natal. Anais... Natal: ANPUH, Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364565704_ARQUIVO_Anpuh2013-textofinal.pdf. Acesso em: 09/10/2023.

5.5.2 A pesquisa parou. O mundo parou. “E agora, José?” Um breve relato do período da pandemia Covid-19²⁸

Quando iniciamos uma pesquisa é comum imaginarmos que vamos passar por diversas situações inesperadas, mas em nenhum momento cogitou-se uma pandemia. Em dezembro de 2019, foi detectado um novo vírus, a Covid-19, que teve início na China. No entanto, logo no início de 2020, o vírus se espalhou para diversos países, incluindo o Brasil. Sabia-se que o vírus era transmitido pela via aérea e ocasionava uma grande infecção pulmonar. Contudo, com o passar do tempo, constatou-se que ele também era letal (ALVES, 2020).

Nestes primeiros meses do ano, a população brasileira que tentava entender o que estava ocorrendo no restante do mundo, seguia apreensiva com a rapidez do contágio pelo vírus. Quando retornamos às aulas, após o período de férias de final de ano, havia na comunidade escolar uma preocupação com o bem-estar de todos. Seguindo a sequência dos fatos, no dia 20 de março de 2020, tendo por base legal o Decreto nº 4230²⁹, de 16 de março de 2020, a Resolução nº 1.522/2020³⁰ – GS/SEED determinou a suspensão das aulas presenciais durante o período pandêmico e estabeleceu o ensino remoto no estado do Paraná, com fechamento imediato das escolas, levando-se em consideração as recomendações da Organização Mundial da Saúde (ONU), as quais se deram em decorrência da alta transmissibilidade do vírus e da ameaça dele à vida de estudantes, professores e demais profissionais da educação.

No dia 06 de abril, após uma intensa organização da Secretaria de Estado da Educação e do Esporte (SEED), os professores iniciaram a mediação pedagógica de forma remota. Era nítida em toda a comunidade escolar uma certa apreensão, pois quando deixamos a escola, tínhamos a certeza de que seria por pouco tempo. Fato

28 O objetivo desta seção é apresentar, de forma breve, quais foram as consequências que a pandemia do Covid-19 trouxe para esta pesquisa.

29 PARANÁ. **Decreto nº 4230 de 16/03/2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19. Publicado no DOE - PR em 16 mar 2020. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390948>. Acesso em: 09/10/2023.

30 PARANÁ, Secretaria da Educação e do Esporte. **Resolução nº 1.522/2020** – GS/SEED. Súmula: Estabelece em regime especial as atividades escolares na forma de aulas não presenciais em decorrência da pandemia causada pela COVID-19. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-05/resolucao_gsseed_1522_2020.pdf. Acesso em: 09/10/2023.

que não se concretizou. E, assim, professores e alunos foram se adaptando à nova realidade.

Durante esse período, as estratégias de mediação foram várias: ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Google Classroom; aplicativo para celulares (Aula Paraná); aulas gravadas e transmitidas em TV aberta, no Youtube e no aplicativo; aulas síncronas via aplicativo Google Meet. Além das mídias, também foi disponibilizado a opção do material didático impresso e entregue a cada quinze dias para as comunidades escolares que possuíam dificuldades de acesso à internet, estratégia que também foi adotada na comunidade escolar participante desta pesquisa com o objetivo de viabilizar a participação do aluno. Ao observar toda a problemática deste cenário, a coleta de dados que deveria iniciar no ano 2020 não se confirmou, pois não foi possível um contato contínuo com os alunos.

No ano letivo de 2021, as aulas foram iniciadas com os mesmos recursos e estratégias disponíveis no ano anterior, mas ainda com pouca adesão por parte dos alunos. No entanto, em maio de 2021, iniciou-se uma organização para que o retorno acontecesse no início do segundo trimestre, tendo em vista que os professores começaram a ser vacinados com a primeira dose da vacina. Considerando que somente uma dose da vacina não proporcionava a proteção necessária contra o vírus, o ensino passou a acontecer de modo híbrido, com o revezamento de alunos no espaço escolar: em uma semana, determinada quantidade de discentes de uma turma frequentava as aulas presencialmente, enquanto a outra participava on-line, por meio das aulas síncronas via aplicativo Google Meet.

Na comunidade escolar em questão, houve o retorno das aulas com o rodízio dos alunos cujos responsáveis autorizaram o retorno. É importante ressaltar que o número de alunos que retornaram foi muito pequeno, pois muitos adolescentes ainda não haviam tomado nenhuma dose da vacina. Dessa forma, o público que atendemos presencialmente era muito pequeno e rotativo, fato que novamente prejudicou a coleta dos dados também no ano de 2021. Mesmo com os questionários enviados de forma online, com postagens no grupo da turma, não houve uma adesão significativa para que pudessemos começar a análise de dados. De qualquer forma, apesar de não conseguir elencar uma ideal quantidade de dados para a pesquisa, houve um bom aproveitamento desse período para entender as relações familiares e sociais por meio da observação e interação com os alunos e familiares no período da pandemia,

quando fazíamos as buscas ativas (telefone, redes sociais) dos alunos que estavam fora do processo educacional.

Em 2022, com o retorno das aulas, já com a rotina da escola restabelecida no pós-pandemia, o projeto pôde ser retomado com a turma do segundo ano do ensino médio. Na seção seguinte apresentamos o detalhamento da organização para realizar a coleta de dados.

5.5.3 Organização dos instrumentos de coleta de dados

Ao realizar esta pesquisa, utilizamos dois tipos de metodologias para o desenvolvimento do trabalho. Em um primeiro momento, desenvolvemos uma análise qualitativa de base etnográfica para identificar as diferenças e as semelhanças entre os vários grupos de jovens existentes na comunidade escolar, além disso, buscamos definir qual o grau de afiliação ou pertencimento dos jovens nas comunidades de práticas. Após conseguir delimitar a presença das comunidades de prática por meio da observação participante, da aplicação de questionários, entrevistas, gravações e conversas espontâneas, buscamos, por meio de uma análise quantitativa, identificar as principais marcas linguísticas encontradas a partir da coleta de dados.

Assim, iniciamos o ano de 2022 um pouco mais confiantes. A vacinação contra a Covid-19 já estava bem adiantada e aos poucos todas as atividades foram retomadas dentro de um período de readaptação à nova normalidade pós-pandêmica. Mas ainda algumas angústias permaneciam, como o fato de não ter conseguido realizar a coleta de dados desta pesquisa e o prazo já estava bem reduzido.

Dessa forma, o ano letivo se iniciou com o intuito de aplicar todos os questionários e realizar todas as entrevistas necessárias para finalizar a coleta de dados. No mês de março de 2022, após realinhar todo o cronograma de coleta de dados, optamos em seguir com a pesquisa conforme a proposta inicial, antes do período pandêmico, continuando com as quatro turmas do segundo ano do ensino médio, três no período da manhã e outra no período da noite. Reforçando que essa escolha se deu pelo fato de que esses jovens já haviam sido meus alunos em outros anos, tendo assim uma proximidade que facilitaria a coleta de dados.

Outra informação importante sobre a escolha dos participantes da pesquisa também está relacionada ao fato de que alguns destes alunos também foram participantes de um outro estudo de mestrado intitulado, “Análise dos processos fonético-fonológicos presentes na fala de”, desenvolvido por esta mesma

pesquisadora. Sendo assim, as informações obtidas no ano de 2017 também podem ajudar de forma significativa para este estudo em andamento.

A partir da organização das etapas da pesquisa, da delimitação dos participantes, da preparação dos questionários, do roteiro das entrevistas, iniciamos o processo com a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para os responsáveis pelos jovens que participaram da pesquisa. Após a apresentação para os alunos e para comunidade escolar, a coleta de dados aconteceu em quatro momentos distintos:

1º momento - Aplicação do questionário socioeconômico: o participante da pesquisa respondeu um questionário socioeconômico, que foi aplicado via Google Forms, com o link postado na sala de aula virtual da disciplina (Classroom). As vinte questões objetivas estavam relacionadas ao perfil do aluno e da família no que tange aos interesses educacionais, profissionais e sociais. É importante pontuar que esse questionário foi aplicado para todos os alunos do segundo ano do ensino médio (três turmas do matutino e uma turma do noturno), com um total de 121 alunos. A escolha pelo questionário online se deu pela facilidade de aplicação e agrupamento das informações. Como, nesse momento, os alunos já estavam todos na escola, o questionário foi realizado na sala de informática no horário de aula, para que assim fosse possível acompanhar o processo e certificar que todos iriam responder naquele momento. Optamos por acompanhar o preenchimento do formulário, pois em uma outra ocasião, em um teste piloto, aplicado em 2021, percebemos que os alunos apresentaram muitas dúvidas ao responder as questões. Seguindo esse protocolo, no final da primeira quinzena de abril de 2022, todos os alunos já haviam respondido o primeiro questionário. Após a análise dos dados informados no questionário, já foi possível delimitar quais jovens participariam da entrevista, considerando que não seria produtivo e nem haveria tempo hábil para entrevistar todos os alunos do segundo ano do ensino médio. Na sequência, houve a preparação para as entrevistas individuais e entrevista coletiva (realizada no formato de roda de conversa). No momento da entrevista coletiva a pesquisadora apresenta questionamentos sobre a realidade do bairro, da escola, sobre a vivência e família, amigos e trabalho, instigando um debate, para que assim fosse possível identificar quais alunos eram os principais representantes de cada grupo, buscando um diálogo menos formal ao instigar a interação entre os alunos.

Antes de iniciar o relato do segundo momento da pesquisa, acreditamos ser essencial pontuar que desde o início do mês de março de 2022 já estávamos realizando uma observação participante deste grupo de alunos. Ressaltamos que a observação participante³¹ é um instrumento fundamental em uma pesquisa de campo, pois auxilia na compreensão dos sentidos, das definições e das ações que os indivíduos e grupos elaboram no dia a dia. Além disso, é “pela observação participante que se reconhecem as peculiaridades do ser humano, do seu comportamento e da sua vida em grupo” (Ladeira, 2007, p.45).

Desta forma, buscamos interagir ao máximo com esses jovens no horário de intervalo, nas atividades no pátio, sempre cuidando para que a minha presença não gerasse nenhum tipo de constrangimento ou que parecesse que estavam sendo vigiados, considerando que, apesar da proximidade, ainda havia uma relação de aluno-professor. Pensando em criar um vínculo ainda mais forte de confiança com os alunos, no ano de 2021 assumi a coordenação do grêmio estudantil, para que assim pudesse participar normalmente das reuniões, dos projetos e dos momentos de interação que o grupo organizava dentro do espaço escolar.

Todo esse movimento que se iniciou em 2021 foi fundamental para entender as relações que havia dentro espaço escolar, observando quais grupos se destacavam e como se identificavam (vestimentas, comportamento, linguagem, preferências) e como eram identificados dentro e fora da escola. Dito tudo isso, podemos retomar o segundo momento da pesquisa. Outras informações, exemplos e situações específicas serão apresentadas ao longo da análise.

Já no segundo momento da pesquisa, junho de 2022, fizemos a aplicação do 2º questionário para os participantes, realizando a delimitação das palavras que foram mais recorrentes na fala dos jovens do 2º ano do ensino médio durante os momentos de interação no espaço escolar (sala de aula, pátio, intervalo e eventos) ao longo da observação participante, além de identificar as possíveis comunidades de práticas. Ao produzir o 2º questionário, seguimos a técnica *Matched Guise*, de Lambert (1960) e incluímos as três variáveis que foram inicialmente delimitadas para este estudo: rotacismo, iotização e a presença de algumas gírias.

Com o intuito de constatar quais eram as crenças que os jovens apresentavam das variantes linguísticas, elaboramos quatro gravações a partir da leitura de quatro

³¹ Essa metodologia é natural da Antropologia e da Sociologia.

textos que incluíram previamente as variantes de interesse desta pesquisa. A leitura dos textos foi realizada por uma única pessoa, de forma que, cada áudio apresentava uma variante observada na pesquisa.

O questionário foi elaborado com 25 frases afirmativas às quais os informantes tiveram que responder assinalando uma das 6 alternativas propostas. Neste momento da pesquisa, o questionário foi aplicado individualmente para um grupo de sessenta alunos que foram selecionados do grupo inicial de 121 alunos que responderam o 1º questionário. É válido lembrar que tal seleção ocorre para que possamos aproximar as comunidades de práticas presentes entre esses jovens. As questões foram montadas no Google Forms e o link era disponibilizado para que o aluno pudesse acessar. Primeiro era apresentado a gravação³² com as três variáveis observadas neste estudo: rotacismo, iotização, além da presença de algumas gírias. Na sequência, após ouvir a gravação, algumas frases afirmativas³³ eram apresentadas, para que o aluno pudesse responder de acordo com as impressões, pontuando se concordava ou não com a afirmação de que aquela forma de falar era agradável, bonita e, também, se a fala do informante se aproximava com a fala da gravação. A partir dos resultados obtidos neste segundo questionário, foi possível delimitar quais comunidades de práticas coexistiam entre os jovens, além de observar quais eram as atitudes de cada aluno perante a cada variante observada.

No terceiro momento da pesquisa, no segundo semestre de 2022, iniciamos a realização das entrevistas individuais e coletivas com cinco jovens selecionados de cada comunidade de prática observada. Essa redução levando em consideração o prazo para encerrar a pesquisa. Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro com dez perguntas semiestruturadas que nortearam a entrevista individual. O roteiro da entrevista seguiu uma abordagem familiar, educacional e profissional, com uma duração em média de 20 a 30 minutos:

As entrevistas foram previamente agendadas e aconteceram dentro da escola ou também via Google Meet. Além das entrevistas individuais, também realizamos dois momentos de roda de conversa (entrevista coletiva) na qual os alunos foram

³² Para ouvir o áudio era utilizado um fone de ouvido.

³³ Exemplo de uma frase afirmativa do 2º questionário. “A forma de falar dessa pessoa que você acabou de ouvir é bonita” – (Concordo totalmente – Concordo Parcialmente – Discordo totalmente – Discordo parcialmente). O 2º questionário pode ser consultado integralmente nos anexos.

questionados sobre a escola, o bairro, os amigos e os planos para o futuro. Neste momento de interação, os alunos foram instigados a falar, debater, citar exemplos para que houvesse uma grande interação entre eles. Os dois momentos³⁴, entrevista individual e entrevista coletiva, possibilitou que observássemos como cada aluno se comportava, as atitudes, perspectiva de vida, além de observar a linguagem e o estilo de cada um.

Após finalizar as entrevistas individuais e coletivas, passamos para última fase da coleta de dados que está relacionado a obter dados sobre as atitudes linguísticas dos informantes. Para isso, elaboramos um quarto formulário composto por questões objetivas com o intuito de identificar a relação das variantes linguísticas presentes no áudio com a possível comunidade de prática da qual o falante participa. Essa última coleta de dados foi aplicada individualmente, a partir de um áudio selecionado no canal do Audino Vilão para o qual elaboramos algumas questões relacionadas as atitudes dos jovens ao ouvir o áudio sem a informação prévia de quem se tratava. Todas as questões apresentadas neste último formulário³⁵ estavam diretamente ligadas ao áudio que o informante ouvia para depois responder as questões objetivas.

Ao finalizar todo o processo de coleta de dados, com as observações, entrevistas e questionários, coletamos dados que possibilitaram a análise em relação à presença e a ausência de algumas palavras na fala dos jovens de cada grupo. A partir da análise desses dados podemos observar as mudanças no repertório linguístico que suscitam um olhar para os significados sociais a partir da associação com a identidade dos falantes ou grupos de falantes (Silverstein, 1992, 2003), tendo como base que as identidades são fluidas e em constante processo de adaptação.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Hall, 2006, p. 9-10).

Desta forma, com base nos dados coletados, foi possível analisar como o uso ou não das variedades linguísticas representam a organização social das

³⁴ As entrevistas, individuais e coletivas, foram gravadas com o auxílio de um gravador e um smartphone.

³⁵ Para otimizar a organização da tese, será disponibilizado, em anexo, todos os questionários elaborados.

comunidades de práticas observadas neste estudo. Após a apresentação da metodologia adotada durante a aplicação dos questionários e das entrevistas, passamos agora para a análise dos dados coletados.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Ao realizar este estudo com alunos do segundo ano do ensino médio de um colégio público da periferia de Londrina, buscamos observar suas relações, as trocas simbólicas, o comportamento dos jovens e a forma como cada membro, de acordo com a sua comunidade de práticas, se identifica. Além disso, também elencamos quais as variáveis linguísticas mais empregadas neste grupo e buscamos determinar o modo como algumas variáveis refletem essas marcas de construção da identidade. Nesse caso, o uso das variantes também pode assumir o “caráter de pertencimento ou distinção, já que é preciso conectar as alternâncias sistemáticas da língua com as complexidades da prática social da comunidade em questão” (Salomão-Conchalo, 2012, p.25)

Conforme já foi abordado, o processo de observação da comunidade de prática selecionada para este estudo ocorreu durante todo o ano letivo de 2022, pois era necessário entender como se estabeleciam as relações sociais entre os falantes. Para tanto, além da observação participante, a coleta dos dados foi essencial para reunir elementos para as análises quanti-qualitativas.

Neste capítulo, discutimos todos os dados coletados na pesquisa, construindo uma abordagem qualitativa e quantitativa dos resultados. Para facilitar a compreensão, alguns resultados foram apresentados usando o recurso de gráficos e tabelas; já outros utilizamos excertos das falas dos jovens. Também desenvolvemos, para alguns casos, ilustrações a fim de deixar os resultados mais detalhados.

Sendo assim, neste capítulo incluímos todas as informações observadas e registradas a partir da observação, do convívio com o grupo, aliando a discussão dos dados coletados através dos diversos instrumentos com a observação em lócus, além de triangular com os conceitos da identidade com a função social da linguagem, juntamente com o significado da variação, ligado aos papéis sociais na construção dos estilos particulares.

6.1 QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Conforme já foi abordado anteriormente, o questionário foi aplicado para as quatro turmas do segundo ano do ensino médio. Esses jovens, durante a pesquisa, eram meus alunos, fato que facilitou o processo. Apesar de ainda haver o vínculo

professor-aluno, o relacionamento em sala de aula é muito tranquilo, temos uma relação de confiança e convívio de alguns anos.

Inicialmente o questionário foi disponibilizado usando o formulário do Google para 121 alunos regularmente matriculados no segundo ano do E.M, no entanto, recebemos somente 116 respostas. Dos cinco alunos que não responderam ao questionário, dois não quiseram responder, um estava de atestado médico e os outros dois não estavam mais frequentando as aulas.

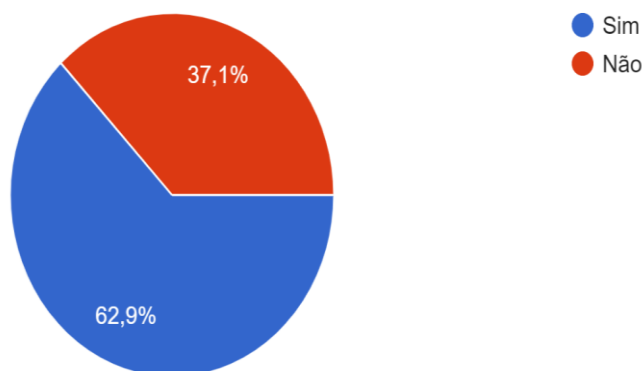
O primeiro questionário aplicado iniciou com as informações pessoais básicas: nome, idade, local de nascimento, seguindo depois para as questões econômicas, familiares e sociais. Na sequência, detalhamos uma análise das questões mais pertinentes neste questionário para delimitar o perfil dos participantes e seguir os critérios estabelecidos ao iniciar a coleta de dados. A aplicação do questionário foi essencial para compreender um pouco mais sobre a organização familiar dos jovens, sua origem, suas reais necessidades, seus interesses e sua relação com os colegas de sala e comunidade. Para apresentar os resultados, utilizaremos o recurso do gráfico e da nuvem de palavras.

A origem familiar é uma informação importante ao considerar a formação da comunidade, pois, conforme já mencionamos, a formação do bairro foi através de várias famílias que chegaram de diversas regiões. Desta forma, investigamos a origem da família, gráfico 1, buscando saber se os pais sempre moraram na cidade de Londrina ou se já moraram em outras regiões.

Gráfico 1: Os seus pais sempre moraram em Londrina?

Os seus pais sempre moraram em Londrina?

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

Como resposta, observamos que 73 (62,9%) informantes indicaram que os pais sempre moraram em Londrina. Não tendo nenhuma outra cidade como referência de interação social. Em contrapartida, 43 (37,1%) jovens afirmaram que os pais já residiram em outras localidades. Essa informação é importante para compreender as redes sociais dos participantes, pois uma característica muito forte desta comunidade é a mudança de cidade de forma repentina, sendo motivada muitas vezes por questões de violência ou envolvimento com o crime organizado.

Na sequência desta questão, solicitamos que os jovens informassem qual era a outra cidade/estado que os pais já haviam morado.

Figura 4: Nuvem de palavras a partir das respostas dos alunos à questão 1



Fonte: Autora, 2024

Observando as palavras registradas na nuvem, percebemos que a cidade mais citada foi Tamarana (PR), município vizinho de Londrina que teve a emancipação política em 1995. Mesmo após esse período, a principal atividade econômica na

cidade é o trabalho rural e o agronegócio, de forma que muitas famílias³⁶ deixaram a cidade em busca de novas oportunidades em uma cidade maior.

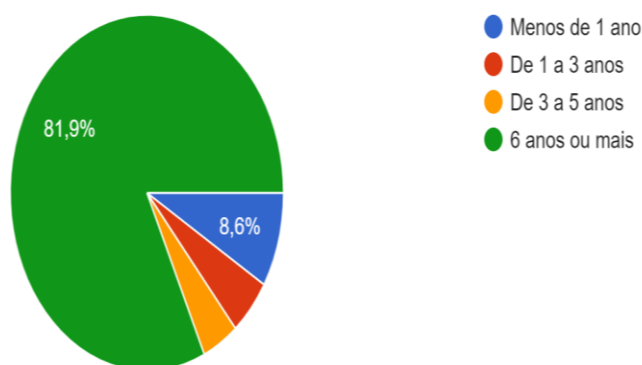
Apesar de 43 alunos afirmarem que os pais já moraram em outra cidade, não altera o critério anterior de que os alunos devem residir no bairro por pelo menos seis anos. Em muitos casos, os pais destes alunos vieram de outras cidades, ainda quando crianças, para morar no bairro quando este ainda estava no processo de ocupação. Muitos destes pais cresceram no bairro, formaram novas famílias e continuam residindo na mesma casa que é passada de pai para os filhos e netos.

Com relação à definição dos jovens participantes, o primeiro critério era o tempo de moradia no bairro, buscando aqueles que vivem no bairro há algum tempo, para que assim possa haver um maior vínculo com as pessoas e o lugar. Para esta resposta temos a informação de que 81,9% dos informantes, ou seja, 95 alunos, moram há mais de seis anos no bairro.

Gráfico 2: Tempo de moradia no bairro

Há quantos anos mora neste bairro?

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

Com base nesta resposta podemos definir que dos 116 informantes que responderam o formulário, 21 alunos (18,1%) não se enquadram no primeiro critério

³⁶ Esse fato também reflete a minha vivência. Esse movimento de sair da cidade pequena, abandonar o trabalho rural, buscar novas oportunidades de trabalho e escola, também ocorreu com a minha família. Morei até os dez anos em uma fazenda muito próxima de Tamarana. E no ano de 1992, meus pais mudaram para Londrina para que os seus três filhos pudessem estudar.

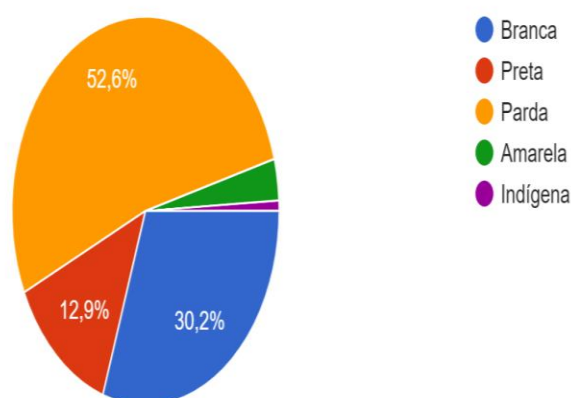
de seleção para as entrevistas, pois moram no bairro um tempo inferior há seis anos. Essa observação é muito importante, pois o jovem ao responder as perguntas ele se pautará na sua vivência, e, no caso desses 21 jovens, a sua vivência, principalmente o início da adolescência não fará parte do grupo/comunidade no qual nos propomos a analisar.

Em outra pergunta, questionamos como o jovem se autodeclarava em relação a sua cor. Essa questão é muito relevante para começar a entender como esses jovens se reconhecem dentro da sociedade.

Gráfico 3: Como os jovens se autodeclararam em relação cor/raça

Como você se autodeclara em relação a sua cor, segundo as categorias do IBGE?

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

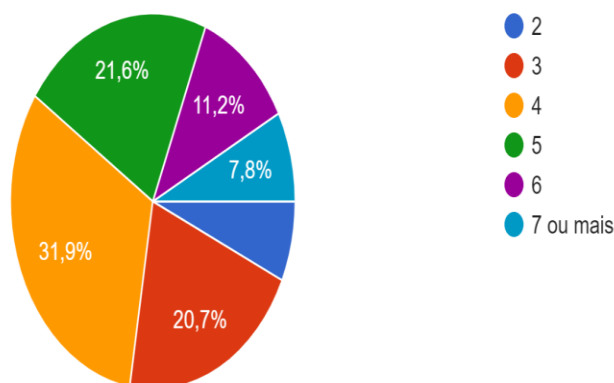
Para esta resposta, como observamos no gráfico 3, tivemos um percentual de 52,6% jovens que afirmaram se reconhecer como pardos, 30,2% que se identificaram como brancos e 12,9% que se autodeclararam negros.

Na sequência, apresentamos algumas informações que são importantes para compreender como são formadas as famílias, como os jovens se reconhecem nesse espaço e como ocupam o seu tempo. I - Família: Perguntamos como era formada a família dos jovens. Qual era a formação dos pais e profissão. No gráfico quatro, apresentamos os dados coletados na questão que abordava quantas pessoas residem na mesma casa que o informante.

Gráfico 4: Quantas pessoas moram na sua residência, incluindo você?

Incluindo você, quantas pessoas moram na sua casa?

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

Como resposta obtivemos que, na casa de 31,9% dos entrevistados, moram quatro pessoas, em 21,6% moram cinco pessoas, 20,7% moram três pessoas, 11,2% dos entrevistados informaram que moram seis na residência e 7,8% informaram que moram sete pessoas ou mais na mesma residência. O menor percentual, 6,9%, ficou para dois moradores em uma residência.

Na sequência, a próxima questão aborda quem exerce o papel de figura materna na residência.

Gráfico 5: Sobre a figura materna, quem mora com você?

Sobre a figura materna, quem mora com você?

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

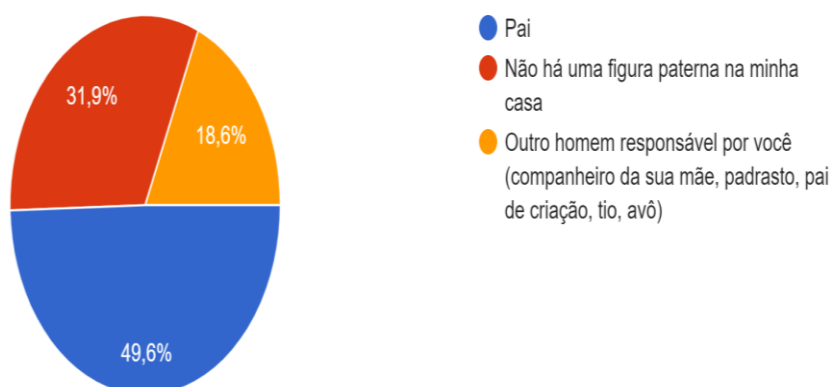
Como podemos observar no gráfico 5, tivemos como resposta que 87,9% vivem com a mãe, já 6% afirmam que a figura materna é representada pela avó, madrasta, tia e os outros 6% responderam que na sua casa não há uma figura materna.

Nesta mesma linha, perguntamos quem representa a figura paterna na vida desse jovem. Diferentemente da maioria, na resposta anterior, ter indicado a mãe, nessa resposta não temos a maior presença do pai.

Gráfico 6: Sobre a figura paterna, quem mora com você?

Sobre a figura paterna, quem mora com você?

113 respostas



Fonte: Autora, 2024

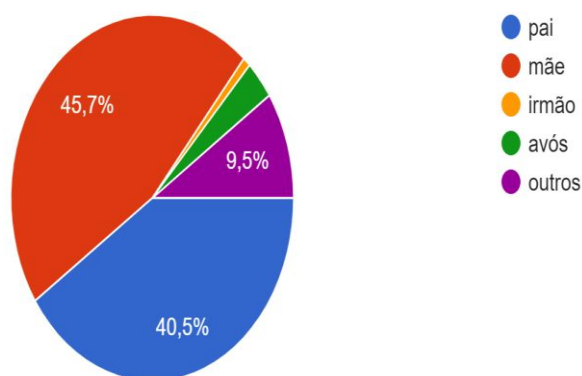
Ao observar o gráfico 6, percebemos que quase a metade dos jovens participantes da entrevista não possuem a presença do pai e nem de outra pessoa que assumiu esse papel (31,9%). Já 18,9% afirmaram que a figura paterna é representada por um padrasto, um avô ou tio. Em contrapartida, 49,6% responderam que o pai mora com eles. Esses resultados nos levam a observar uma das problemáticas daquela região, que envolve a participação dos homens em situações de violência e tráfico, afastando-os, por inúmeras causas, do convívio em família.

Corroborando a esses dados, temos a resposta da próxima questão que apresenta a mãe como a principal provedora do lar.

Gráfico 7: Quem é a principal pessoa que prove o dinheiro da residência?

Quem é a principal pessoa que prove o dinheiro da residência?

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

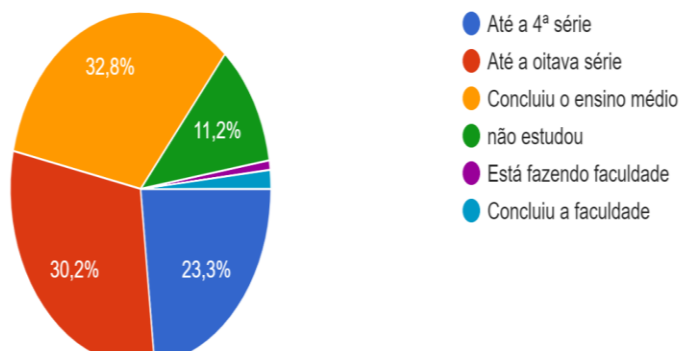
No gráfico 7, observamos que 45,7% dos jovens informaram que a mãe é a principal provedora da família. Os demais 40,5% informaram que o pai é o principal responsável financeiramente pela casa e 9,5% afirmaram que outras pessoas trazem a renda familiar. Com estes números também fica claro o papel da figura feminina, a mãe, como principal responsável pelos filhos, tanto financeiramente quanto pela educação.

Com relação ao tempo dos pais, fizemos dois questionamentos. O primeiro era para identificar até qual série a mãe estudou. Na sequência, fizemos o mesmo levantamento sobre o estudo do pai.

Gráfico 8: Escolaridade da mãe

A sua mãe estudou

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

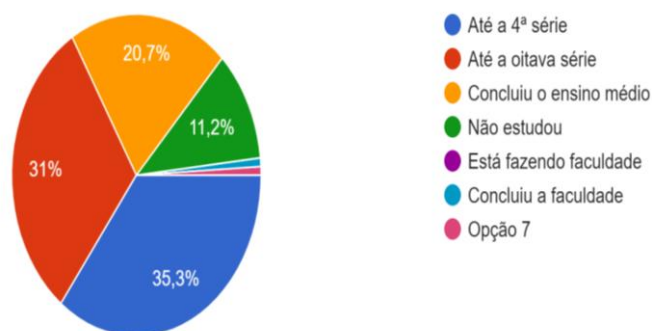
Ao observar o gráfico 8, percebemos que a escolaridade da mãe é bem dividida, pois temos um percentual bem próximo de mulheres que concluíram o ensino médio (32,8%) em relação aos 30,2% que só concluíram o ensino fundamental. Mas também temos o percentual 23,3% que informam que as mães estudaram até a quarta série e 11,2% não estudaram. Com relação ao ensino superior, de acordo com as respostas, somente 1 mãe concluiu essa etapa e outras duas estão na graduação.

Com relação ao pai, observamos que o percentual mais relevante foi em relação a formação até a quarta série, que nos faz pensar que apesar de toda dificuldade, a mulher ainda conseguiu prosseguir um pouco mais no tempo de estudo.

Gráfico 9: Escolaridade do pai

O seu pai estudou

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

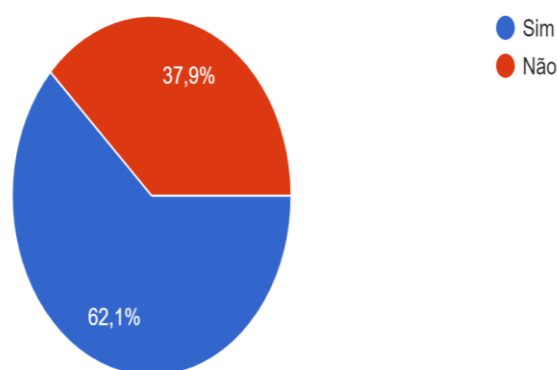
Ao observar o gráfico 9, percebemos que o maior percentual foi atribuído para a formação até a quarta série, com 35,3%. Já a porcentagem de concluintes do ensino médio é inferior, com 20,7%. Temos também o percentual de 31% para o ensino fundamental. Seguindo a mesma porcentagem das mulheres, temos 11,2% de homens que nunca estudaram. Dessa forma, assim como em outros quesitos já observados, os homens apresentaram um tempo menor de permanência na escola.

Ainda na abordagem relacionada sobre a educação, perguntamos se na residência dos alunos havia alguém que tivesse abandonado os estudos. E, caso a resposta fosse afirmativa, quais foram os principais motivos.

Gráfico 10: Familiares que abandonaram os estudos

Na sua família, atualmente, tem alguém que abandonou os estudos?

116 respostas



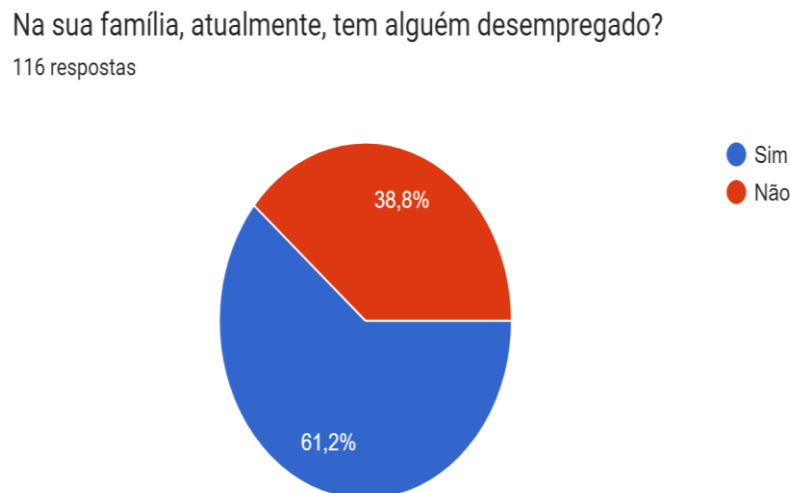
Fonte: Autora, 2024

É possível constatar no gráfico 10 que a maior parte dos informantes afirmaram que alguém da família já abandonou os estudos, número que representa 62,1% das respostas, ou seja, 72 pessoas vivem essa realidade. Com relação aos principais motivos, temos o fato de abandonar a escola por conta do trabalho, por questões financeiras e problemas na família, além da gravidez na adolescência. Após a pandemia, esses motivos ficaram ainda mais evidentes, sendo uma constante o abandono dos estudos por conta da necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família.

Em contrapartida, também perguntamos sobre a questão do desemprego, fato que é uma realidade em muitas famílias do nosso país, mas é uma constante ainda

maior na periferia. Principalmente nos últimos anos, período marcado pela pandemia, o número de desempregados aumentou consideravelmente.

Gráfico 11: Na sua família, atualmente há alguém desempregado?



Fonte: Autora, 2024

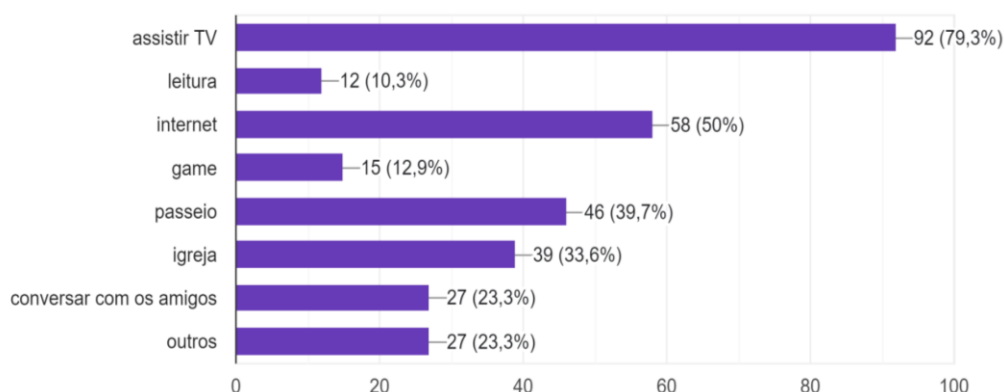
Ao observarmos o gráfico 11, identificamos que 71 (61,9%) pessoas desse grupo pesquisado estão desempregadas. Sabemos que essa taxa de desemprego está relacionada com o emprego formal, de carteira assinada, pois muitos homens e mulheres da comunidade exercem atividades eventuais, “bicos” na construção civil, na faxina e na coleta de lixo reciclável. Também é válido mencionar que o questionário foi aplicado pouco depois do período pandêmico, crise sanitária e humanitária que influenciou diretamente a economia, aumentando o índice de desemprego.

Para finalizar essa análise socioeconômica, indagamos como cada família ocupa o seu tempo de lazer, quais são as principais comunidades de prática nas quais elas socializam. É importante frisar que dentro de uma comunidade periférica, existem poucos locais no qual os jovens possam se reunir para um momento de lazer.

Gráfico 12: Quais atividades você e sua família costumam fazer nas horas de lazer?

Quais atividades você e sua família costumam realizar nas horas de lazer?

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

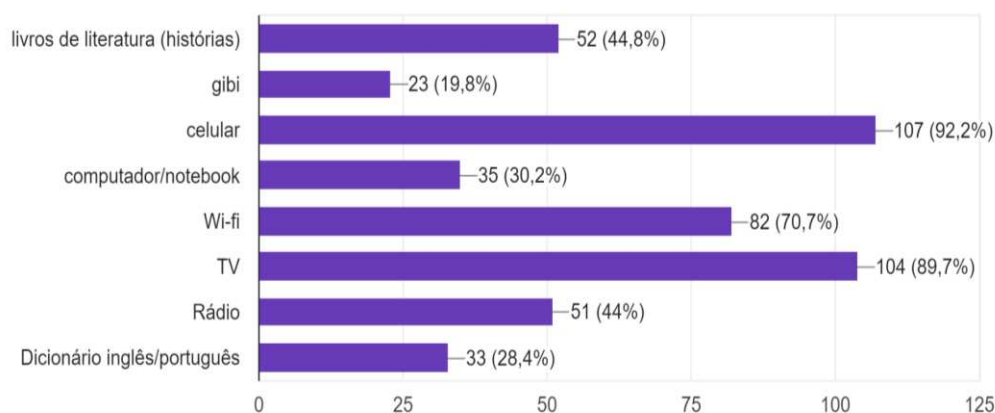
Ao observar as respostas do gráfico 12, percebemos que a maior parte dos informantes, 79,3% incluíram que passam um tempo assistindo televisão. Como segunda maior resposta temos a internet que pontuou 50% dos informantes. Com relação a esses números, é possível depreender que a televisão tem maior representação pelo fato de que muitos moradores ainda não terem o acesso à internet em suas casas, considerando as questões financeiras e de localidade. Outro dado que nos chama a atenção é o alto índice de informantes (33%) que indicaram como lazer o fato de frequentar semanalmente a igreja, culto ou qualquer outra atividade ligada à evangelização. Com o menor percentual, temos a leitura e o jogos eletrônico (videogame) como atividades realizadas na hora de lazer.

Na última questão, indagamos quais dos itens elencados, os participantes teriam em casa. Os itens mencionados foram: livros de literatura, gibi, celular, computador, wi-fi, tv, rádio e dicionário. Cada informante poderia registrar mais de um item.

Gráfico 13: Quais desses itens você tem em casa?

Selecione quais desses itens tem na sua casa.

116 respostas



Fonte: Autora, 2024

A partir dos resultados identificamos que a maioria dos informantes têm TV e celular em suas residências. Essa porcentagem foi de 89,7% para a televisão e 92,2% indicaram o celular. Um outro dado interessante de se observar é o fato de que o wi-fi não está presente em todas as residências, pois marcou 70,7% das respostas. Essa informação corrobora com o fato de que, ao contrário do que a gente imagina, o acesso à internet acontece apenas em lugares públicos onde há wi-fi gratuito. Da mesma forma, o percentual de famílias que possuem um computador/notebook ainda é menor. Por meio desse panorama é possível imaginar o quanto foi difícil que essa comunidade tivesse acesso à educação remota no período pandêmico. Sendo assim, mais uma vez vítima da exclusão social.

A aplicação e análise desse questionário socioeconômico permitiu um olhar mais profundo para essa comunidade. Através destas informações foi possível delimitarmos como é a realidade social e familiar desse grupo de jovens. Para que assim possamos evoluir para o próximo passo da análise que é observar as escolhas presentes no repertório linguístico desses jovens e identificar quais as variedades que mais os representam.

6.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: UM OLHAR DO INDIVIDUAL AO COLETIVO

Após a análise dos dados coletados por meio do questionário socioeconômico, percebemos que alguns alunos das turmas selecionadas não se enquadravam na

proposta desta pesquisa, pois moravam em bairros próximos ao colégio (Cristal, Nova Esperança, bairros mais novos que não apresentavam as mesmas características do bairro União da Vitória, explanadas anteriormente). Além disso, também tínhamos alguns jovens que moravam no bairro há um tempo menor de seis anos, não estudando no colégio no fundamental II, características que também foi considerada como um dos critérios para selecionar os informantes. No que diz respeito ao tempo de moradia na comunidade, Tarallo (1997) ressalta que o informante que tenha se ausentado do local em análise por mais de dois anos deve ser descartado, pois ele poderá trazer em sua fala influências, por exemplo, de outras comunidades na qual conviveu. Analisamos que os alunos que moram a menos tempo na comunidade não possuem a mesma relação de união e pertencimento propagada pela maioria dos moradores mais antigos do bairro.

Portanto, dos 116 alunos que responderam à pesquisa, temos sessenta jovens que moram no bairro União da Vitória há mais de seis anos e que também frequentaram o ensino fundamental II na escola analisada. Com esse grupo definido, partimos para a observação, buscando caracterizá-los de acordo com as suas roupas, interesses, grupo de amigos, comportamento em relação aos estudos e ao futuro, além das atividades que realizam aos finais de semana.

Ao longo das observações em lócus, foi possível identificar dois grupos bem definidos: o grupo dos irmãos, que frequentam igrejas, sendo principalmente as igrejas evangélicas; e o outro grupo, “os crias³⁷”, que curtem a “revoada³⁸” aos finais de semana. É importante destacar que nem todos esses jovens observados se reconheciam em um desses dois grupos, pois não possuíam características bem evidentes, sendo possível afirmar que seriam uma mescla dos dois grupos já mencionados. Esse terceiro grupo, “os firmezas”, é formado por jovens mais tranquilos, que interagem com todos, mas não fazem parte de nenhum grupo específico, normalmente ficam mais sozinhos usando o celular.

Neste momento, a partir dessa delimitação das comunidades de práticas, a pesquisa passa de um olhar macro (comunidade local) para um olhar mais micro - os jovens que participam dos grupos identificados dentro do ambiente escolar.

³⁷ Jovens que apreciam funk/ festas.

³⁸ Festa funk realizada aos finais de semana nas ruas do bairro.

Ressaltamos também que, considerando a limitação de tempo para realização do doutorado, restringimos nossa análise nos dois grupos para que este estudo ocorra dentro do período determinado e atinja a proposta inicial, vamos, a partir de agora, focar o nosso olhar apenas nos dois grupos, “os irmãos” e “os crias da UDV”, mencionados anteriormente. No entanto, é importante frisar que o terceiro grupo, “os firmeza”, apesar de também coexistir dentro do mesmo local, já não apresenta tantas características em comum, sendo uma junção de todos aqueles jovens que não se enquadraram nos outros dois grupos mais representativos. Dessa forma, esse último não fará parte da pesquisa neste momento. É relevante mencionar que a escolha dos nomes dos grupos partiu do repertório linguístico dos próprios jovens, que se autodenominam e denominam os demais colegas.

Na sequência, apresentamos um relato a partir da observação dos dois grupos, abordando os costumes, as vestimentas, a relação com a família e a escola. Juntamente com a narrativa, apresentaremos informações colhidas a partir das entrevistas individuais e coletivas, para depois abordar, de forma mais específica, o repertório linguístico de cada comunidade de práticas.

6.2.1 Relato dos principais momentos da observação participante - A identidade individual e social do jovem - *“Cada um, cada um, cada lugar, um lugar”*³⁹

Além dos momentos de descontração no intervalo, também realizamos observações em outros momentos dentro do espaço escolar como, por exemplo, horário com aula vaga, palestras, reuniões do grêmio, gincanas e demais atividades de interação dentro do espaço escolar.

Nesse período, observamos todos os momentos que possibilitavam a interação e, ao final da primeira semana, eles já nem estranharam a minha presença e o diálogo ocorria normalmente. Muitas vezes, é importante mencionar que eles me procuravam para desabafar, para relatar situações e pedir conselhos. Anteriormente já havia vínculo de confiança, mas, com certeza, a minha disponibilidade diária de estar com eles, fez com que esse vínculo aumentasse.

Como já mencionado anteriormente, esses jovens vivem em uma comunidade carente, com um abandono por parte das políticas públicas, mas essa carência também é emocional, pois a maioria aprendeu desde pequeno a se cuidar sozinho,

³⁹ Frase da música "Não é Sério" do Charlie Brown Jr

sem uma estrutura familiar para lhe dar amparo emocional. Muitos pais e mães têm problemas com o álcool e as drogas, outros estão envolvidos com a criminalidade. Assim, cada jovem aprende a seguir o seu caminho sozinho.

Não demorou muito tempo para que identificássemos as várias atitudes que os agrupavam em comunidade de práticas, começando pelas vestimentas, pelo assunto das conversas, pelas músicas que ouvem, pelo vocabulário que usam, pelo círculo de amizades, pela forma como entendem a vida.

Tudo foi registrado. Utilizamos um diário e o celular para registrar os áudios e as fotos, além do acompanhamento das redes sociais, principalmente nos finais de semana, buscando identificar os momentos de interação social. Para seguir com a análise, cada comunidade de prática será detalhada.

6.2.2 “Os cria da UDV⁴⁰”

É interessante pensar que ao realizar a observação participativa, a hipótese de que havia uma comunidade de prática foi aos poucos se confirmando. A primeira característica evidente desse grupo é o estilo, o comportamento e as roupas. Esses jovens, tanto as meninas quanto os meninos, têm um comportamento de maior rebeldia, de se opor às regras dentro do espaço escolar, principalmente com relação ao uso do uniforme escolar. Esse comportamento transgressor também se estende para além dos muros da escola.

É comum que aos finais de semana que eles façam um social⁴¹ ou participem da revoada, momento em que alguns consomem bebida alcoólica e/ou cigarro eletrônico. Além disso, observamos que é comum que esse grupo tenha tatuagem, que seu repertório linguístico seja formado por várias gírias e o funk é o gênero musical preferido. Os meninos usam roupas mais largas, camiseta de time, tênis, boné, corrente de ouro e óculos de sol⁴². Normalmente, o corte de cabelo também é padronizado: cabelo todo descolorido⁴³ ou então com o corte na régua⁴⁴. Já as meninas, normalmente usam calça ou shorts jeans, saias curtas, cropped, camisetas de times, boné, tênis, óculos de sol, maquiagem com o olho bem delineado. Gostam

40 Nome do bairro: União da Vitória.

41 Reunião de um grupo menor de amigos para consumir narguilé (espécie de cachimbo muito comum entre os jovens).

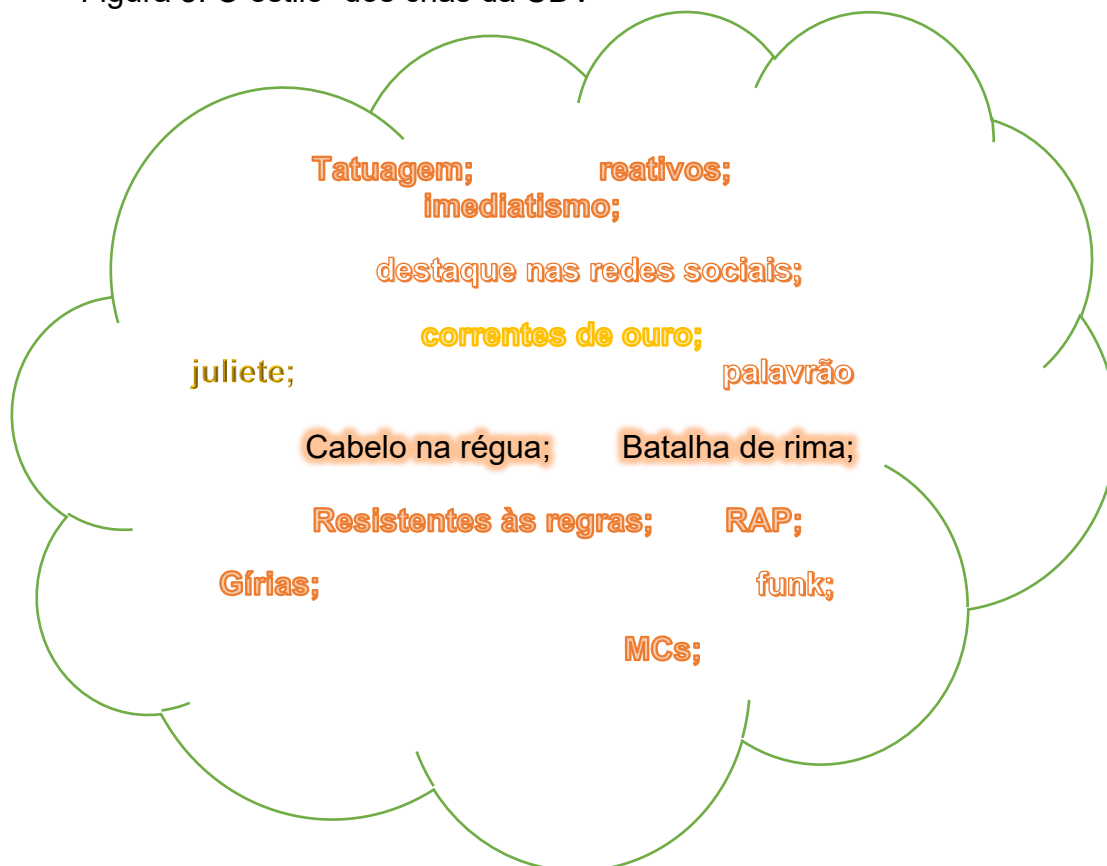
42 Juliete ou juju.

43 Nevado.

44 Corte com riscos nas laterais e até pequenos desenhos.

muito de tirar fotos e gravar vídeos para postar nas redes sociais. A preocupação com a imagem e com o fato de ser popular é muito comum entre elas.

Figura 5: O estilo “dos crias da UDV”



Fonte: Autora, 2024

Com relação ao comportamento na escola, “os crias” na maioria das vezes são bastante descompromissados, gostam de frequentar a escola para socializar, mas não desempenham todas as atividades pedagógicas. Sempre estão com fones de ouvido dentro e fora da sala de aula. Não fazem o uso do uniforme. Para não serem barrados na portaria da escola, às vezes usam a camiseta do uniforme com outra blusa por baixo, mas, na primeira oportunidade tiram e ficam com a camiseta da preferência. Com relação ao futuro profissional, apesar de muitos já trabalharem, ainda não há uma certeza com relação à profissão. Eles se preocupam muito com o momento, com o hoje, o futuro fica para depois.

6.2.3 “Os irmãos”

O nome desse grupo está ligado à forma de tratamento que os jovens usam entre eles, com referência ao irmão de fé ou até mesmo o irmão de caminhada. Esse segundo grupo apresenta características completamente opostas às do grupo anterior. Com relação ao estilo, são mais discretos, buscando não chamar a atenção. Normalmente não ouvem música funk e não participam das festas. Não tem tatuagem, não falam “palavrão” e nem gírias. Buscam seguir as regras determinadas no espaço escolar, são mais dedicados e se preocupam mais com o futuro. Aos finais de semana vão ao culto e ao encontro de jovens religiosos. E, na escola, apesar de serem cordiais e terem uma boa relação com todos, não frequentam os outros grupos, pois os interesses e o comportamento são muito diferentes.

A influência da família nesse grupo também é muito forte, pois seguem os preceitos da religiosidade, tendo o pastor como o líder espiritual e comportamental. Diferentemente do grupo dos “cria”, os irmãos têm um posicionamento mais tradicionalista em relação ao comportamento social, fato que gera alguns conflitos de relacionamento. Com relação aos meninos, as vestimentas são bem básicas. Na escola, usam uniforme, sem adereços e bonés, pois tentam não vincular sua imagem com a dos “crias”. A mesma situação ocorre com as meninas, roupas discretas, sem muitos adereços, não seguem “a modinha do momento”.

Figura 6: Estilo dos irmãos



Fonte: Autora, 2024

Com base nessa breve caracterização dos dois grupos, seguiremos nossa análise agora com um olhar mais específico na linguagem, pois assim como o estilo individual indica o pertencimento a um grupo específico, a variante linguística utilizada também os inclui em uma determinada forma de se posicionar dentro de uma comunidade.

Antes de seguir para próxima seção, é importante ressaltar que essa descrição realizada de cada grupo não tem o objetivo de criar ou reforçar estereótipos, mas sim de identificar esse jovem, por meio de suas vestimentas, linguagem, em uma comunidade de prática.

6.3 REPERTÓRIO LINGUÍSTICO – OBSERVAÇÃO, REGISTRO E ANÁLISE

Ao longo do período de acompanhamento dos jovens e a realização das entrevistas, registramos várias ocorrências das mais diversas variantes linguísticas. Algumas palavras são mais estigmatizadas enquanto outras são normalmente usadas pela maioria dos informantes, independente do grupo a qual pertençam. Ao realizar as entrevistas individuais e depois a interação coletiva, foi possível perceber que essas ocorrências, principalmente as mais marcadas socialmente, estão diretamente relacionadas com a localidade, região onde moram, que é estigmatizada.

Para uma discussão de estilo, com base em ECKERT; RICKFORD, 2001; MOORE, 2004; ECKERT, 2008; CAMACHO, 2010; SALOMÃO-CONCHALO, 2015; apresentaremos um apanhado dos vocábulos mais registrados no momento de interação com todos os informantes da pesquisa, para depois selecionar os cinco informantes de cada comunidade de prática para as entrevistas individuais.

Ao pensar nas gírias, listamos algumas das principais ocorrências, observando aquelas que dentro da comunidade em questão apresentam um maior ou menor estigma.

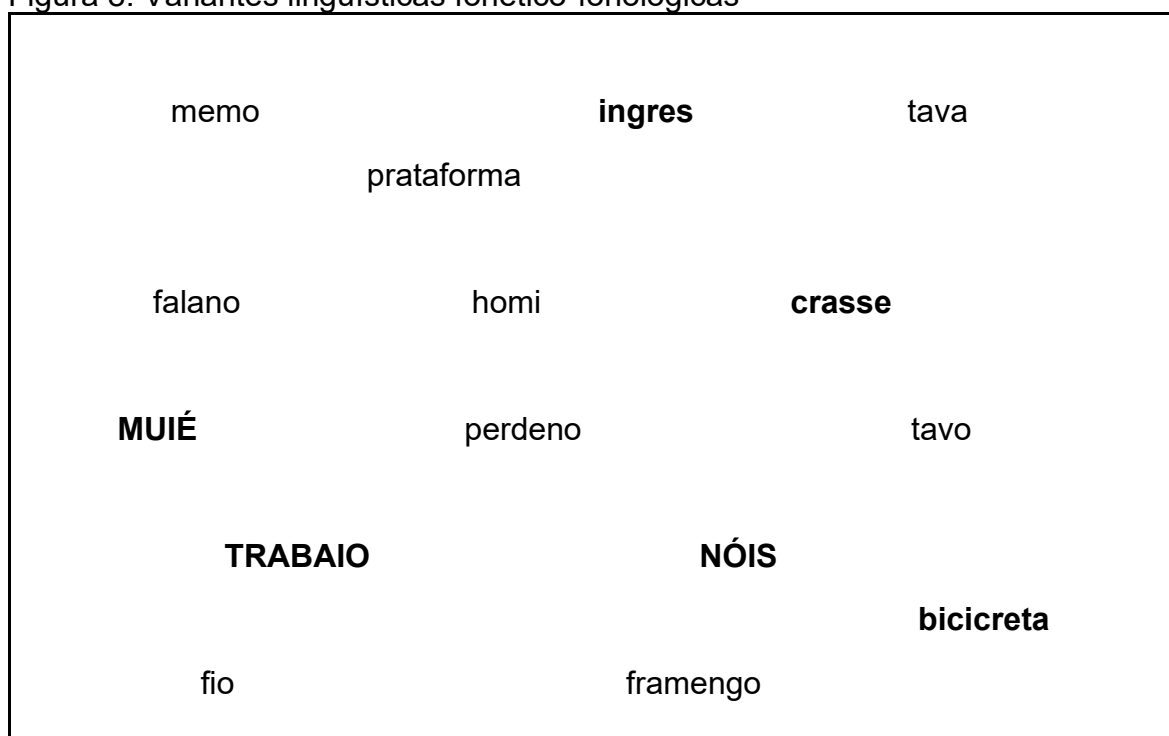
Figura 7: As gírias mais encontradas no espaço escolar



Fonte: Autora, 2024

Neste quadro apresentamos um compilado das gírias mais registradas nos momentos de interação com os alunos. As palavras **mano**, **parça**, **tá ligado**, **é nós**, foram as que apresentaram uma maior ocorrência nos registros de observação. Já as demais, apresentaram uma menor frequência, pois são estigmatizadas por estarem mais presentes na fala de jovens que possuem ou já possuíram algum envolvimento com questões ilícitas, sendo, dessa forma, mais produtivas no grupo “dos crias”.

Além das gírias, também identificamos algumas variantes linguísticas bem recorrentes na fala dos jovens da comunidade. Observamos que algumas não são marcadas, ou seja, não há, aparentemente, estigmatização na fala desses jovens, como, por exemplo, a iotização do /lh/ em “**muié**” e “**trabaio**”. Com relação ao rotacismo, identificamos as variantes “ingres”, “crasse” e “bicicreta”, formas mais marcadas neste ambiente e, por vezes, envolvidas com ações de preconceito linguístico entre os alunos. Outra questão relevante é o fato de que estas palavras são identificadas na fala de uma grande parte dos jovens e dos adultos que frequentam o espaço escolar.

Figura 8: Variantes linguísticas fonético-fonológicas⁴⁵

Fonte: Autora, 2024

Neste momento, o intuito foi apresentar o repertório linguístico identificado na comunidade, sem ainda relacioná-lo com as comunidades de práticas. Nas demais seções desta pesquisa, principalmente durante o registro das entrevistas individuais, faremos o detalhamento das variantes de acordo com cada comunidade de prática que o jovem está afiliado.

6.4 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS - DADOS OBTIDOS A PARTIR DO QUESTIONÁRIO DE *MATCHED GUISE*

Para essa fase da pesquisa decidimos então delimitar as palavras que foram mais notadas na fala dos jovens ao longo da observação participante. Ao produzir esse novo questionário seguimos a técnica *Matched Guise*, de Lambert (1960) e incluímos as três variantes que foram observadas para este estudo: rotacismo, iotização e a presença de algumas gírias.

Analisar a atitude linguística é um “estado de disposição, variável que intervém entre um estímulo que afeta a pessoa e sua reação a ele” (López Morales, 1993, p.

⁴⁵ Apesar de ter registrado na lista outros fenômenos linguísticos, nesta pesquisa observaremos somente o rotacismo e a iotização.

231) sendo pautada em elementos afetivos (emoções e sentimentos), cognitivos (crenças e estereótipos) e comportamentais (tendência à reação de determinado modo).

Com o objetivo de observar quais eram as crenças e as atitudes que os jovens apresentavam dessas variantes específicas foram produzidas quatro gravações a partir da leitura de um texto controlado⁴⁶ no qual apresentava as variantes de interesse desta pesquisa. Conforme já mencionamos, a leitura dos textos foi realizada por uma única pessoa⁴⁷, de forma que, cada áudio apresentava uma variante observada na pesquisa. O questionário foi elaborado com 25 frases afirmativas às quais os informantes tiveram que responder assinalando uma das 6 alternativas propostas.

Neste momento da pesquisa, o questionário também foi aplicado individualmente para que não houvesse nenhum tipo de comentário que influenciasse o outro participante. O questionário foi montado no Google Forms e o link era disponibilizado para que o aluno pudesse acessar⁴⁸. Primeiro era apresentado a gravação⁴⁹ e, na sequência, as frases afirmativas, para que o aluno respondesse de acordo com as impressões. Na sequência, selecionamos algumas respostas para serem analisadas neste tópico.

Assim, na questão sete⁵⁰, temos a seguinte pergunta: “Como você acha que os moradores da região do União da Vitória falam? Por quê?” Essa questão busca compreender como os adolescentes percebem a fala da sua comunidade. Para essa pergunta tivemos as seguintes respostas⁵¹ mais relevantes:

Figura 9: Como você acha que os moradores do União da Vitória falam?

⁴⁶ O texto para leitura foi produzido de forma controlada com o objetivo de observar as variáveis analisadas neste estudo. Ao definir o assunto abordado no texto e reproduzido em forma de áudios, buscamos a temática que envolve a realidade dos participantes desta pesquisa.

⁴⁷ Como objetivo era que a leitura ficasse mais próxima possível da fala, pedimos para uma voluntária que não faz parte diretamente da comunidade, mas que conhece os estudos sociolinguísticos, realizasse a gravação do áudio, deixando a leitura mais próxima possível da fala. Além disso, a escolha de uma pessoa que não reside na comunidade, evita que essa informação chegasse até os informantes, considerando que essa comunidade possui laços estreitos de conveniência.

⁴⁸ Neste questionário obtivemos 60 respostas somente dos jovens das duas comunidades de práticas.

⁴⁹ Para ouvir o áudio era utilizado um fone de ouvido.

⁵⁰ Neste momento de análise selecionamos as questões com as respostas mais significativas.

⁵¹ Para essa pergunta, obtivemos 60 respostas. As respostas mais relevantes foram transcritas exatamente como foi dada pelo participante da pesquisa.

- *O uso de muitas gírias;*
- *De forma simples e com muitas gírias;*
- *Falam normal;*
- *Um português incorreto, mas comum;*
- *Nem todo lugar é igual, tipo quem mora na Gleba Palhano não fala a maioria das coisas que a gente fala;*
- *Normal, cada um tem o jeito de falar;*
- *Acredito que falam diferente por causa do bairro, todos acostumaram a falar na gíria e acho que em alguns lugares podem ser reduzidas essas*

Fonte: Autora, 2024

A partir destas respostas, é possível perceber que a maioria dos participantes afirmam como uma marca da fala da comunidade a presença de gírias, assim como, outros identificam como uma fala normal. Para Preti (2007), a gíria é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens, sempre como uma marca identificadora desses grupos. É importante mencionar que, neste momento da pesquisa, estamos catalogando todas as variantes encontradas, para depois apresentar a transcrição das entrevistas e a ocorrência na fala de cada participante das comunidades de práticas.

Dando sequência aos dados obtidos no questionário, é essencial, neste momento, analisar as questões interrogativas nove e dez, as quais indagam sobre a percepção dos informantes com relação à fala deles e das outras localidades. Como resposta para a questão nove⁵², os alunos identificaram uma região nobre de Londrina, a Gleba Palhano, como um local que apresenta uma fala mais adequada. Para a questão dez,⁵³ os adolescentes afirmaram que a região em que vivem, União da Vitória, é a que apresenta mais inadequação na fala.

Esses resultados nos levam a perceber que os alunos apresentam uma autoavaliação negativa sobre a variedade que eles usam e, também, vinculam a fala mais adequada à questão socioeconômica. Essa última constatação pode ser confirmada através da afirmativa quatorze: “As pessoas mais ricas falam melhor que

⁵² Cite uma região de Londrina que, de acordo com a sua opinião, fala mais corretamente.

⁵³ Cite uma região de Londrina que, de acordo com a sua opinião, apresente mais "erros" na fala.

as pessoas mais pobres”, que obteve o percentual de 66,7% como verdadeira. Scherre (2013) salienta que, na relação entre as variedades, “imperava a lei do mais forte que rejeita sistematicamente as variedades menos prestigiadas, e todos os aspectos culturais a elas atrelados.” (SCHERRE, 2013, p. 54) Também é válido pontuar mais algumas constatações, como, por exemplo, em relação à questão onze: “No seu colégio todos falam da mesma maneira?” Para esta indagação, obtivemos 55,6% de negação. Essa resposta corrobora com o objetivo desta pesquisa que é analisar as diferentes variantes presentes nesta comunidade escolar.

Complementando a questão anterior, a questão doze solicita ao informante que exemplifique, se houver, pessoas ou grupos no colégio que tenham um vocabulário ou forma de falar diferente. Caso se lembre, identifique o grupo ou os tipos de pessoas.

Figura 10: Quais as pessoas/ grupos do colégio que apresentam uma forma de falar ou um vocabulário diferente⁵⁴:

- *Tem um grupinho em específico que sempre fica junto, são pessoas que vivem em uma favela⁵⁵ mais que não se diferenciam dela, que vão para escola somente por bagunça e não querem nada para o seu futuro;*
- *Todas as pessoas conversam de formas diferentes, alguns falam corretamente já outros usam gírias e até criam "novas expressões".*
- *professores;*
- *zé droguinhas;*
- *Uma galera nordestina que mora por aqui;*
- *Os crente conversam diferente do resto do pessoal;*
- *Malandro;*
- *As pessoas mais tímidas e as pessoas que não gosta de muito contato visual;*

⁵⁴ Selecionamos algumas respostas mais relevantes. A redação é exatamente a informada no questionário. Muitos jovens responderam que não sabiam ou que nunca haviam percebido essa diferença.

⁵⁵ Termo usado pelo participante da pesquisa.

- *Tem pessoas que tem sotaques por virem de outras regiões, nem todo mundo sempre morou em Londrina;*
- *Adolescente;*
- *O grupo religioso;*
- *Um grupo de meninos adolescentes;*
- *Os professores e quem está na direção do Colégio;*
- *Cada sala de aula fala de uma forma por conta da idade;*
- *Baiano, carioca;*
- *Pessoas mais velhas;*
- *Não sei, depende de cada grupo;*
- *Pessoas que não deram ou não dão valor aos estudos;*
- *Grupos de jovens/ adolescentes;*
- *Sempre tem alguns grupos que usam gírias e coisas do tipo diferente;*
- *O grupo dos professores, porque tem professor que fala mais corretamente.*

Fonte: Autora, 2024

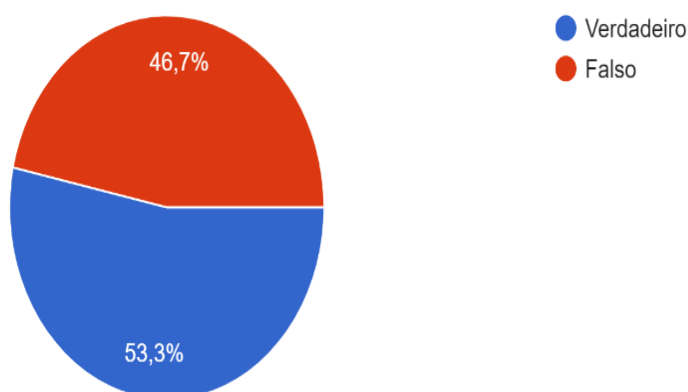
A partir das respostas dos informantes, foi possível identificar algumas referências às comunidades de práticas pesquisadas, assim como, também observamos referências aos sotaques e a variação geracional. Alguns jovens também pontuaram a diferença que percebem na fala dos professores e da equipe diretiva.

Outra questão para ser analisada é a crença de que a língua portuguesa é muito difícil. Observamos que 53,3% afirmaram que não sabem bem a língua e 46,7% afirmaram que a informação é falsa. Desta forma, podemos perceber que essa resposta ficou bem equilibrada, indicando que essa crença não é uma unanimidade entre eles.

Gráfico 14: A língua portuguesa é muito difícil?

A língua portuguesa é muito difícil

60 respostas



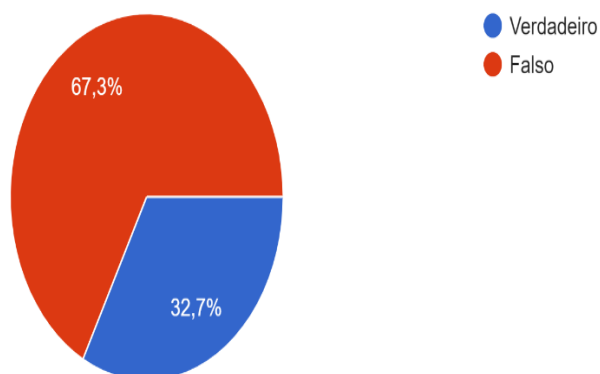
Fonte: Autora, 2024

Um outro ponto a ser abordado refere-se ao modo de falar dos professores desta comunidade. Observamos, ao analisar o gráfico 15, que 67,3% dos alunos acreditam que é falsa a sentença que afirma: "O modo de falar dos professores é bem próximo da fala da comunidade na qual eu moro." Desta forma, fica evidente que os alunos reconhecem que a fala dos professores é diferente, que não apresenta as mesmas marcas, reforçando a crença de que eles, os alunos, não sabem falar adequadamente.

Gráfico 15: O modo de falar dos meus professores é próximo a forma de falar da comunidade escolar

O modo de falar dos meus professores é muito próximo a forma de falar da comunidade na qual eu moro.

55 respostas



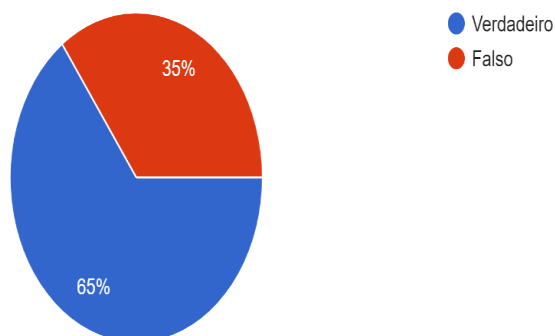
Fonte: Autora, 2024

O gráfico 16 apresenta o percentual de respostas para a afirmação de que "as pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram em zonas rurais". Para este item, tivemos 65% dos jovens entrevistados que concordaram com a afirmação, evidenciando que a comunidade atribui um valor de prestígio ao morador das grandes cidades, fato que não ocorre com o morador da zona rural.

Gráfico 16: As pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram em zonas rurais

As pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram em zonas rurais.

60 respostas



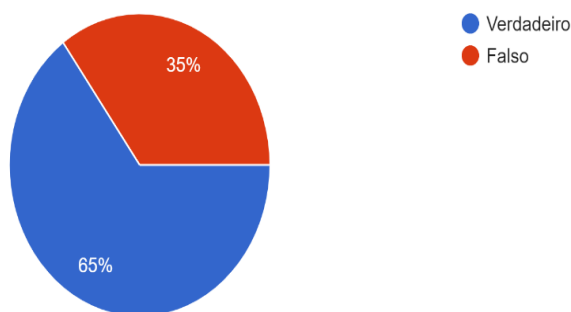
Fonte: Autora, 2024

Nesta mesma análise sobre a crença linguística relacionada à fala do outro, temos a afirmativa: “As pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram na periferia”. Para esta afirmativa, com base no gráfico 17, também tivemos a mesma porcentagem, com 65% dos informantes afirmando ser verdadeira a sentença.

Gráfico 17: A fala das pessoas que moram nos centros urbanos é melhor do que as pessoas que moram na periferia

As pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram na periferia.

60 respostas



Fonte: Autora, 2024

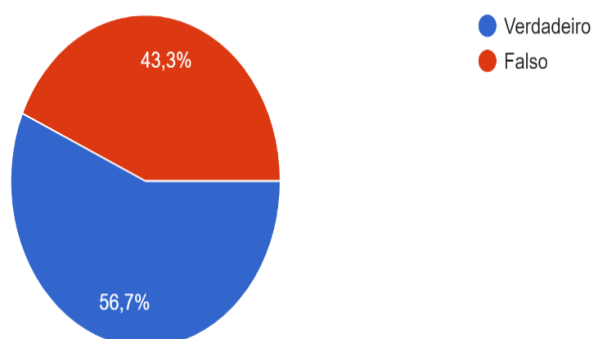
Esse percentual nos mostra o desprestígio que é atribuído à fala do próprio morador de periferia, que reconhece a sua exclusão de diversas formas, inclusive uma exclusão linguística. De acordo com Bagno, 2007, o *status* econômico diferencia e separa as variedades da língua, onde as mais prestigiadas são as faladas por moradores dos grandes centros urbanos, com alto poder aquisitivo. Assim como, as variedades estigmatizadas são aquelas adotadas por moradores de periferias, zonas rurais ou analfabetos.

Também abordamos, nesta pesquisa, a questão geracional, principalmente, por conta das diversas ocorrências que encontramos na fala dos jovens observados. É importante ressaltar que nesta comunidade observada, os adultos apresentam uma baixa escolaridade, dessa forma, na fala dos jovens encontramos uma presença maior de gírias, fato que não se observa tanto na fala dos adultos, considerando o estigma que essa variante carrega nesta localidade.

Gráfico 18: Os adultos falam melhor que os jovens

Os adultos falam melhor que os jovens

60 respostas

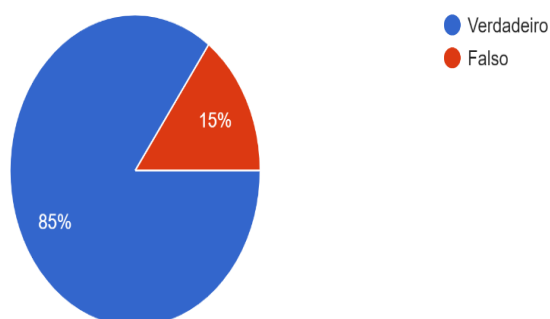


Fonte: Autora, 2024

Pensando na questão da escolaridade, os informantes também relacionaram diretamente o tempo de estudo com o uso de uma linguagem mais adequada. No gráfico 19 temos 88,9% dos entrevistados que apontaram como verdadeira a afirmação, mostrando que nesta comunidade há uma crença de que uma fala mais monitorada está diretamente relacionada o tempo de escolarização do falante.

Gráfico 19: Quanto mais as pessoas estudam, mais corretamente elas falam.

Quanto mais as pessoas estudam, mais corretamente elas falam.
60 respostas

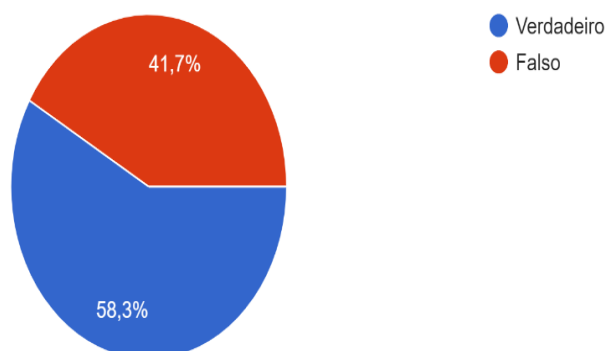


Fonte: Autora, 2024

Uma outra questão importante para analisar, gráfico 20, é a crença de que a população mais rica tem uma fala mais adequada do que a população mais pobre, fato que está diretamente relacionado ao prestígio social que cada grupo recebe. É fato de que as comunidades mais desfavorecidas economicamente sofrem várias situações de descrédito, inclusive linguisticamente.

Gráfico 20: As pessoas mais ricas falam melhor do que as pessoas mais pobres

As pessoas mais ricas falam melhor do que as pessoas mais pobres.
60 respostas



Fonte: Autora, 2024

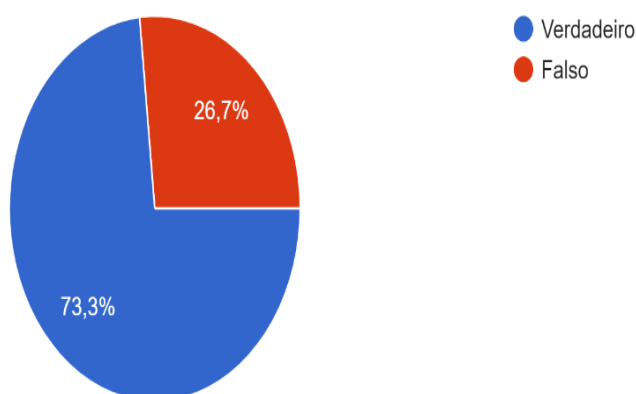
Conforme o gráfico 20, 58,3% dos informantes acreditam que há uma diferença na fala de uma pessoa rica para uma pessoa pobre. Essa afirmação envolve não só

a diferença do repertório linguístico dos falantes, mas também tem uma relação com a diferença do Capital Cultural⁵⁶ que cada indivíduo tem acesso ao longo da sua formação.

Para finalizar, no gráfico 21, também apresentamos a seguinte frase afirmativa: “Eu tenho orgulho do meu jeito de falar que é igual ao das pessoas do lugar onde nasci”. Com base no resultado apresentado, observamos que 73,3% dos jovens que responderam ao questionário, apresentaram uma postura positiva em relação a identificação da sua linguagem com a comunidade da qual faz parte.

Gráfico 21: Sobre o orgulho da variedade linguística que representa o lugar onde nasceu

Eu tenho orgulho do meu jeito de falar porque é igual ao das pessoas do lugar onde nasci.
60 respostas



Fonte: Autora, 2024

Após analisar esses dados, podemos pensar em uma relação de indexicalidade entre as variantes linguísticas e a identidade dos participantes, entendendo por indexicalidade a propriedade da língua ou do discurso através da qual identidades sociais são constituídas (OCHS, 1992). Sendo assim, observaremos, na próxima seção, como os participantes indexicalizam o uso de algumas variantes presentes nas comunidades de práticas.

⁵⁶ Bourdieu, 2003

6.5 ENTREVISTAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS. UM BATE-PAPO SOBRE OS “CORRES” DE CADA DIA

Para realizar as entrevistas, selecionamos cinco jovens de cada comunidades de práticas que são os mais “influentes” de cada grupo. Dentro desta seleção, também teve preferência os jovens que participaram em 2017 da pesquisa de mestrado. Isto posto, entrevistamos 4 homens e uma mulher da comunidade de prática dos crias e, na comunidade de prática dos irmãos, selecionamos 3 mulheres e dois homens.

As entrevistas gravadas tiveram a duração de 20 a 30 minutos e abordaram temas do cotidiano e experiências pessoais. Todas as gravações foram feitas com o consentimento livre e esclarecido dos informantes, em que foi informado o propósito do estudo e, sobre a utilização das gravações, que seria exclusivamente para fins de pesquisa, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Adotou-se o cuidado ético referente ao anonimato dos informantes. Assim, nas transcrições do material, foram utilizados nomes fictícios para cada participante, de modo a impedir sua identificação.

Na sequência, elaboramos um olhar descritivo a respeito dos dez alunos que foram selecionados para este estudo, lembrando que selecionamos os jovens que apresentaram o maior agrupamento de características de cada comunidade de prática encontrada e observada no espaço escolar. Para tornar o relato descritivo mais claro, acreditamos ser mais válido incluir um nome fictício, ao invés de ficar usando códigos para identificar cada participante. Iniciaremos abordando os cinco alunos da comunidade de práticas dos “crias” e depois seguiremos o olhar para os outros cinco alunos da comunidade de práticas dos irmãos.

Tabela 7: Participantes da comunidade de práticas dos crias

Participante	Codinome	Idade
PC1	Joaquim	17 anos
PC2	Francisco	16 anos
PC3	Roberto	17 anos
PC4	Alberto	18 anos
PC5	Carmen	16 anos

Fonte: Autora, 2024

1 - PC1 – Joaquim - 17 anos

O estudante Joaquim tem 17 anos e está matriculado no 2º ano do Ensino Médio. O aluno apresenta vários problemas relacionados ao comportamento dentro do espaço escolar, pois tem grande resistência em seguir regras. Conforme relatado pelo aluno durante a entrevista, ele sempre morou bairro UDV⁵⁷ juntamente com a sua mãe, irmã e a avó materna⁵⁸. Não teve contato com a figura paterna, pois o pai foi assassinado quando ele tinha 3 anos de idade. Por este motivo, a figura de referência para ele sempre foi sua mãe e sua avó. A sua família sempre morou na mesma casa que fica nas proximidades do colégio e aluno sempre estudo na nessa instituição, participando, inclusive, da pesquisa de mestrado já mencionada no capítulo anterior. Além de estudar, o aluno trabalha em uma conveniência⁵⁹ no mesmo bairro que é bastante frequentada pelos moradores da região.

Este aluno apresenta uma estreita ligação com o grupo “dos crias”, sendo visto como o líder do grupo pelos professores e equipe diretiva e uma referência para os demais integrantes desta comunidade de prática. Ao se vestir, Joaquim segue o estilo que representa os “crias” na comunidade escolar, usando boné, cordão, brinco, cabelo com corte estilizado e marca na sobancelha. Dentro do espaço escolar, o uso do uniforme é obrigatório, no entanto, por diversas vezes, o aluno estava usando camiseta de time, como uma forma de se opor as regras. Durante as entrevistas, Joaquim, por várias vezes, deixou em evidência que não concorda com o uso do uniforme, alegando ser uma forma de apagar o seu estilo de periferia. Na sequência, apresentamos alguns trechos relevantes da entrevista e das conversas que tivemos ao longo do processo de coleta de dados com o objetivo de exemplificar a relação do estilo com o comportamento do aluno e o relacionamento com a comunidade escolar.

⁵⁷ União da Vitória.

⁵⁸ A avó é pioneira no bairro e participou do processo de ocupação das terras, conforme já abordado neste estudo.

⁵⁹ Estabelecimento muito comum na cidade que comercializa bebidas e essências para narguilé. No caso desta conveniência, também é um ponto de encontro dos jovens da comunidade.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família e sobre o que faz no final de semana.

Joaquim⁶⁰: *A minha vida naum tem nada di bom. Não curto lembra das coisa que aconteceu quando era criança. Muito sofrimento. [...] Cresci sem meu pai, foi foda. Sei que ele tinha os corre dele e que acabo teno um desenrola errado, mas era meu pai. Depois de tudo que aconteceu, minha mãe passo muita dificudadi. Até que meus avô aceitaram a gente pra mora com eles. Quando minha mãe fico grávida de mim, meu vô expulsou ela de casa, daí ela foi mora com meu pai. Meu vô, o pai da minha mãe, não aceito o namoro porque meu pai era envolvido no bairro com coisa errada. Sempre escutei meu vô falano mal do meu pai e sempri falava que eu ia fica igual. Isso mi dexava muito triste, eu e meu vô nunca se entendeu. Ele morreu quando eu tinha uns 13 anos [...] Moro com minha mãe e minha vó. Não tenho irmão. Tenho meus amigo de moleque, que a gente tá sempre no corre junto, mesma caminhada. [...] não gosto de estuda memo, só vo porque minha mãe me obriga, pra ela não fica recramando. Também quero mostra pra ela que não vo termina igual meu pai. [...] Comecei a trampa no ano passado lá na conveniência. O serviço lá é di boa. Atendo o balcão e também abasteço os freezer. No final da tardi, os parcero cola lá para lá pra troca ideia. No domingo é minha folga, daí a genti cola lá no barraco do Ricardo pra fuma um rosh. [...] Eu quasi não saio daqui do União. Meus amigo é tudo daqui, meu trampo é aqui, estudo aqui. Então não tem porque i pra outro canto. [...] Aqui na quebrada todo mundo se conhece. Aqui sou considerado.*

Pesquisadora: Joaquim, você já deixou claro que não gosta de estudar. Mas, já percebi também que sempre se opõe as regras da escola, que não gosta de usar uniforme e, por várias vezes, você teve problema de relacionamento com os professores e a direção.

Joaquim: *“Sabi, prossora, num curto vim pra escola. Num guento te que fica fazeno só o que os outro manda. Essi baquio mi dexa injuriadu, o povo aqui naum intendi a caminhada... acha qui a genti é tudu malandro, só porque a genti mora na favela, o jeito qui a genti anda, a ropa que a genti usa [...] recrama do boné, da peita de time, naum gosto de usa uniformi, acho uma bobera. [...] A diretora vivi ligano*

⁶⁰ Apresentamos alguns trechos bem relevantes da conversa com o aluno Joaquim. A transcrição da fala seguiu exatamente a fala do aluno, sem nenhum tipo de alteração ou correção.

pra minha coroa, falano pra ela conversa comigo, pra não dá trabaio. Só acho que nós mora na quebrada... tudu differenti, é otro role. A diretora até fala que o uniformi é pra genti fica siguro, e tals [...] os otro aluno usa. Eu naum gosto, daí, sem mancada, eles não dexa a gente entra, chapa nossa menti. Sempri venhu com otra por baixo, se as tia bobia eu tiro.

Neste trecho da fala do aluno fica evidente o fato de o estilo estar diretamente ligado com a sua identidade de morador de uma comunidade periférica. Joaquim, quando cita que é “morador de favela⁶¹”, termo muito usado pelos jovens que não tem um sentido pejorativo, mas sim de que eles têm outra vivência, outra caminhada nas palavras do jovem, buscando reafirmar a persona de morador da periferia.

Outro ponto a ser aventado é a linguagem utilizada pelo aluno Joaquim. Observa-se neste trecho transcrito, o uso de gírias: “bagueio, peita, caminhada, coroa, mancada, chapa a mente”. Essas palavras são bem recorrentes na fala dos jovens que pertencem a comunidade de prática dos “crias”. Além disso, identificamos a presença do rotacismo – “recrama”- e da iotização em – “trabaio”. Como já foi mencionado aqui, Joaquim é o representante mais prototípico deste grupo, atitudes que reverberam no comportamento dos demais jovens.

2 – PC2 – Francisco - 16 anos

O estudante Francisco tem 16 anos e está matriculado no 2º ano do Ensino Médio. Este aluno faz parte da comunidade dos “crias” seguindo o estilo já mencionado, com o corte de cabelo estilizado, sobrancelha riscada, tatuagem, cordão e brinco. No entanto, o Francisco, diferentemente do Joaquim, não tem uma postura tão reativa em relação às regras da escola, sobretudo o uso do uniforme. Francisco vive com a sua família – pai, mãe e irmãos - no bairro UDV desde os três anos, quando saiu de outro bairro de Londrina. Além de frequentar a escola, ele também faz curso

⁶¹ Nesta pesquisa, usaremos o termo “comunidade periférica” como um sinônimo para o termo “favela”, por acreditar não ser pejorativo ou estigmatizado. No entanto, quando os participantes usarem o termo favela, este será transcrito, pois, para os jovens em questão, este termo não tem um sentido negativo, mas sim de identidade local.

na EPESMEL⁶² no período da tarde e curso de informática aos sábados, no centro da cidade.

Pesquisadora: Francisco, fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família e sobre o que faz no final de semana.

Francisco: *Eu gosto aqui da escola, sempri istudei aqui... tenho um monti de camarada. Aqui na escola todo mundo me conhece, se preocupa comigo, se tô nervoso a tia Joana⁶³ já vem me dá uns conselho. Na Epesmel é diferente, lá tem um monte de regra ... se abusa eles já te manda caminha. Aqui não, eu conheço a molecada, todo mundo é firmeza comigo. Na Epesmel vô consigui um trampo, quero muito trabaia, lá eles já te encaminha pro emprego, por isso que tento faze tudo certinho.*

Pesquisadora: Você saberia falar o motivo de lá Epesmel você ter um comportamento diferente do que tem no colégio?

Francisco: *Entaum, tenho esse jeitão aqui de moleque de quebrada, estilo da hora, sabe... Tenho meus amigo, o bonde que a gente sai de rolê pra curti, pra faze o fervo nas festa, pra desenrola com umas mina... se loco ... esquece ... Aqui na escola cola todo os camarada, a gente desenrola a maior resenha. Sempre foi assim ... lembra lá no sexto ano, a senhora sabe que nois tudo é amigo.*

Lá na Epesmel é diferente, lá tem um monti de gente diferente, cada um de canto da cidade, cada um tem sua caminhada e não dá pra desmecere a caminhada de ninguém. Meu sonho agora é consegui meu trampo num escritório, trabalha com computador, naum quero fica sofrendo na obra igual meu pai. Já trampei com ele e é foda ... também não quero fica fazendo os corre aqui na quebrada, quero conhece outras coisa. O pessoal da Epesmel falo que no próximo mês vão mi encaminha pra entrevista, que preciso muda meu jeito de fala e de vesti pra consegui trabalha... mas é difícil, sabe... muda o jeito, a ropa a gente troca pra i trabaia, mais o jeito de fala é foda até tento ... quando vejo já falei uma gíria. Na minha casa meu pai e

⁶² Escola Profissional e Social do Menor de Londrina – (EPESMEL) – Trata-se uma entidade filantrópica, beneficente, que oferece aos jovens o acompanhamento educacional, assistencial, cultural, de esporte e lazer.

⁶³ Nome fictício.

minha mãe não gosta que fala, sabe.... pra eles é malandro que fala assim. Lá em casa eu quasi não falo ...

É importante frisar que no decorrer do período de coleta de dados, observamos que este aluno, apesar de usar uma linguagem que o identifica como pertencente a uma comunidade de prática, faz, em algumas situações, uma adequação da sua fala, buscando aproximá-la de uma variedade de prestígio. O aluno, por ter contato com outras comunidades, faz com que sua linguagem e seu estilo também se adequem a estes ambientes. Dessa forma, Francisco, ao ter uma identidade próxima da comunidade de prática observada, também assume outra persona de um jovem que busca uma vaga no mercado, ciente de que sua linguagem e estilo pode gerar algum tipo de impedimento para a contratação. Outra ocorrência relevante é o fato do participante alternar na sua fala o uso da variante “trabaia”, já que em alguns momentos o jovem usou a forma trabalha, sem iotizar a palavra, e em outros momentos, usou a o termo “trabaia.” Para essa ocorrência, pontuamos que o Francisco, como ele mesmo relatou, está tentando usar uma fala mais monitorada, considerando que está em busca do primeiro emprego.

3 – PC3 – Roberto - 17 anos

O estudante Roberto tem 17 anos e é aluno do 2º ano do Ensino Médio. Sempre morou no bairro com a sua família. Quando seu pai era solteiro, seus avós compraram uma casa na comunidade, local onde Roberto mora até hoje com sua família. Durante a pandemia, o aluno perdeu a sua avó que foi uma vítima do Covid19, sofrimento que gerou uma desestrutura familiar. Apesar de estar fora da idade-série, o aluno não apresenta uma questão tão relevante com relação ao comportamento dentro do espaço escolar. A reprovação do aluno ocorreu no período da pandemia, momento muito difícil, principalmente para os moradores da periferia, que, além dos diversos cuidados para evitar o contágio com a doença, o luto pela perda da sua avó, também precisaram lidar com as questões socioeconômicas daquele período de incerteza.

Com o objetivo de buscar alternativas para solucionar a questão financeira com o desemprego de sua mãe, Roberto começou a trabalhar junto com o seu pai na construção civil, abandonando a escola naquele ano. Ainda durante esse período de dificuldade, o jovem se envolveu em um ato infracional e foi encaminhado para uma instituição socioeducacional, local onde ficou por três meses. No ano seguinte, após

uma longa batalha da família para resgatar o jovem, através de uma ordem judicial, ele retomou os estudos e, hoje em dia, busca superar essas questões com uma maior dedicação aos estudos. Esse participante, assim como os demais “crias”, apresenta o mesmo estilo, acessórios, tatuagem, corte de cabelo e linguagem. Mas observamos um ponto divergente que é a preocupação com o seu futuro, pois o aluno já percebeu, por meio de muito sofrimento que, o fato de não concluir os estudos e de trilhar outros caminhos, irá lhe trazer mais problemas e dificultar o seu acesso ao mercado de trabalho.

Pesquisadora: Roberto, fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família após tantas dificuldades e sobre o que faz no final de semana.

Roberto: *“Tá difícil. A senhora conhece minha caminhada, sabe tudo o que aconteceu, tudo que minha família passo... “as merda” que fiz (fica pensativo)”*.

Pesquisadora: Você superou tudo isso, é o que importa.

Roberto: *“Tem dia que fico esquisito, não quero papo com ninguém... lembro dos problema, a senhora tá ligada das fita, o tanto que fiz minha coroa sofre, que não consegui ajuda, só atrapaiei. Meus pais tá de boa, eles mi ajudam, conversa comigo, mais tem dia que me dá uma revolta, uma raiva, que tenho vontade de fazer tudo errado de novo. Ainda bem que eu tenho meus parcero, que ajuda, não me dexa cai. O Alberto sempre me dá uns toque, quando vê que tô meio estranho, já cola pra gente troca uma ideia. Agora só quero terminar meus estudo e arruma um trampo pra ajuda minha família. Não quero mais dá desgosto pra ninguém.” [...] quero esqueceu meu passado, daqui pra frente é coisa nova, tô ligado nos acontecimento, evitamo fala muito, só colo com que é considerado. [...] Depois que voltei pra casa, quase não saio à noite, nem vo nos role pra não desanda, sabe prossora. [...] Pra minha vida volta ao normal preciso tira essa revolta, tenho que esquece uma pá de coisa, mas naum sei não...*

A entrevista com o Roberto foi a mais difícil, pois ele ficou o tempo todo retraído. As respostas foram bem objetivas, sucintas, por este motivo, foi necessário indagar mais, fazer mais questionamentos para que ele se soltasse e, assim, detalhasse um pouco mais as suas respostas. No entanto, apesar de toda a interação, o jovem ainda

manteve uma fala de autojulgamento, uma fala quase que repetitiva, transmitindo, ao mesmo tempo, uma tristeza e um desejo de encontrar um novo caminho.

4 – PC4 – Alberto - 18 anos

O estudante Alberto tem 18 anos e está matriculado no 2º ano do Ensino Médio. O jovem é morador do bairro desde os 5 anos. Atualmente, ele mora com o seu pai e sua madrasta, após a separação a mãe foi morar em São Paulo deixando o filho aos cuidados da avó materna que já faleceu. Alberto nunca teve contato com a sua mãe, sempre morou com a avó e agora mora com a família do pai. Durante a entrevista, Alberto comentou dos vários conflitos que tem com a madrasta, que é evangélica e não aceita o estilo do jovem, alegando que ele fica parecendo os moleques do bairro que são envolvidos com o tráfico e que além disso, ele irá influenciar negativamente os irmãos mais novos, tirando-os do caminho da igreja.

Após tantos conflitos com a filha e o início de um namoro com uma menina participante da comunidade de prática dos irmãos, o aluno agora está tentando mudar o seu estilo, deixou de usar cordão e brinco, só manteve o cabelo estilizado e as tatuagens que fez sem o consentimento do pai. Na escola, Alberto usa o uniforme completo – calça, camiseta e tênis – sem nenhum tipo de acessório ou boné. No entanto, o aluno sempre está no grupo dos crias e é assim que ele se identifica, que se reconhece. Aos finais de semana, participa das festas nas chácaras e também frequenta a conveniência e a tabacaria para o uso de narguilé. No período da tarde, Alberto trabalha como pacoteiro em um mercado no mesmo bairro da escola. Aos domingos, frequenta o grupo de jovens em companhia da namorada.

Pesquisadora: Alberto, fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família e sobre o que faz no final de semana.

Alberto: *Depois que a minha vó morreu, fiquei sem rumo. Ela que era minha mãe. Sempre cuidou de mim depois que meus pais me abandonaram. A minha mãe, sabe, até apareceu esses tempo, mas não tem jeito da gente se entende, é uns rolê complicado. Agora moro com meu pai, com a muié dele e meus irmão. Não gosto de mora lá, dó fico porque não tenho outro lugar. Agora que fiz 18, tô trabaiano, quero arruma um canto pra mora. Ela (a madrasta) chapa minha mente, recrama de tudo, da minha ropa, dos meus amigo. Só não fui embora ainda por causa dos meus*

irmão, eles são minha família de verdade. Pra evita confusão tô indo com eles na igreja, tô tentando mostrar a caminhada certa, pra depois ela não falá que levei pro caminho errado. No sábado vo pra casa dos meus amigo, pra gente curti um pouco. A gente cola na conveniência e fica lá até tarde. Tem dia que meu pai passa lá e também chapa minhas ideia, falando que vo acaba preso. Só que não tem nada disso não, a molecada não é bandido, só gosta de anda no estilo da quebrada... correntona... boné de responsa, estilo que as mina gosta [...]

5 – PC5 – Carmen - 16 anos

A estudante Carmen tem 16 anos e está matriculada no 2º ano do Ensino Médio, mora no bairro com seus pais e seus cinco irmãos desde que nasceu. Na escola Carmen é conhecida pelos conflitos que causa, pela dificuldade de seguir as regras e pelo estilo próprio dos “crias” que tenta trazer para o espaço escolar, recusando o uso de uniforme. A aluna constantemente está na escola de cropped, passa pelo portão com o uniforme e tira logo depois, além de usar uma maquiagem com os olhos marcados de preto, piercing no umbigo, calça bem justa ao corpo, tatuagens e tênis. Carmen tem um relacionamento bem próximo com os outros meninos da comunidade de prática, sendo muito comum eles ficarem fora da sala de aula para combinarem social no final de semana ou até mesmo pularem o muro para fumar narguilé.

A estudante não trabalha, no período da tarde tem a obrigação de levar e buscar os irmãos mais novos na escola e o restante do tempo é preenchido com o uso das redes sociais. Aos finais de semana, com o objetivo de ganhar um dinheiro extra, ela e mais algumas amigas do mesmo grupo vendem trufas no bairro e nas proximidades. Carmen usa as redes sociais o tempo todo, seja consumindo conteúdo ou postando fotos das atividades diárias. É válido ressaltar que as adolescentes que fazem parte do grupo dos “crias” têm como uma das principais características chamar a atenção, por isso normalmente falam muito alto ou estão ouvindo ou cantando músicas de funk.

Pesquisadora: Carmen, fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família e sobre o que faz no final de semana.

Carmen: *“Professora, já falei que não venho pra escola porque chega aqui e ces fica chapando minha mente, maio conversero na minha cabeça, por conta do uniforme, da ropa, sabe. Na minha casa é a mesma coisa. Minha mãe não dá um tempo, recrama de tudo, da minha ropa, do jeito que falo fala que to com cara de muie de bandido. Se sabe que não gosto de estuda, nunca gostei, se lembra, no sexto ano já era um inferno. Dai se não venho pra escola, ces chama o conseio tutelar ... maio role pra minha mãe resolve com as muié de lá. Se fico em casa minha mãe faz eu fica de babá dos meus irmão. Não tenho saco pra isso. Quero trabaia, te meu canto. Tô com um carinha agora, aquele que postei a foto, lembra então a gente que mora junto. A mãe dele já dexo. Só falta a minha. Mas acho que ela não vai aceita, vô te que i sem ela concorda memo” [...]*

Pesquisadora: Carmen, por que você acha que a sua mãe não aceita que você more com esse rapaz?

Carmen: *Ela fala que não gosta do menino, que ele é bandido... mas ele não é. Tudo isso é coisa dela. A gente mora na quebrada ... aqui quase todo mundo se veste igual... mais nem todo mundo é bandido. Ela também recrama que a gente fuma narguilé ... mais eu sempre fumei ... antes de conhece ele. Prossora, você conhece o João, ele já estudo aqui, sabe que ele não é bandido. Ele só gosta de anda no estilo, é o jeito dele, do bonde dele, molecada que curte o funk, eu também curto ferve no baile funk que tem lá no dois.*

Ao realizar a entrevista com essa aluna percebemos que, além do estilo que fica evidente na sua roupa, ela também usa uma maquiagem bem marcada, com alongamento dos cílios e a sobrancelha bem delineada. As meninas da comunidade dos crias também apresentam como características, além das roupas, o uso da maquiagem, com a sobrancelha bem desenhada e os cílios bem marcados. Além do estilo, também percebemos o registro de várias gírias, além da ocorrência das variantes – rotacismo e iotização. Essa aluna também participou da pesquisa de mestrado já citada neste estudo e, naquela época, já identificamos o uso do rotacismo em sua fala. Passando quatro anos de estudo, nesta pesquisa, verificamos que a fala da jovem adquiriu ainda mais traços característicos da comunidade de prática da qual faz parte.

Após apresentar cada participante selecionado da comunidade de prática dos “crias” e transcrever alguns trechos da entrevista que serviram de subsídios para constatar a identidade e o estilo do jovem dentro daquele contexto social, passaremos para a apresentação dos participantes da comunidade de prática dos irmãos.

Tabela 8: Características dos participantes da comunidade de prática dos irmãos

Participante	Codínome	Idade
PI1	Marta	16 anos
PI2	Madalena	17 anos
PI3	Jeremias	17 anos
PI4	Jeová	16 anos
PI5	Josué	17 anos

Fonte: Autora, 2024

1 – PI1 – Marta - 16 anos

A participante Marta tem 16 anos, frequenta o 2º ano do Ensino Médio e foi morar com os avós paternos no bairro quando tinha oito anos, após a morte da sua mãe. Ela é uma jovem tímida, introspectiva. Sua avó é pastora no bairro, portanto, é conhecida por todos. Com relação ao seu estilo, Marta usa roupas discretas, que não marcam o corpo, cabelo longo sempre trançado, normalmente sem maquiagem, não tem piercing e nem tatuagem. Apesar de ser muito reservada, com poucos amigos no espaço escolar, ela está sempre disponível para ajudar os colegas de classe. Na hora do intervalo, na escola, sempre fica com as suas amigas, que tem o mesmo estilo, sem interagir com os demais. Marta, dentro e fora da escola, é conhecida como neta da pastora, fato que, segundo ela, gera uma maior preocupação com as suas atitudes.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família e sobre o que faz no final de semana.

Marta: *Sempre estudei nesta escola. Aqui todo mundo me conhece. Sabe da minha vida. Que moro co a minha vô. Que meu minha mãe se foi e meu pai não que nem sabe di mim, já tem outra muié. Se não fosse minha vô te me criado, tava morano no abrigo. Não gosto de fala da minha vida, é muito difícil, prefiro esquece,*

entrega na mão de Deus. Minha vó é pastora, sabe. Todo mundo fala: “olha a neta da pastora” ... Minha vô acha que tenho que se pastora também, faze pregação da minha vida, mas eu não gosto [...] Só quero fica queta no meu canto [...] Ela cobra muito, não posso faze nada...sô tranquila, nem gosto de saí de casa. Só que as vezes sinto vontade de conhecer otros lugares, não quero fica a vida intera no União igual ela. O jeito é fica queta, ela tá tem otros filho, que já dão bastante trabaio.

Na escola tenho minhas amiga, que são igual eu, nois não gosta de fica no meio da confusão. Tem um povo aqui na escola que é de mais, faz a maior confusão, baruio, fica ouvindo uns funk, falano palavrão. Não curto essas coisa, dai sempre fico mais sozinha. [...] No final se semana, vô pra igreja, participo do grupo de jovem, ajudo minha vó. Mas eu queria era arruma um emprego, sabe. Te minhas coisas [...]

Neste trecho da fala aluna, observamos que ela faz referência a sua comunidade de prática, cita as amigas que participam da mesma igreja e, indiretamente, critica a postura dos outros alunos denominados “crias”. Além disso, também conseguimos delimitar a rede social da aluna através das interações sociais por ela relatada. Com relação as variantes, observamos a maior presença dos processos fonético-fonológicos e o não uso de gírias.

2 – PI2 – Madalena - 17 anos

A estudante Madalena tem 17 anos e está matriculado no 2º ano do Ensino Médio. Sua família mudou para o bairro quando ela tinha 5 anos, anteriormente moravam no sítio e vieram para cidade em busca de trabalho. A família de Madalena sempre frequentou a igreja evangélica, sendo que, além da escola, é o único lugar que ela frequenta. Madalena também é líder do grupo de jovens e participa ativamente na organização dos encontros aos sábados à noite. Muito comunicativa, tem um bom relacionamento com os demais alunos, assumindo uma postura de conselheira e mediadora de conflitos. Devido ao seu posicionamento religioso, ela está sempre com os seus longos cabelos trançados, na escola, sempre de uniforme, e, fora do ambiente escolar, usa saia ou vestido bem discreto, sem decote ou estampa. Também não usa acessórios ou maquiagem. Usa uma linguagem simples, sem gírias ou palavrões. No período da manhã ela estuda e no período da tarde ela trabalha como babá, cuidando de duas crianças da vizinhança. À noite e nos finais de semana, participa do culto e

realiza as atividades da igreja. Durante o período de observação e entrevistas, Madalena começou a se relacionar com um participante do outro grupo, o Alberto. No início não foi nada oficial, por conta da situação com as famílias, mas depois de um tempo, quando já havia encerrado a coleta de dados, ficamos sabendo do relacionamento.

Pesquisadora: Madalena, fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família e sobre o que faz no final de semana.

Madalena: Minha vida não tem nada de interessante, na real é bem sem graça ... [...] Durante a semana vou pra escola todo dia. Quero termina meus estudo. Na minha casa ninguém termino os estudos, quero se a primera. Depois que saio da escola, à tarde, cuido de uma menininha de 3 anos. Ela é fia da minha vizinha. Como ela não conseguiu vaga na creche e arrumo emprego, eu fico com a neném até às 21h. [...] O bom de ser baba é que posso ficar na minha casa, não preciso ficar saino. O meu pai não gosta que eu saia de casa, fica recramando. [...] No final de semana eu vo pra igreja, sou líder do grupo de jovens. Adoro organizar o encontro, tem com quem conversar. I pra igreja é uma chance de sai de casa, só assim meu pai libera, mas minha mãe tá sempre por lá tamém. [...] Na escola tenho muitos amigos, estudo lá desde o sexto ano. Tem muita gente que conversa comigo por causa da igreja, sabe que faço parte do grupo, aproveita pra pedi conselho, principalmente, os moleque que tão na vida loca. Aqui na escola tem muito gente boa, muito jovem que é sozinho e acha o caminho errado. Não jugo, quero ajuda. Tem um menino mesmo da outra sala, que tá com probrema em casa e tá ino no grupo[...]

No recorte da entrevista desta aluna, percebemos que ela, apesar de interagir com os demais grupos, faz parte da comunidade de prática dos irmãos. Ao observar as interações sociais que ela tem, ainda fica evidente a marca de sua identidade por meio das roupas que são discretas, não usa maquiagem, o cabelo normalmente está com uma trança; em relação ao comportamento, é discreta, não fala alto, dedicada aos estudos e, no seu repertório linguístico, também usa palavras que remete à igreja: bênção, paz do senhor, em nome de Jesus.

3 – PI3 – Jeremias - 17 anos

O estudante Jeremias tem 17 anos e está matriculado no 2º ano do Ensino Médio. Ele sempre morou no União da Vitória com seus pais e irmãos. Jeremias é um jovem muito comprometido com os estudos, muito comunicativo, bem-humorado, mantendo um bom relacionamento com os colegas e professores. Sua família é evangélica e participa assiduamente das atividades da igreja. O aluno também frequenta o grupo de jovens da igreja, faz pregações, além de auxiliar a líder na organização das atividades. Com relação ao espaço escolar, o aluno usa uniforme, segue as regras, chega no horário, mas não dispensa o uso do boné e do cordão. No período da tarde, trabalha como estagiário no setor administrativo de uma imobiliária que fica no centro da cidade de Londrina. Aos finais de semana, após o culto ou ao final do grupo de jovens, Jeremias e seus amigos vão até a lanchonete ou padaria para confraternizar.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família e sobre o que faz no final de semana.

Jeremias: *Xiii, professora! Não tem nada pra fala da minha vida... tem uns ai na escola que tem a vida mais animada (risos) [...] Moro com a minha família, meus pais e irmãos, a gente sempre moro aqui no União. Gosto muito de mora aqui. É tranquilo se você caminha direito. Mas já vi muita coisa. Professora, sabe, né. Deixa queto. [...] Aqui na escola é tranquilo, conheço todo mundo, os prossor, as tia, a diretora, converso com todo mundo. Quando era mais novo arrumei uns amigo na escola que tava fazeno umas coisa errada e quase sobro pra mim. Agora eu tô mais ligero, sei com quem conversa. [...] Vo pra igreja, faço pregação, leio a palavra, dai não dá pra fica me envolvendo com festa zuada, curtindo esses funk pesado. Assim, faço sempre que minha mãe ensino – converso e sou educado com todo mundo, não brigo, não grito, pra não dá problema. [...] No final de semana vo pra igreja e no grupo de jovens com meus amigo, nós ajuda na organização. E, quando tem grana, nós vai na lanchonete ou na padaria come um lanche. [...] Tô me esforçando bastante nos estudo, trabaiano direito tamém... quero muito faze uma faculdade de contabilidade, mas pra quem mora aqui no União tudo é mais difícil. [...] é só fala que mora aqui que já olha torto, se tive um jeitão de favelado, é pio ainda... correntona, boné ... falando só na gíria, já era. [...] Eu gosto do boné, gosto*

da corrente, mas só uso pra vir pra escola ou no final de semana. No serviço nem dá e meus pais também não gosta que eu uso corrente. Fala que fica com cara de malandro. Eu sei que não tem nada a vê, mas é o que o povo pensa, daí evito usa [...]

Ao ler o excerto da fala do jovem Jeremias, percebemos que, apesar de fazer parte da comunidade de prática dos irmãos, ele interage tranquilamente com as demais comunidades. Identificamos em sua fala, além da presença da iotização e do rotacismo, a ocorrência de algumas gírias.

4 – PI4 – Jeová - 16 anos

O estudante Jeová tem 16 anos e está matriculado no 2º ano do Ensino Médio. O aluno mora desde a infância com a sua mãe e seus irmãos em uma casa que fica ao lado da casa dos avós maternos. Após várias situações de conflito e abandono do seu pai, a sua mãe decidiu morar próxima da sua família, para que assim tivesse apoio para criar e educar os três filhos pequenos. Os avós de Jeová são pioneiros no bairro, participando de todo o processo de ocupação e organização do bairro. O seu avô foi, por muito tempo, um dos líderes que organizou todo o processo de luta para a regularização da ocupação e que a região fosse atendida com os serviços básicos de saúde e infraestrutura. A família é evangélica e a mãe de Jeová é coordenadora de uma célula de oração.

Jeová tem uma postura cordial na escola, se preocupa com sua aprendizagem, não causa nenhum tipo de conflito com os colegas, chega no horário, mas apresenta uma resistência com o uso do uniforme, pois sempre quer ir para aula com camiseta de time. Ele é aficionado por futebol, treina em um clube no período da tarde e, sempre que tem uma aula vaga, combina um jogo com os colegas. Com relação ao seu estilo, Jeová está sempre de camiseta de time, no cabelo tem um corte estilizado, às vezes usa cordão, mas não usa boné. Sempre mais reservado, não é de muita conversa, não fala gírias e nem palavrão. Aos finais de semana, a sua única atividade é ir ao culto com a sua mãe.

O avô de Jeová vivenciou o período em que o bairro era muito violento, como foi um líder na comunidade, está ciente de todos os problemas e preocupa-se com o fato de o neto estar próximo de pessoas que tenham envolvimento com questões ilegais. Apesar do jovem estar sempre acompanhando a mãe no culto, dos seus

amigos também serem da mesma igreja, ele apresenta uma revolta pelo fato do avô não autorizar que ele participe de festas e outras atividades que os adolescentes frequentam no bairro.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família e sobre o que faz no final de semana.

Jeová: *Prossora sabe que não so muito de conversa. [...] O que mais gosto é de joga fute, meu sonho é ser jogador profissional, decola, fica famoso. I joga no time em São Paulo e sumi daqui do União. Sempre vivi aqui, só sai pra i em campeonato nas cidade aqui perto. Quero i pra outro lugar, aqui o tempo todo tem alguém falano o que faze. Até na escola é isso, cheio de regra, cheio de pegação no pé. Não vejo a hora de compreta dezoito, fica di maior. Dai vo segui minha vida. [...] não gosto de estuda, não é pra mim. Só venho porque meu vô me obriga [...] não quero faze minha mãe sofre, dai vo com ela na igreja, não saio no final de semana pra não arruma briga. Tem também a escolinha de futebol, eles sempre pede o relatório da escola, dai não posso te B.O. [...] meu vô sempre moro aqui i acha que todo mundo que ouve rap, funk i tem um estilo mais de rua é bandido. Gostava muito di usa boné, mas parei porque ele reclamava e até jogava o boné no lixo. Quando fiz esses risquinhos no cabelo, ele quasi me bateu. [...] por isso que quero mora em otro lugar [...]*

No trecho da fala do Jeová percebemos que há uma influência das atitudes da sua família no seu comportamento. Notamos que o aluno não tem um estigma com relação ao uso do boné e dos acessórios mais próximos da comunidade de prática dos “crias”, mas por uma exigência da família, o aluno se distancia desse grupo, mantendo-se mais próximo da comunidade de prática dos irmãos. Nesta situação, podemos refletir sobre a flexibilidade da identidade, que vai alterando de acordo com o momento e as relações sociais. É possível que, daqui uns anos, este jovem deixe de seguir as exigências do avô e da família, fato que irá modificar a sua identidade.

5 – PI5 – Josué - 17 anos

O estudante Josué tem 17 anos e está matriculado no 2º ano do Ensino Médio. Ele mora no União da Vitória desde a sua infância, sua família sempre morou neste

bairro também. Nascido em uma família evangélica, o estilo do aluno é mais sério, sempre está vestido com roupa social, mesmo em momentos que não irá frequentar o culto. Na escola ele usa o uniforme completo, sem nenhum tipo de acessório ou adereço. Sempre preocupado com o seu aprendizado, é um aluno que não aceita falta de respeito entre os colegas, que questiona a falta de compromisso, a quebra de regras, cobrando diretamente uma atitude da equipe diretiva. Considerando a sua postura mais formal, o aluno recebeu o apelido de irmão. E dessa forma ficou conhecido na escola e é assim que ele se reconhece. Ao longo do período de coleta de dados, esse aluno foi o que mais nos chamou a atenção como um representante da comunidade de prática dos irmãos, podendo o identificar como o aluno prototípico deste grupo.

Também observamos, no período de coleta de dados, que durante o intervalo, os alunos se agrupam, principalmente os participantes do grupo dos crias, para ouvir e cantar funk ou rap. Neste momento, Josué se afasta do ambiente, buscando ficar o mais longe possível. O jovem já deixou claro que não gosta de funk e se recusa a ouvir. Também, em algumas ocasiões, reverbera o seu descontentamento com a postura dos “crias”. Com relação a sua postura ao falar, o aluno apresenta o uso recorrente das variantes, rotacismo e iotização, mas em nenhum momento faz o uso de gírias próprias do grupo dos “crias”. No entanto, percebe-se na fala do Josué a busca por uma linguagem mais formal e a presença de algumas formas de tratamento relacionadas à religião, como, por exemplo: abençoada, irmã e benção do senhor.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre você, sobre sua rotina, sobre a escola, sobre a sua vivência em família e sobre o que faz no final de semana.

Josué: *Minha vida é muito tranquila, graças a Deus. Nunca tive problema, Deus tá no controle. Aqui ondi a genti mora, é compricado, mais si você seguiu o caminho certo, não arruma confusão. Minha família é evangélica, então a gente não fico em lugar que tem coisa errada, coisa do mundo, sabe prossora. Durante a semana, eu estudo de manhã e a tardi trabalho com o meu pai na oficina que ele monto em casa. A oficina do meu pai é a única aqui no bairro, dai ele arruma o carro de quase todo mundo daqui. No fim de semana vo pro culto com a minha família, a igreja é perto da minha casa e os meus pais ajuda a cuida. [...] Sempri que o pastor mi convida, eu faço pregação. Gosto muito de falá de Deus pros irmão. [...] Além*

do culto, nós também ajuda os irmão que tá passando por dificuldade, a gente sempre se ajuda. Tem que fortalece. [...] a gente mora na favela e vivi abandonado [...] tem lugar que não tem asfalto [...] lá no sete mesmo, quando chove os morado não consegue saí de casa, tem que anda um monte no barro pra chegar no ponto de ônibus. [...] Sempre que dá eu ajudo o pastor nas obra, aqui tem muita gente passando necessidade. [...] Na escola eu procuro participa das aula, aprende, quanto termina meus estudo, quero faze teologia, quero trabaia na igreja com o pastor.[...] O duro é que os aluno dá muito trabaio, falo com a pedagoga, com a diretora, mais as coisas não muda, é difícil assim. Tem muita gente aqui na escola que não vem pra estuda, só vem pra passeia, encontra os amigo, dai fica papeando i não estuda. Tenho dois irmão mais novo, falo todo dia que eles tem que estuda e não se envolve com essa molecada errada, que só fica atrás de bagunça, com essas músicas que só fala porcaria. [...] Na minha casa meu pai nunca dexo a gente fala gíria, ele fala que é coisa de malandro, o meu irmão já até apanho esses dias por causa disso [...]

Ao observar a entrevista de Josué, identificamos que ele, pautado em suas relações sociais, foi moldando a sua identidade de acordo com a sua vivência em família. Ao chegar na adolescência, esse jovem não teve um contato direto com outras comunidades de práticas, seguindo de uma forma linear a identidade de acordo com a rede social que ele tem contato diariamente.

A identidade, portanto, não é um atributo pessoal, muito menos uma posse; ela é um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce total controle

Nesta seção, apresentamos um relato descritivo de cada participante, além de incluir trechos da entrevista, transcrevendo a fala de cada aluno, para que assim possamos relacionar a comunidade de prática da qual cada um participa com as variantes linguísticas utilizadas para construir a persona desejada.

Ao longo desta seção, apresentamos a descrição de cada informante, incluindo informações familiares, de estilo, lazer, trabalho e vida em comunidade. Além disso, também consideraremos as pessoas com quem mais se relacionam, para que assim possamos refletir sobre as redes sociais de cada jovem.

Na sequência, selecionamos mais alguns trechos da entrevista com o objetivo de ilustrar a realidade linguística dos jovens entrevistados, além de contextualizar quais as variantes de maior ocorrência e qual o participante mais prototípico de cada comunidade de prática analisada neste estudo.

6.5.1 Trechos das entrevistas selecionados para análise

Nesta seção, apresentamos mais alguns trechos importantes selecionados das entrevistas no qual é possível identificar o uso da variante analisada neste estudo. Além disso, também vamos relacionar o uso da variante e a relação com a identidade do aluno. Os dados coletados são essenciais para analisarmos a identidade dos jovens, observando qual a sua relação com o grupo no qual está inserido. O primeiro trecho é de uma jovem, a Marta, que já foi apresentada na seção anterior. Durante a entrevista, a jovem fez alguns apontamentos sobre a sua família, sobre a escola e os seus sonhos.

Tabela 9: Entrevista 1 – Participante Marta

<p><i>PI1: (irmão) – Marta</i></p> <p><i>[...] “Deus me abençoa com um <u>trabaio</u>”; [...]</i></p> <p><i>[...] “uma é que a gente é de um bairro pobre, tem que lutar em dobro pra faze dá certo, não dá só pra fica esperando ou recramano”; [...]</i></p> <p><i>[...]” Mas quando a pessoa sonha ela sabe onde que chega; a gente tem Deus no coração” [...]</i></p>

Fonte: Autora, 2024

Neste trecho é possível perceber a influência religiosa na fala da jovem. Além disso, identificamos a presença de iotização da palavra “trabaio” > trabalho e do rotacismo na palavra recramano ⁶⁴> reclamando. Dessa forma, podemos constatar que essas variantes são uma marca linguística presente na fala dos “irmãos”. No

⁶⁴ Além do rotacismo, também temos a síncope do “d” - ndo >no.

segundo trecho analisado, temos a fala de um jovem, Roberto, que também já foi apresentado na seção anterior como um integrante do grupo dos “crias”.

Tabela 10: Entrevista 2 – Participante Roberto

<p>PC2: (cria)</p> <p><i>[...] sobre um <u>pobrema</u> frequente que tá acontecendo aqui na nossa escola, aluno fazeno <u>zuada</u> no corredor da escola, bateno em janela, bateno em porta ... entendeu... daí quem tá dento da sala, fazeno prova, <u>trabaio</u>, desconcentra e a mente já sai pra fora, quem tá no corredor, tenta não faze <u>baruio</u>, respeita o próximo que tá estudano, tentano um futuro melhor na escola. Se não acaba essa <u>patifaria</u>, vai <u>moía</u> pa todo mundo [...]</i></p>
--

Fonte: Autora, 2024

Ao analisar este trecho da fala do jovem é possível perceber que diversas marcas linguísticas que remetem a comunidade de prática dos “crias”, ficando bem evidente no uso de gírias, do rotacismo na palavra “pobrema” > problema, além da marca de iotização na palavra “baruio > barulho. Cabe destacar que, neste estudo, nos dispusemos a analisar a presença de três marcas estigmatizadas (gírias, iotização e rotacismo) presentes na fala das duas comunidades, no entanto, também é muito comum a presença de outros fenômenos linguísticos, tais como: apagamento do R final; síncope do D; ditongação, entre outros.

Consoante a isso, compreendemos que as marcas linguísticas corroboram para a construção da identidade do jovem, entendida aqui como um processo fluido e dinâmico, em constante (re)construção e (re)adaptação (KIESLING, 2013). Dessa forma, a construção da(s) identidade(s) desses nossos sujeitos de pesquisa ocorre somente por eles fazerem parte de uma comunidade de prática, mas também pelos diversos outros espaços sociais que circulam e convivem desde a infância, sendo atravessados por diversas relações interpessoais, com as especificidades linguísticas, sociais e culturais. Tendo como ponto de partida algumas crenças populares acerca de usos linguísticos tidos como característicos de um grupo de moradores periféricos, buscamos na próxima seção, problematizar a percepção dos sujeitos desta pesquisa acerca desses usos.

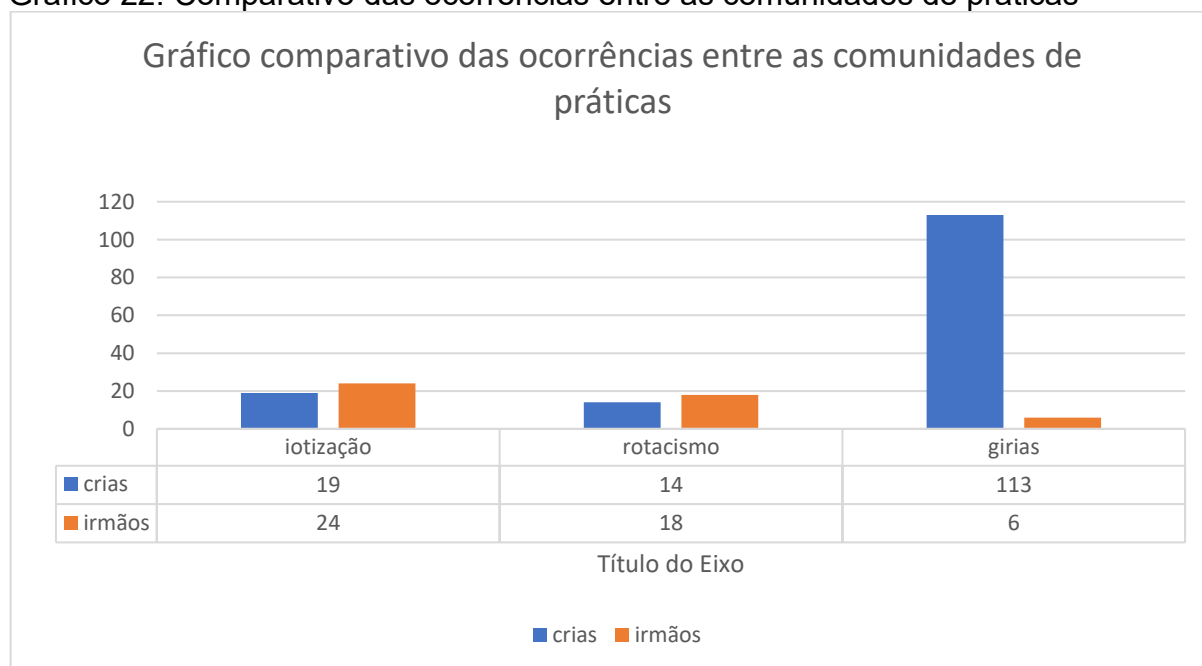
6.5.2 “Gíria não, dialeto”. Análise quantitativa das variantes linguísticas coletadas nas entrevistas

Durante o momento de observação dos alunos, das entrevistas individuais e em grupo, identificamos diversas variantes linguísticas que estão presentes no repertório linguístico dessas duas comunidades de práticas. A fim de quantificar os dados, fizemos o levantamento das ocorrências das variantes linguísticas – iotização, rotacismo e gírias – presentes na fala dos participantes no momento da entrevista.

Apresentamos o resultado desses dados por meio de gráficos e tabelas para que assim possamos identificar, de forma ilustrativa, qual jovem tem na sua fala a maior presença dessas variantes e, posteriormente, relacionar esse resultado com o significado social desse uso.

Para iniciar a análise quantitativa, apresentamos um gráfico comparativo das duas comunidades de práticas com a quantidade de ocorrências identificadas de cada variante.

Gráfico 22: Comparativo das ocorrências entre as comunidades de práticas

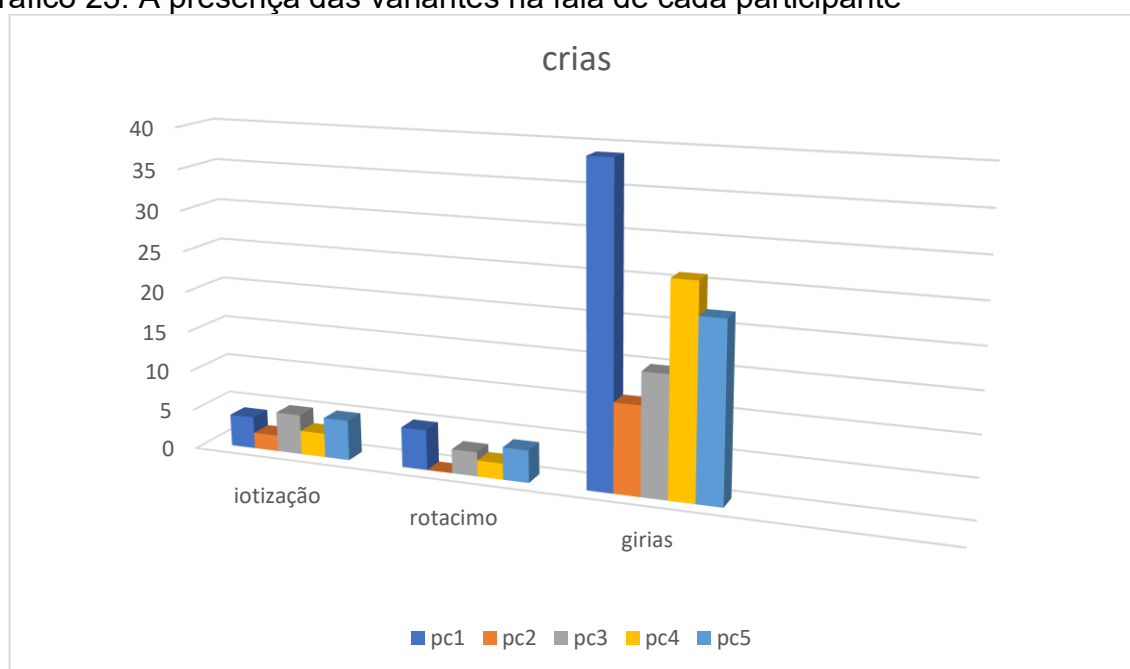


Fonte: Autora, 2024

Conforme identificamos no gráfico 22, tivemos a maior ocorrência das gírias na fala dos crias. Já na fala dos irmãos, identificamos a maior presença da iotização. A variante rotacismo foi a que apresentou, das três variantes, a menor ocorrência, tanto na fala dos crias quanto na fala dos irmãos, diferentemente do que hipotetizamos no início da pesquisa.

Com o intuito de ilustrar o repertório linguístico de cada participante, apresentamos na sequência, o gráfico 23 que mostra o percentual de ocorrências de cada falante, de acordo com seu grupo, indicando que na fala do participante 1, Joaquim, apresenta a maior incidência de gírias, sendo entre todos os participantes, o jovem mais prototípico da comunidade dos crias.

Gráfico 23: A presença das variantes na fala de cada participante



Fonte: Autora, 2024

Ao observar o gráfico 23, elaborado com os dados coletados da fala dos crias, o rotacismo é a variante que apresenta a menor ocorrência, fato que denota essa variante já não é tão saliente assim na fala dos jovens. Uma possível motivação para compreender esse número em relação ao uso dessa variante é o fato de que essa pesquisa aconteceu dentro do espaço escolar, ambiente que exige uma fala mais monitorada por parte dos alunos, principalmente em relação ao uso do rotacismo⁶⁵.

Na sequência, com o objetivo de ilustrar o repertório linguístico de cada jovem que faz parte da comunidade dos crias, apresentamos uma tabela com as algumas das principais ocorrências registradas durante o processo de coleta de dados.

⁶⁵ A pesquisa de mestrado dessa pesquisadora que já foi abordada neste estudo mostrou que dentro do ambiente escolar o rotacismo é uma variante bem marcada, fato que corroborou para que não fosse produtiva na fala dos jovens estudantes.

Tabela 11: Algumas variantes linguísticas presentes na comunidade de prática dos crias

Grupo dos crias	lotização – alguns exemplos	Rotacismo – alguns exemplos	Gírias – alguns exemplos
PC1	- Muie - Trabaio - Moiado - Baguio	- Crasse - Pobrema - Recramando - Recrama	- Corre - Trampo - Tá ligado - Cola - Barraco - Coroa - Trampá - Parcero - Peita - Rosh - Injuriado - Zica - Mancada - Baguio - Quebrada - moiado
PC2	Trabaio Trabaiano Veia	Não teve.	Caminha - firmeza Quebrada - fervo Mina - Esquece Se loco - cola Camarada - trampo Resenha - trampei Caminhada - foda
PC3	Muié Trabaio	Pobrema recrama	Caminhada Ligada Fita - Coroa

PC4	Muié Trabaiano	Recrama	Rolê - Manso Quebrada - Tarso Responso - Estilo Chapa a mente Chapa as ideia Mano - Tá ligado
PC5	Muié	Crasse Recrama	Chapano - Ferve Role - mano Quebrada - Bonde Tá ligado

Fonte: Autora, 2024

Ao analisar o quadro com os dados é possível perceber como as gírias são muito produtivas nas falas dos jovens do grupo dos crias, nos levando a refletir que esse uso está intimamente ligado a identidade do jovem periférico, havendo uma intenção de deixar essa marca em evidência. Note que esses jovens pertencem a um grupo que é estigmatizado pela roupa, pela linguagem, mas, mesmo assim, há uma convergência para que essa identidade seja reconhecida pelo seu interlocutor.

Sabemos que nos últimos anos há uma movimentação em alguns campos da sociedade para a valorização da cultura periférica, fato já explorado neste estudo. E, também, temos a ascensão do gênero musical funk presente nas mais diversas classes sociais e na mídia, principalmente nas *trends* das redes sociais. Ainda, em 2023, a série brasileira, Sintonia⁶⁶, ambientada em comunidade periférica de São

⁶⁶ A série Sintonia, original Netflix, foi lançada em 2019.

<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/09/serie-de-kondzilla-sintonia-traz-o-1-retrato-fiel-da-periferia-na-netflix.htm>

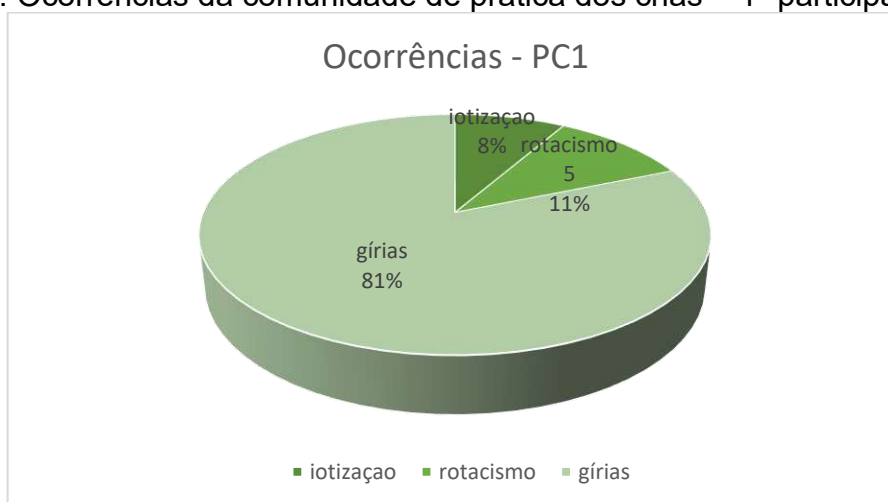
Paulo, ficou várias semanas no top dez das séries mais assistidas no Brasil. No enredo dessa produção brasileira, temos como personagens principais três jovens, moradores da periferia: Ritinha, Nando e Doni. Esses três amigos, possuem estilos e comportamentos diferentes, participando de comunidades de práticas diferentes, reafirmando algumas características da cultura periférica. Seguindo com a análise dos dados, apresentamos, na próxima seção, as principais ocorrências das variantes linguísticas encontradas na fala dos crias.

6.5.2.1 “Estilo de cria” – análise das principais ocorrências na fala de cada participante.

Considerando que um dos objetivos deste estudo é analisar a variação social da linguagem, tendo como o foco as escolhas linguísticas do falante e a comunidade de prática a qual pertence, iniciamos o estudo observando os alunos do segundo ano do ensino médio de um colégio público de uma região periférica na cidade de Londrina. A partir desta observação inicial, identificamos duas comunidades de práticas, denominadas respectivamente de crias e irmãos. Na sequência, buscando identificar como os jovens se comportam em cada comunidade, selecionamos cinco representantes de cada grupo a fim de aprofundar o olhar para as variantes observadas.

Após a coleta dos dados, a transcrição das entrevistas e a quantificação das variantes encontradas na fala de cada participante, apresentamos um gráfico com o percentual das ocorrências.

Gráfico 24: Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 1º participante

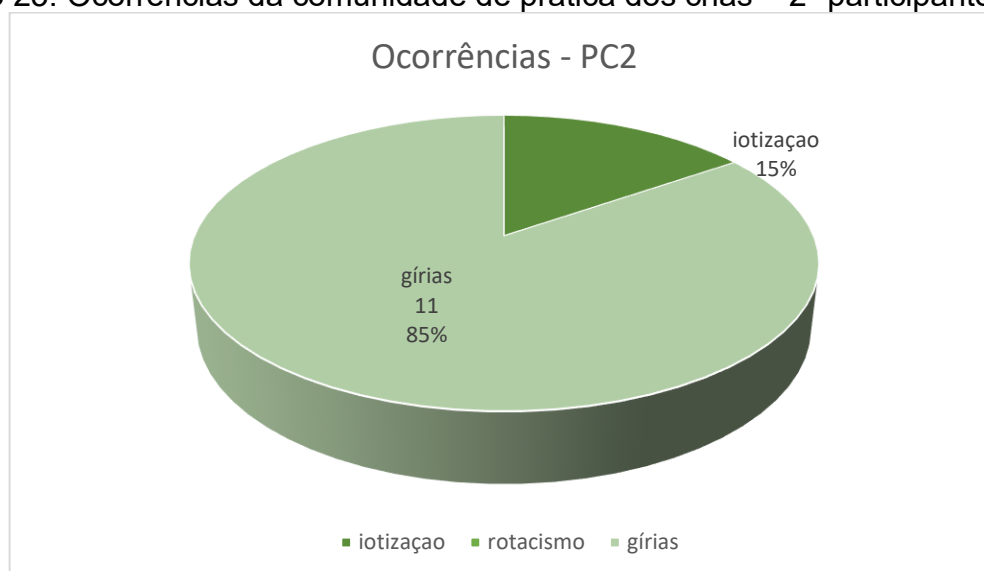


Fonte: Autora, 2024

Na fala desse participante percebemos uma significativa presença de gírias e em um percentual menor, algumas ocorrências de iotização e rotacismo. Conforme já mencionamos, esse jovem possui uma estreita ligação com a comunidade na qual ele vive, sendo um líder do seu grupo no colégio. Além disso, usa termos próprios da linguagem periférica, como, por exemplo: quebrada, barraco, peita, mano, entre outros. Assim como outros jovens dessa comunidade de práticas, o funk e o rap estão presentes em sua rotina e, muitas vezes, ditam comportamento, estilo e vocabulário.

O participante 2, em relação ao participante 1, apresentou uma menor ocorrência de gírias, mas ainda deixou marcado em sua fala o sentimento de pertencimento à comunidade.

Gráfico 25: Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 2º participante

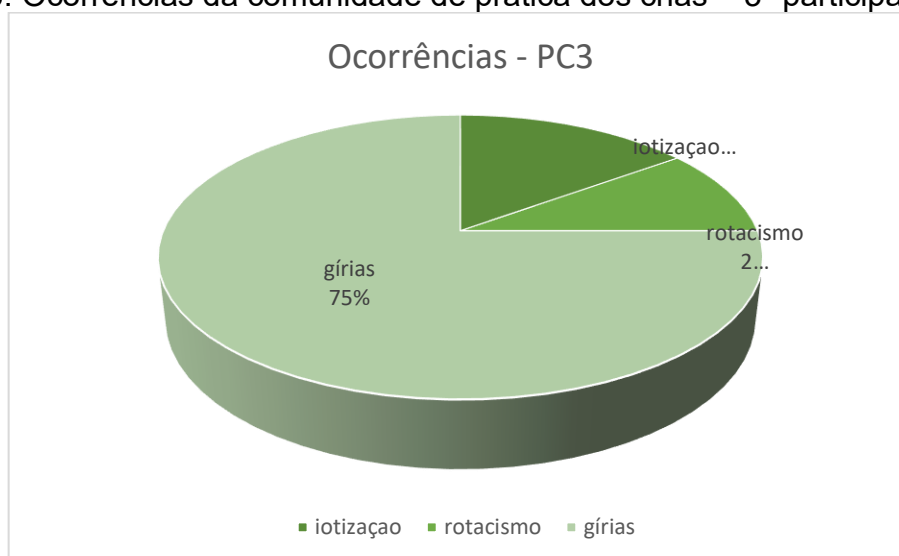


Fonte: Autora, 2024

Outra questão que destoa entre os dois participantes é a presença do rotacismo. O segundo participante não apresentou em sua fala nenhuma ocorrência desse processo fonético-fonológico. Já o participante 1 apresentou cinco ocorrências.

O participante três, de acordo com o gráfico 26, apresentou 75% de gírias em sua fala, uma quantidade menor do que o Joaquim, fato que se justifica pelo jovem exercer outras atividades fora da comunidade de prática. Já as outras duas variantes também foram produtivas, mas ainda com um percentual menor o apresentado pelo participante 1.

Gráfico 26: Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 3º participante



Fonte: Autora, 2024

No gráfico 27, temos as ocorrências do participante quatro, que também apresentou em sua fala o uso recorrente das gírias, 84%. No entanto, com relação as demais variantes, apresentou a menor ocorrência em relação ao uso do rotacismo.

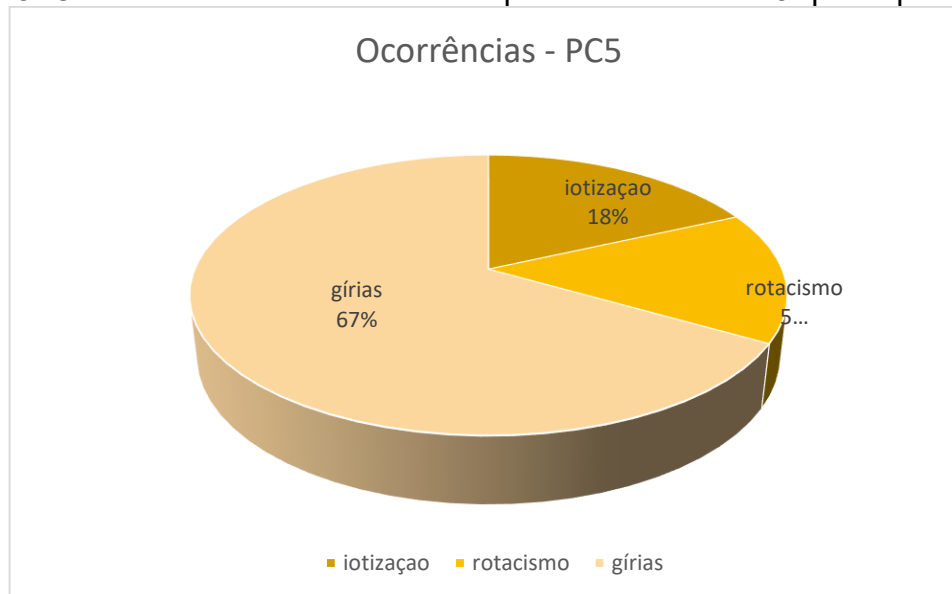
Gráfico 27: Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 4º participante



Fonte: Autora, 2024

Durante a entrevista, o Alberto foi o mais reservado, com respostas sucintas, sendo bem objetivo ao responder. O jovem adotou uma postura mais séria, demorando pra responder, ficava escolhendo as palavras, atitude está que foi totalmente diferente do demais jovens que foram entrevistados.

Gráfico 28: Ocorrências da comunidade de prática dos crias – 5º participante



Fonte: Autora, 2024

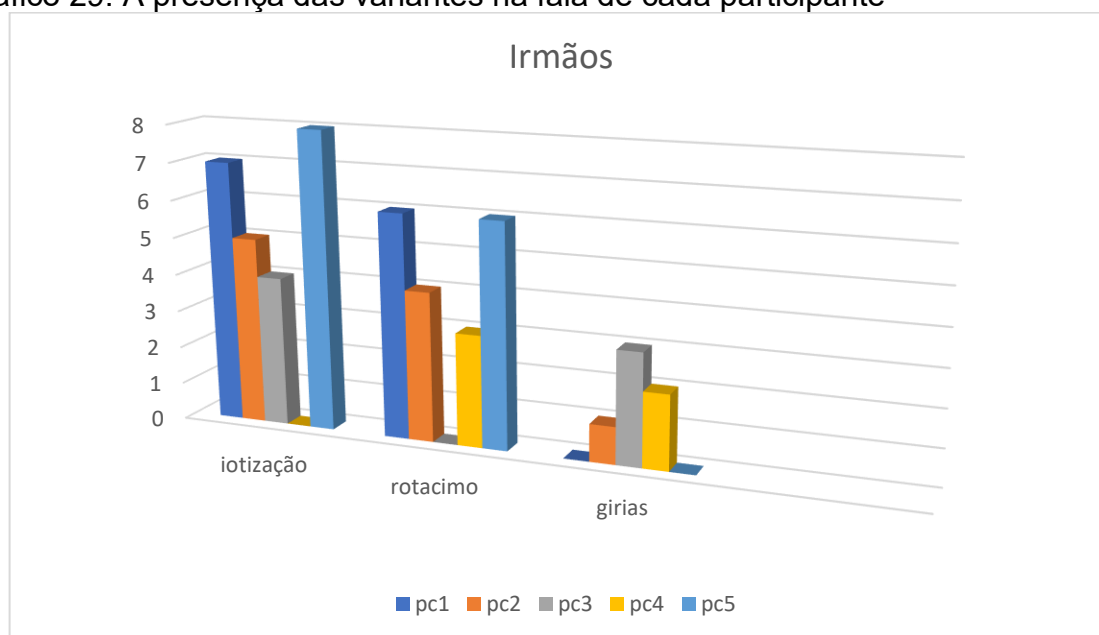
A participante 5, gráfico 28, apresentou uma porcentagem significativa de gírias em sua fala, 67%. Também apresentou sete ocorrências de iotização e quatro ocorrências de rotacismo. Apesar da família não concordar com o uso das gírias, a jovem, principalmente em situações de conflito, faz questão de marcar em sua fala a comunidade na qual se identifica.

Na próxima seção, apresentamos os dados quantificados do grupo dos irmãos, com as principais variantes identificadas.

6.5.2.2 “Estilo de irmão” – análise das principais ocorrências na fala de cada participante da comunidade de práticas dos irmãos.

Com objetivo de compartilhar os resultados encontrados na comunidade de prática dos irmãos, elaboramos um gráfico comparativo com as ocorrências dos cinco participantes, buscando identificar qual apresentou um maior número de variantes durante a entrevista.

Gráfico 29: A presença das variantes na fala de cada participante



Fonte: Autora, 2024

Ao observar o gráfico (29) com as principais ocorrências dos jovens participantes da comunidade de prática dos irmãos, identificamos que a variante mais produtiva foi a iotização, com 24 ocorrências. A menor porcentagens de ocorrências foi das gírias, com um total de seis ocorrências. O rotacismo apresentou um total de 19 ocorrências, sendo que o maior percentual foi na fala do Josué.

Na sequência, com o objetivo de ilustrar o repertório linguístico de cada jovem que faz parte da comunidade dos irmãos, apresentamos uma tabela com as algumas das principais ocorrências registradas durante o processo de coleta de dados.

Tabela 12: variantes linguísticas presentes na comunidade de prática dos irmãos.

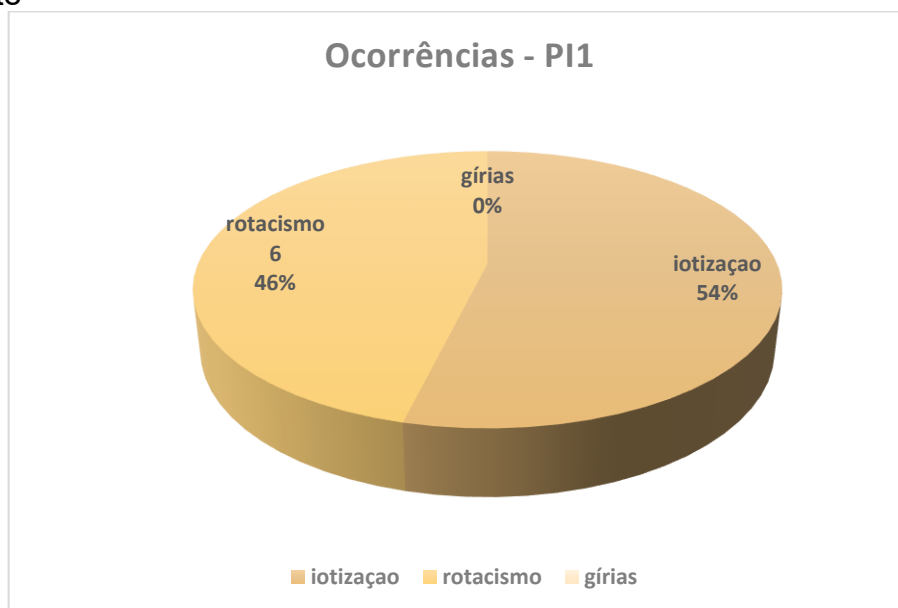
Grupo dos irmãos	Iotização - alguns exemplos	Rotacismo - alguns exemplos	Gírias - alguns exemplos
PI1	Trabaio Muié Trabaiando	Crasse Ingres Pobrema Borsa	Não teve

PI2	Trabaiano Fia Muié	Pobrema Recrama Crasse	Vida loca
PI3	Trabaio Muié	Não teve	Zuada Grana
PI4	Não teve	Ingrês Borsa Ingrês	Fute Decola B.O
PI5	Muié Veio Trabaio	Ingres Crasse Bicicreta	Não teve

Fonte: Autora, 2024

O gráfico 30 traz o porcentual das variantes identificadas na fala da Marta, primeira participante. Por ser muito tímida, no início da entrevista, apresentou uma certa resistência, mas com o passar do tempo ela se acostumou e a conversa aconteceu tranquilamente. A jovem tem uma linguagem simples com a presença do rotacismo e da iotização. No entanto, em sua fala, não tivemos o registro de nenhuma gíria.

Gráfico 30: Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 1º participante



Fonte: Autora, 2024

No caso dessa participante, a Marta, percebemos que a sua linguagem está atrelada a algumas marcas das variantes que são características do bairro, principalmente, a iotização.

Madalena, gráfico 31, segunda participante, apresentou um total de nove ocorrências relacionadas as variantes abordadas nesta pesquisa. Ao transcrever os áudios, além da presença da iotização e do rotacismo, diferentemente da Marta, identificamos um exemplo de gíria com o uso da expressão “vida loca”.

Gráfico 31: Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 2º participante



Fonte: Autora, 2024

Conforme já relatado, essa participante é líder do grupo de um grupo religioso e tem uma atividade de evangelizar os jovens. Essa postura de buscar novos integrantes para o seu grupo justifica o uso de uma linguagem que, às vezes, tenta se aproximar dos jovens de outras comunidades de práticas, como evidenciamos no uso da expressão “vida loca”. Ao usar essa expressão, a jovem busca ser ouvida pelo seu interlocutor e, dessa forma, seguir com o seu intuito.

“Tem muita gente que conversa comigo por causa da igreja, sabe que faço parte do grupo, aproveita pra pedi conselho, principalmente, os moleque que tão na **vida loca**”.

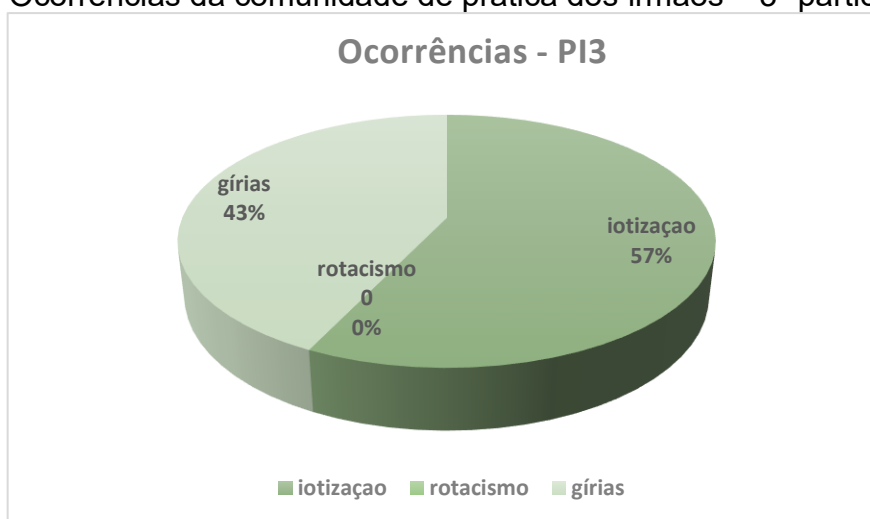
Outro ponto importante observado na fala dessa participante é a presença da palavra reclamar que apareceu três vezes durante a entrevista. No entanto, somente em uma das ocorrências, já no final da conversa, quando a aluna relatava um fato pessoal, que identificamos o rotacismo na palavra “recramando”.

- (1) O meu pai não gosta que eu saia de casa, fica reclamando. [...]
- (2) Na escola eu sempre reclamo da bagunça dos alunos, eu quero estuda e eles atrapaia.
- (3) Agora meu pai briga com a minha mãe todo dia, ele recrama que a culpa é dela, que ela não cuida do meu irmão, que ele tá perdido na vida [...]

Ao observamos a fala da aluna e o uso dessa variante nos faz refletir sobre a monitoração da sua fala no início da conversa, considerando que a pesquisadora também é professora da turma e, ao final da entrevista, já mais à vontade, diminui a monitoração da sua fala, como podemos perceber na frase (3) quando temos o rotacismo na palavra “recrama”. Também é válido mencionar que neste momento da entrevista a jovem abordava um momento difícil que a sua família estava enfrentando com a prisão do irmão mais velho. Outro ponto importante que se deve mencionar é o fato de que a aluna e a sua família têm origem na zona rural, portanto, a marca do rotacismo é mais frequente.

O terceiro participante, Jeremias, durante a entrevista, apresentou oito ocorrências das variantes analisadas. Ao transcrever os dados, a iotização foi a variante que teve um número maior de ocorrências, com quatro ocorrências (57%). O ponto divergente deste participante para os demais jovens da comunidade de práticas dos irmãos é uma maior presença do uso das gírias, aproximando-o da comunidade dos crias, conforme os dados apontados no gráfico

Gráfico 32: Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 3º participante



Fonte: Autora, 2024

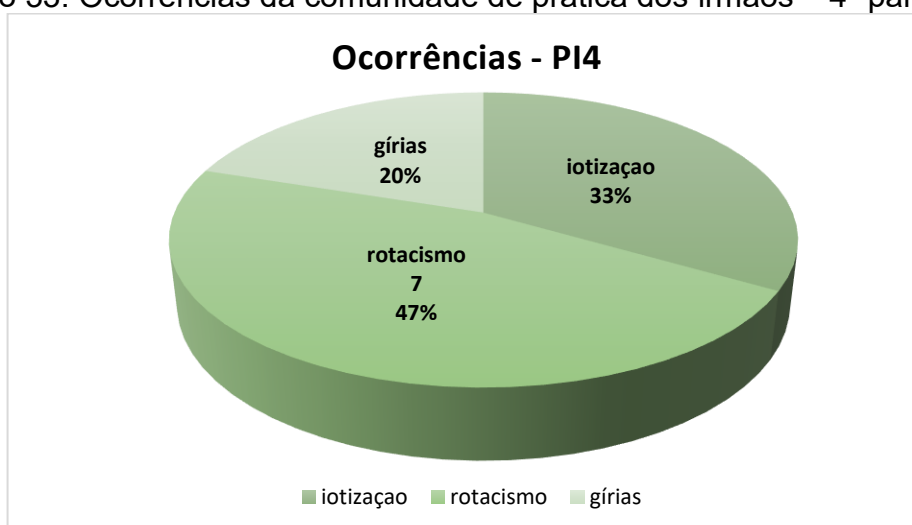
No entanto, o ponto divergente entre o uso das gírias pelos jovens da comunidade dos crias e a ocorrência presente na fala desse participante refere-se às escolhas das gírias, pois são gírias que não são tão presentes no vocabulário dos crias, tentando assim não se filiar à comunidade de prática dos crias. É fato que as gírias, em cada local e contexto, adquirem uma conotação específica, mas sabemos que algumas formas são mais estigmatizadas do que outras. Na fala do Jeremias, identificamos as seguintes gírias que são encontradas em contextos mais amplos, não sendo restritas a linguagem periférica: zuado, grana e zuada são palavras que ocorrem não só na fala dos jovens periféricos, podendo dizer que são gírias que já estão mais inseridas na fala de pessoas de diferentes idades e contexto social.

Outro ponto a ser observado é que Jeremias também tem um estilo próximo ao dos crias, usando corrente, boné e um cabelo estilizado. Ao observar o comportamento desse jovem, podemos identificar várias personas que ele cria ao conviver em sociedade. Ele tem, por exemplo, a persona do jovem que participa do

culto, a persona do estagiário e a persona do aluno do ensino médio. Em cada situação, o jovem adapta sua linguagem e também o seu estilo.

O quarto participante, Jeová, não apresentou nenhuma variante com o processo fonético-fonológico da iotização, tendo o registro de três ocorrências de rotacismo e duas de gírias. Este jovem, conforme o gráfico 33, teve o menor percentual de ocorrências entre os participantes dos irmãos. É importante observar que gírias identificadas na fala do Josué remete a interação que tem com o grupo dos crias nos jogos de futebol.

Gráfico 33: Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 4º participante



Fonte: Autora, 2024

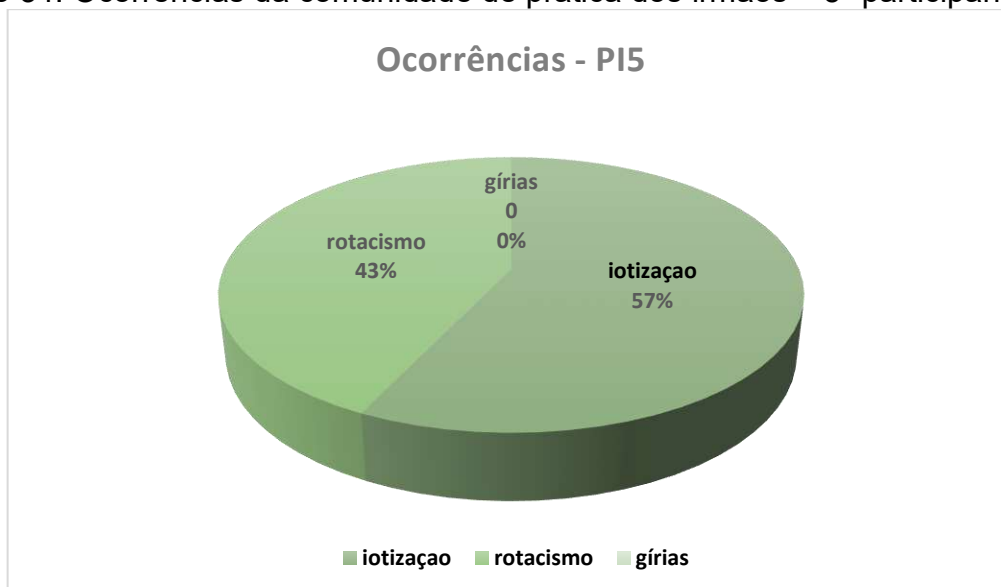
Na fala desse participante ocorreram as gírias “decola e B.O”. Percebemos que essas gírias, assim como as identificadas na fala do Jeremias, possuem um uso mais amplo, não sendo relacionadas exclusivamente com a linguagem dos crias.

O quinto participante, Josué, com quatorze ocorrências, foi o jovem do grupo que apresentou um maior número de ocorrências, conforme verificamos no gráfico. A iotização foi a variante que mais recorrente, com 57%. Já o rotacismo teve 43% de frequência, não havendo nenhuma ocorrência de gírias, conforme gráfico 34.

Esse último é o mais prototípico do grupo, apresenta em sua fala o uso recorrente das variantes iotização e rotacismo, fato que o está interligado com as suas interações dentro e fora da comunidade. A família desse aluno é oriunda da zona rural e quando mudaram para a cidade, já firmaram moradia no bairro União da Vitória,

região mais distante da área central, que possui uma “razoável preservação de seus antecedentes rurais” (Bortoni,2021).

Gráfico 34: Ocorrências da comunidade de prática dos irmãos – 5º participante



Fonte: Autora, 2024

Outro ponto a ser observado é que a família, principalmente os avós, pioneiros no bairro, que são oriundos da zona rural tem um posicionamento negativo com o uso das gírias, pelo fato de estar relacionada com moradores que apresentam uma vida transgressora, evitando assim o estigma social.

Assim, finalizando a análise quantitativa, após gerar os dados e os gráficos com as ocorrências de cada participante, foi possível constatar que no grupo dos crias, ao contrário do grupo dos irmãos, identificamos uma maior ocorrência das gírias, além da presença, em menor proporção, das demais variantes observadas. Já no grupo dos irmãos, em contrapartida, temos a mínima ocorrência de gírias, mas todas as outras variantes estão presentes.

Portanto, podemos afirmar que para a comunidade de prática dos irmãos o não-uso das gírias tem a função de reforçar um distanciamento do grupo dos crias, buscando assim evitar o estigma que está atrelado a linguagem da periferia. De acordo com Paiva (2003, p. 40), “se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo.

Na próxima seção, com o intuito de observar a atitude dos jovens em relação ao uso das gírias, apresentamos os dados coletados no último questionário aplicado aos participantes.

6.6 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DE ATITUDES LINGUÍSTICAS – “SÓ COLA NA QUEBRADA QUEM É CRIA”

Ao abordar a identidade dos jovens de cada comunidade de prática, percebemos que existem várias atitudes que estão relacionadas ao repertório linguístico adotado. Muitas dessas atitudes estão relacionadas a crenças linguísticas presentes na família e na comunidade na qual estão inseridos. Como professora, estou inserida nesta comunidade há mais de 10 anos e, portanto, tenho um contato com os familiares que procuram a escola para pedir ajuda ou compartilhar situações diárias que envolvem os alunos. Essa troca de informações, faz com que consiga observar os jovens, mas também pensar na construção da sua identidade dentro de casa e, também na escola, com os amigos.

No caso do bairro deste estudo, mencionamos que há um estigma muito grande com relação à marginalidade. Preconceito esse que não está ligado somente com a comunidade externa, mas que também ocorre entre os próprios moradores do bairro, que, muitas vezes, se referem, pejorativamente, ao vizinho como “favelado” Dessa forma, muitas famílias, por conta deste estigma, não validam o falar repleto de gírias, não permitem a participação nas festas e, também, não aceitam o estilo de roupa que se aproxima do funkeiro, do rapper, pois, segundo esses familiares, morar em um bairro violento e ainda chamar a atenção pelas roupas é um ponto a mais para sofrer preconceito.

Pensando nesta situação, com o objetivo de identificar as crenças e atitudes linguísticas dos jovens participantes das duas comunidades de práticas selecionadas, aplicamos um formulário utilizando um áudio retirado de um vídeo postado nas redes sociais pelo youtuber Audino Vilão⁶⁷.

⁶⁷ Apresentado no capítulo anterior.

Transcrição do áudio retirado do vídeo do youtuber Audino Vilão⁶⁸

Salve família! Pega essa visão aí. O baguio é o seguinte, acabei de chega lá de Brasília, certo, tava fazeno alguns estudo sobre o desmatamento e fala pa vocês... não tem com vacila, família ... não dá mais pra fica ramelano com a mãe natureza senão o baguio vai moía de verdade pra nós. A mãe natureza já tá por aqui com a gente, então é preciso de um voto consciente pra que a gente possa protege, preserva e tenta recupera os danos que foram causados nesses últimos anos a floresta Amazônica ... Que aliás os índices de desmatamento na Amazônia cresceram de uma maneira astronômica... o baguio viro bagunça já ... são mais de duzentos mil campo de futebol desmatado, isso mesmo, duzentos mil campo de futebol ... e essa conta na fechano da hora, certo, tanto po seu bolso quanto pra mãe natureza. É por isso que nessa eleição o seu voto vai ter um peso gigante pa preservação ou pra destruição. Pega a visão... então é voto sem vacilo.

A escolha deste áudio se justifica pela presença de algumas variantes linguísticas que também estão na fala dos jovens da comunidade de práticas dos “crias” mencionados nesta pesquisa. Ao realizar estudos linguísticos, além de considerar a localidade no qual residem, também deve-se levar em consideração as práticas sociais exercidas pelos indivíduos. (Eckert e McConnell-Ginet, 2010).

Logo, o objetivo deste questionário é observar as atitudes linguísticas desses jovens em relação às variantes linguísticas encontradas no áudio que também estão presentes na fala de alguns informantes de acordo com a comunidade na qual estão inseridos. Para Lambert (1972), as atitudes são responsáveis por desempenhar as funções essenciais na determinação do nosso comportamento e percepção. Elas ajudam a determinar os grupos com os quais nos associamos, as profissões que escolhemos e até a filosofia de vida que adotamos.

O questionário foi elaborado a partir do áudio transcrito juntamente com mais sete questões (frases afirmativas) que envolvem uma percepção em relação ao

⁶⁸ Vídeo postado na plataforma do TikTok no período das eleições de 2018. <https://www.tiktok.com/@audinovilao/video/7145978333472361733>

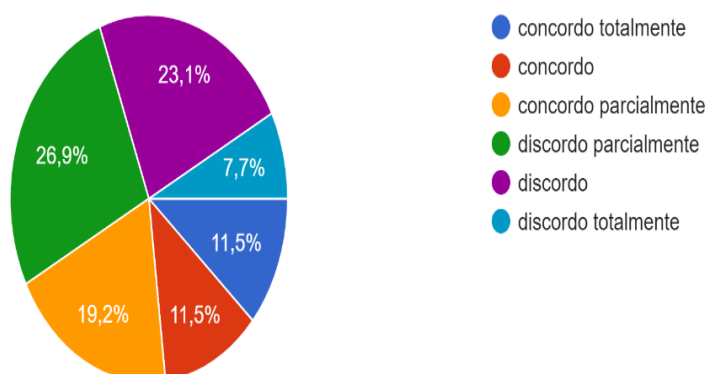
falante que não foi identificado. Na última questão, apresentamos três fotos também retiradas da internet para que os jovens possam relacioná-la ao falante do áudio. O link do questionário foi enviado, via WhatsApp, para os jovens das duas comunidades de práticas. Para este questionário obtivemos vinte e seis respostas⁶⁹. Na sequência, apresentaremos os resultados obtidos a partir das respostas dos participantes.

A primeira questão apresenta a seguinte afirmativa: “A forma de falar dessa pessoa que você acabou de ouvir é bonita.” Como opção de respostas para a afirmativa, temos as seguintes opções: concordo totalmente, concordo, concordo parcialmente, discordo parcialmente, discordo e discordo totalmente. Esse mesmo padrão de questionário foi repetido nas demais questões.

Gráfico 35: A forma de falar apresentada no áudio é bonita

1 - A forma de falar dessa pessoa que você acabou de ouvir é bonita.

26 respostas



Fonte: Autora, 2024

No gráfico 35, observamos que a maior parte das respostas discordam da afirmação de que a forma de falar da pessoa é bonita. Essa resposta nos remete há uma atitude negativa por parte dos jovens que responderam ao questionário em relação à variante apresenta. Esse resultado corrobora com as demais informações coletadas neste estudo sobre o estigma relacionado ao uso das gírias por esses jovens dessa localidade.

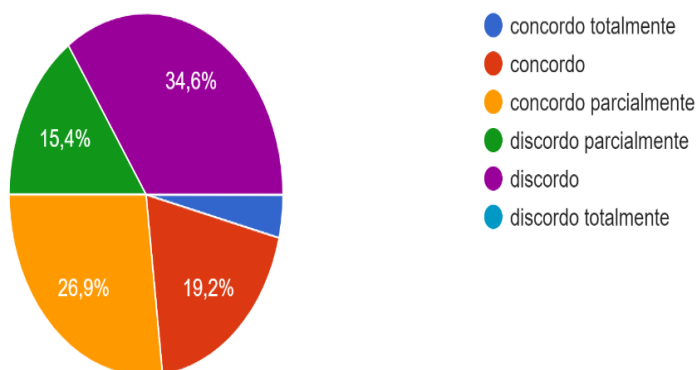
⁶⁹ O questionário foi enviado via WhatsApp para os 60 participantes da pesquisa, no entanto, nem todos responderam ao questionário.

A próxima questão, gráfico 36, apresenta a afirmativa de que a fala é apresentada é agradável.

Gráfico 36: A forma de falar apresentada no áudio é agradável.

2 - A forma de falar dessa pessoa que você acabou de ouvir é agradável.

26 respostas



Fonte: Autora, 2024

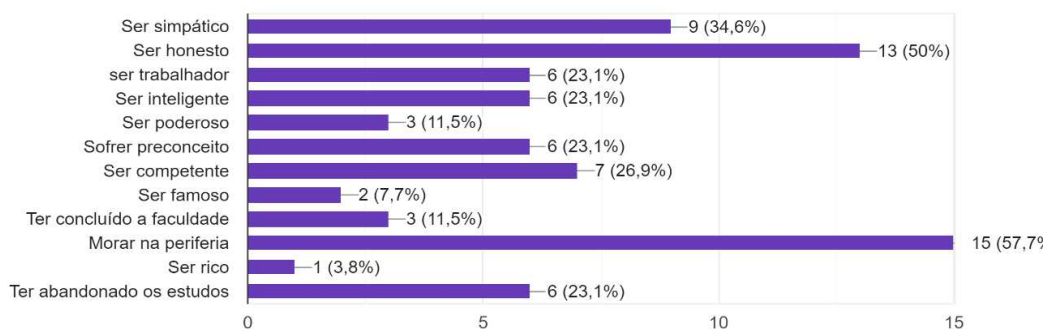
Neste item já observamos que o maior percentual está relacionado ao discordar da afirmação, 34,6% discordaram da afirmativa de que se trata de uma fala agradável. Esse resultado corrobora com o resultado anterior de que não se trata de uma forma bonita de se falar.

Ainda sobre as atitudes dos jovens, perguntamos quais as qualidades que eles imaginam que o falante possa ter ao ouvir o áudio. Incluímos na questão uma lista de 12 qualidades, as quais eles poderiam selecionar mais de uma opção. As opções apresentadas foram: ser simpático, ser honesto, ser trabalhador, ser inteligente, ser poderoso, sofrer preconceito, ser competente, ser famoso, ter concluído a faculdade, morar na periferia, ser rico, ter abandonado os estudos. Os resultados da questão foram apresentados no gráfico 37.

Gráfico 37: Quais as qualidades que você imagina que esse falante possa ter

3 - Indique algumas qualidades que você imagina que esse falante tenha: (pode marcar mais de uma alternativa)

26 respostas



Fonte: Autora, 2024

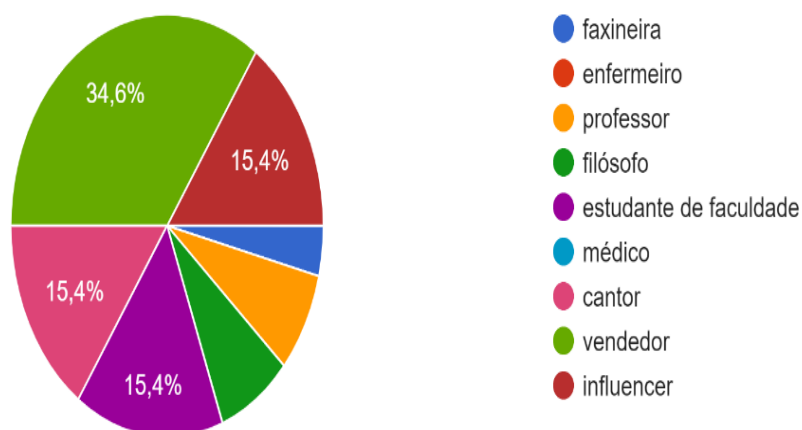
Ao observar as respostas, percebemos que o maior percentual, 57%, 15 jovens afirmaram que o falante mora na periferia e 13 jovens afirmaram que ele é honesto. A opção ser simpático também foi apontada por 9 jovens. Em contrapartida, houve uma nenhuma resposta que indicasse que o falante é rico e somente duas respostas indicando que ele é famoso, evidenciando, com esses dados, que o falar com gírias é característico das camadas mais populares. O maior percentual deste gráfico está relacionado ao fato de ser morador da periferia, confirmando as atitudes dos falantes que interligam a fala com gírias e o jovem da periferia.

Na questão 4, perguntamos qual seria a provável profissão do falante. Indicamos como opção: faxineiro, enfermeiro, filósofo, professor, graduando, médico, cantor, vendedor e influencer.

Gráfico 38: Qual a provável profissão do falante do áudio

4 - Qual seria a provável profissão para essa pessoa

26 respostas



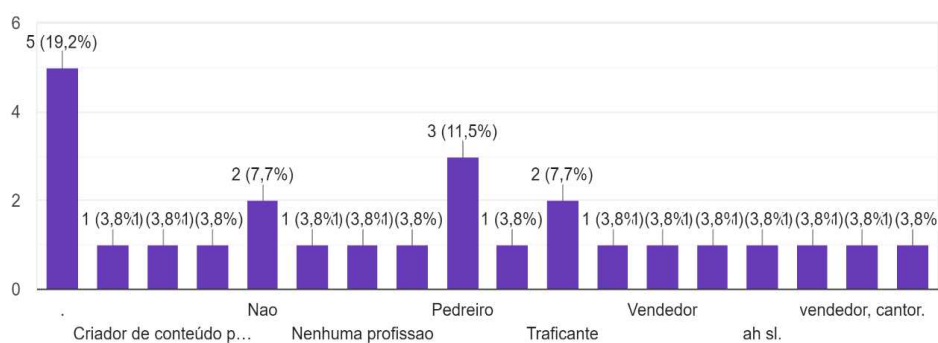
Fonte: Autora, 2024

No gráfico 38, observamos que a profissão mais indicada foi vendedor com 34% (9 jovens) e a opção menos indicada foi faxineiro, com somente uma resposta. Não tivemos nenhuma indicação para a profissão de cantor e nem de médico. Com o objetivo de complementar essa pergunta, deixamos a opção para quem quisesse indicar outra opção que não foi citada, conforme o gráfico 339.

Gráfico 39: Sugestão de outra profissão para o falante do áudio

Caso queira indicar outra profissão, use o espaço abaixo.

26 respostas



Fonte: Autora, 2024

No gráfico 39, observamos que cinco jovens mencionaram que o falante trabalha com criação de conteúdo para internet (influencer), três jovens indicaram pedreiro e dois jovens fizeram uma relação ao crime organizado. Outro ponto a ser observado é que três jovens indicaram que esse falante não teria uma profissão, relacionando assim o uso das gírias com a dificuldade de conseguir um emprego, fato que é recorrente entre os moradores do bairro.

Na questão cinco, perguntamos se os jovens se identificavam com a fala apresentada no áudio. De acordo com o gráfico 40, a resposta negativa obteve um percentual em destaque, com 76,9%. Esse gráfico, assim como as demais respostas das questões anteriores, reforçam a atitude negativa em relação ao uso das gírias, que, conforme identificamos nos resultados já explorados, é muito recorrente na fala dos jovens participantes desta pesquisa.

Gráfico 40: A fala apresentada no áudio é semelhante a fala do informante



Fonte: Autora, 2024

No gráfico 40, tivemos 20 jovens que não se identificaram com a forma de falar do falante do áudio e 6 jovens que afirmaram ter a fala semelhante ao que foi apresentado, o que nos faz pensar que esses 6 jovens reconheceram as gírias e tiveram uma atitude positiva de análise do áudio.

Para Silverstein (2003), todo ato comunicativo faz parte de uma cadeia histórica que envolve várias dimensões semióticas ou indexicais. Em um determinado momento, essas dimensões podem se tornar mais relevante. Dessa forma, a relação

que se estabelece entre língua e valores sociais, como prestígio, resulta do processo de indexicalidade através do qual, por exemplo, o uso de gírias pode denotar, nesta comunidade, um efeito negativo para o falante.

Na questão 6, fizemos a seguinte pergunta: “Ao ouvir o áudio, como você descreveria essa pessoa: roupa, estilo, acessórios”. Para coletar essa resposta, preferimos usar a resposta descritiva, pois, dessa forma, podemos identificar quais as referências que os jovens têm a partir do uso das gírias. Para este momento, selecionamos algumas respostas para análise, conforme a figura 11.

Figura 11: Como você descreve o falante do áudio

- Usa roupas esportivas, como tênis, óculos, acessórios como boné, anéis e correntes etc.;

- Eu diria que essa pessoa seria um cantor mc, com o estilo mais descolado usaria roupas comuns desse meio de mcs, usaria correntes;

- estilo meio noia;

- um homem famoso;

- funkeiro ou da quebrada;

- mandrake;

- boné, camisa larga, calças largas e tatuagens por todo o corpo;

- Roupas largas, boné, brincos, correntes, relógio;

- Um estilo que a periferia usaria de roupas, fora que deve ter tatuagens, e acessórios, relógio, cordão;

- Estilo malandro;

- Alto, magro, cabelo curto e liso, camiseta, calça Jens e tênis e tatuagem;

- Roupa de MC, estilo de cantor, correntes relógio/pulseira óculos, juliete;

- Roupa larga, Mandrake, óculos tornozeleira;

- *Um cara de bermuda camiseta regata com um óculos na cabeça e um boné;*
- *Calça caindo, boné, juju, correntes e Mizuno;*
- *Roupas largas; estilo malandro; boné;*

Fonte: Autora, 2024

Para organizar esse quadro, selecionamos as respostas mais elaboradas. É importante frisar que alguns jovens não responderam essa questão ou escreveram que não sabiam informar. Ao observar as descrições, relacionamos as características apresentadas aos jovens pertencentes a comunidade de práticas definida nesta pesquisa como “crias, estilo já detalhado neste trabalho.

Para finalizar, apresentamos três imagens retiradas da internet para ser relacionada ao áudio apresentado nesta pesquisa: a imagem da opção A e opção C, se referem a pessoas aleatórias. Já a imagem do Audino Vilão foi apresentada no item B. Nesta última questão, vinte dois jovens relacionaram o áudio a imagem B, o youtuber Audino Vilão⁷⁰, falante do áudio apresentado na pesquisa. A resposta desta questão complementa a questão anterior, pois ao descreverem o falante, a grande maioria se aproximou das características do youtuber Audino Vilão.

Com base nestes dados, podemos inferir que o repertório linguístico e a identidade de um falante o aproxima de um mesmo grupo quando há uma convergência das mesmas variantes linguísticas, ou seja, está relacionado “ao grupo de referência: pessoas com as quais o falante tem a intenção de assemelhar-se, ou com as quais ele deseja ser associado” (Bortoni-Ricardo,2021). No caso desta pesquisa realizada para evidenciar as atitudes dos jovens em relação ao uso das gírias, percebemos que, a grande maioria, apresentou resposta que o distanciava do uso dessa variante, mesmo está sendo muito recorrente na fala dos alunos, nos levando a refletir os jovens que responderam de forma negativa não queriam ser assemelhados ao grupo de jovens que fazem uso dessa variante.

Em uma situação comunicativa é comum que façamos inferências sobre falante com base no que ouvimos, já que, quando escutamos uma voz, podemos estabelecer “hipóteses consistentes de que seja uma mulher ou um homem, se a pessoa é jovem ou velha, “mano” ou “playboy” ou se é proveniente de determinada região” (OUSHIRO,

2015, p. 265). Para Eckert (2008, p.457), as práticas estilísticas dizem respeito à interpretação e produção de estilos, em que “variáveis podem ser interpretadas e combinadas com outros elementos para construir uma entidade de significado mais complexo”.

Ao encerrar essa seção, retomamos alguns pontos importantes identificados no questionário de atitudes no que tange à avaliação negativa identificada em relação ao uso das gírias, conforme apresentamos por meio da análise dos gráficos. Os alunos participantes da pesquisa, apesar de muitos usarem as gírias de forma recorrente ou, até mesmo, conviverem com pessoas que usam, transmitiram em suas repostas o estigma que envolve o uso dessa variante, não só na instituição escolar, como no bairro, de forma geral.

Na próxima seção, abordando a última análise dos dados para esta tese, vamos explorar a relação das redes sociais dos participantes que foram selecionados para as entrevistas. Essa última abordagem se faz essencial neste estudo, pois irá evidenciar as relações sociais dos falantes, os papéis sociais que cada um desempenha na sociedade e, principalmente como ocorre as interações dentro da comunidade de prática e, também, fora dela, participando de outros contextos sociais.

6.7 A RELAÇÃO ENTRE AS COMUNIDADES DE PRÁTICAS E SUAS REDES SOCIAIS

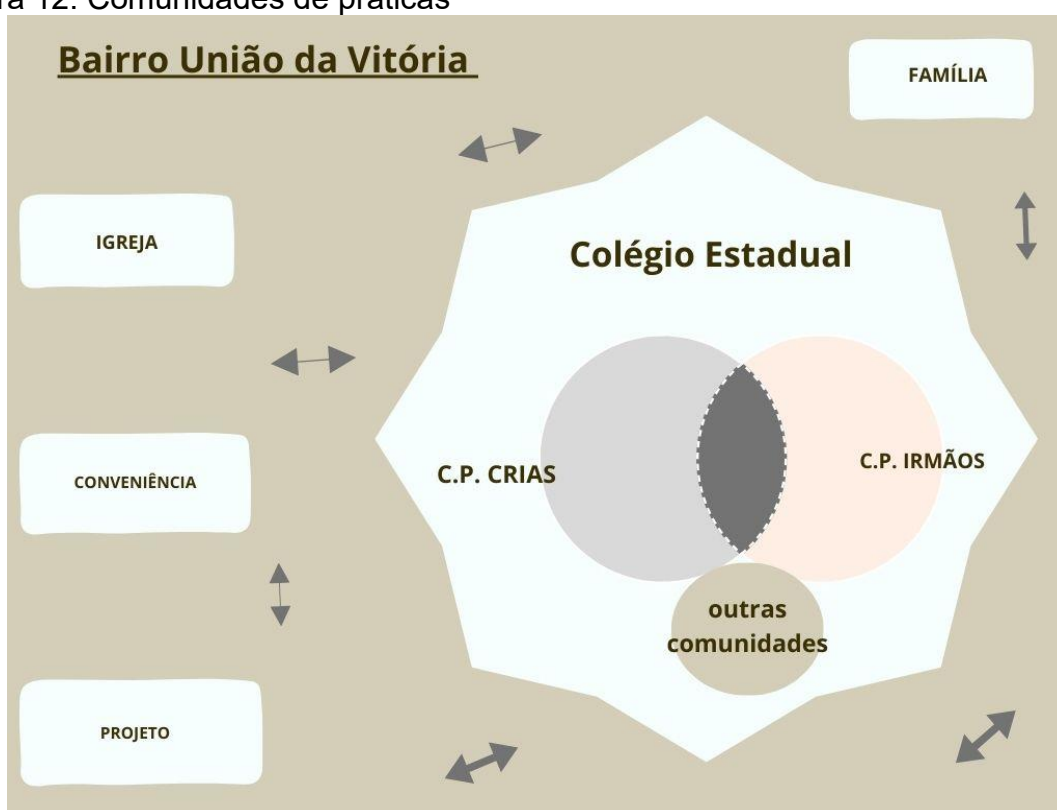
Ao observar as comunidades de práticas apontadas aqui é possível perceber que as suas relações com as redes sociais são de suma importância para a construção de uma identidade linguística. Independente da comunidade que o jovem faça parte, o contato que ele faz com as outras pessoas, principalmente de fora da comunidade, gera uma influência no seu repertório linguístico. Por redes sociais, entendemos aqui, como espaços comunicativos concretos, formados em torno das diferentes relações sociais (família, trabalho, laços de amizade, dentre outras). As redes sociais estão interligadas aos fatores socioculturais presentes em uma sociedade.

Ao observar as relações sociais dentro de cada comunidade de prática e as redes sociais de cada participante desta pesquisa, podemos perceber que as escolhas linguísticas, conscientes ou não, refletem uma necessidade de construir, manter ou moldar uma identidade, que é fluída, sendo representada e/ou confirmada pela indexação social ao escolher ou não o repertório linguístico da comunidade da qual está inserida.

Ao observar o estilo e a identidade neste estudo, devemos voltar o olhar para as interações do indivíduo, pontuando como ocorrem as interações dentro e fora da comunidade de prática. Da mesma forma, também é relevante definir qual a densidade da rede social desses dez jovens participantes, percebendo se tais interações reverberam no estilo de cada um.

O primeiro passo é observar como acontece as interações sociais entre as comunidades de práticas observadas nesta pesquisa. Com o intuito de facilitar a compreensão, criamos uma figura que busca ilustrar tais relações.

Figura 12: Comunidades de práticas



Fonte: Autora, 2024

Por meio da figura apresentada acima, evidenciamos as duas comunidades de práticas que interagem no espaço escolar. Além disso, apresentamos que o colégio é um dos espaços que os jovens frequentam e que, de alguma forma, interferem ou moldam o estilo dos jovens por se tratar de uma instituição social que privilegia o uso da variedade de prestígio⁷¹. No entanto, no bairro União da Vitória, outras instituições

⁷¹ Bagno, 2013.

também corroboram para que, de alguma forma, a identidade do jovem seja evidenciada/moldada, tal qual na igreja, projeto comunitário, a família, além dos espaços de lazer (conveniência). Todos esses espaços coexistem dentro do bairro e, cada qual com suas características, contribuem de forma positiva (ou não), por meio de uma coerção explícita ou um preconceito velado, com a construção social da identidade desses jovens moradores da periferia.

Ainda sobre a ilustração, é válido mencionar que várias outras comunidades de práticas coexistem no mesmo espaço escolar, todavia, para este estudo, direcionamos nosso olhar para essas duas comunidades: dos crias e dos irmãos. Após pontuar alguns dos outros espaços de interação social, vamos observar como a relação com as redes sociais pode moldar contribuir para construção da identidade do falante.

6.7.1 Comunidade de Práticas dos crias - “Eu sei quem trama e quem tá comigo”⁷²

Durante a realização da coleta de dados e a observação dos participantes, percebemos que alguns alunos tinham um leque maior de interação, tanto dentro da sua comunidade como em outras. Todavia, outros já apresentavam uma postura contrária, sendo bem restritos em suas interações sociais. Ao considerar que as relações sociais podem ou não ser amplas, é preciso observar se tais relações apresentam uma influência na construção da persona do jovem.

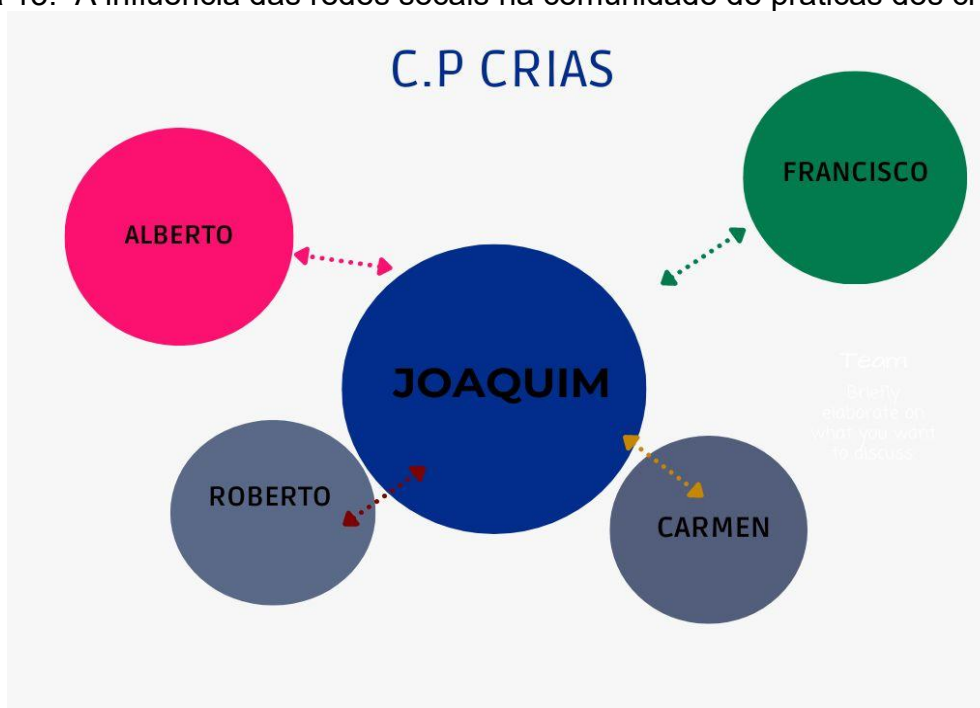
Para isso, analisamos as redes sociais de cada participante desta pesquisa com o objetivo de saber se faz parte de uma rede social densa, multiplex, ou uma rede de baixa densidades, uniplex (Milroy, 1987). De acordo com a pesquisa realizada em Belfast, Irlanda do Norte, Milroy identificou que o tipo de rede social no qual o falante está incluído influencia em seu modo de falar. Segundo o autor, redes multiplex e densas propiciam uma maior manutenção do repertório linguístico, enquanto redes uniplex e de baixa densidade, permitem um afrouxamento dessas redes, sofrendo influências linguísticas de caráter externo.

Ao considerar a configuração das redes sociais dos participantes de cada comunidade de práticas, elaboramos uma ilustração, figura 13, na qual o integrante que está no centro da comunidade, Joaquim, é o que possui uma rede social mais

⁷² Negro Drama – Racionais Mcs

densa, ou seja, está mais distante das relações com as outras comunidades. Da mesma forma, na ilustração, os sujeitos que estão mais distantes do centro, Francisco e Alberto, possuem uma rede social mais frouxa, fato que os distanciam de algumas características centrais da comunidade prática de origem.

Figura 13: A influência das redes sociais na comunidade de práticas dos crias



Fonte: Autora, 2024

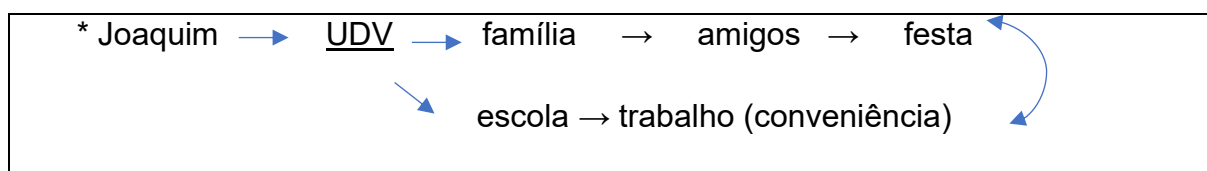
Dessa forma, neste esquema apresentado, quanto mais distante o participante estiver do núcleo, mas ele será um membro periférico por manter contato com membros de outros grupos sociais dentro da escola, além de apresentar uma maior interação com grupo sociais de outras localidades. Posto isso, na sequência, apontamos os cinco selecionados desse grupo juntamente com a sua rede de interação, para que assim possamos identificar quais são as redes multiplex ou uniplex, tendo como critérios as interações dentro e fora da comunidade de práticas, além de uma maior mobilidade local e o trabalho.

I – Joaquim: Líder do grupo, Joaquim é o participante que apresenta um maior número de características identificadas na comunidade, tanto no estilo quanto na fala. Com relação à configuração da sua rede social, percebemos que esse aluno é o que apresenta uma maior interação com outras pessoas do bairro, estabelecendo assim uma rede densa, não havendo, de forma direta, um contato que faça com o que o

jovem sinta a necessidade de adequar o seu estilo. A rotina de interação do Joaquim acontece, quase que integralmente, com os moradores do bairro, de forma cíclica, sendo que o único ambiente no qual ele encontra algum tipo de resistência ao seu estilo é na escola, com os professores e a equipe pedagógica questionando e/ou sugerindo mudança. Entendemos que esse fato gera uma reação reativa de não pertencimento ao espaço escolar, conforme constatamos em alguns trechos da entrevista.

“[...] Eu não curto muito i pra escola, não gosto de estudá, só vo porque minha mãe me obriga, pra ela não fica reclamando [...]”

Figura 14 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 1



Fonte: Autora, 2024

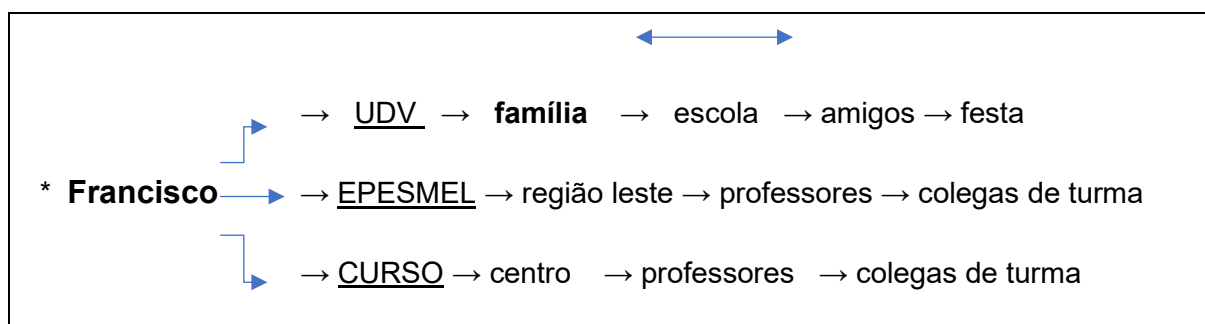
É importante frisar que essas pessoas, com exceção da escola, já o conhecem a um longo tempo, são moradores do bairro. Sendo assim, Joaquim não se preocupa em fazer nenhuma movimentação para adequar fala/estilo, indexalizando tais características para firmar e reafirmar sua identidade de “cria”.

“Meus amigo é tudo daqui, meu trampo é aqui, estudo aqui. Então não tem porque i pra outro canto. [...] Aqui na quebrada todo mundo se conhece. Não preciso muda meu jeito” [...]

II – Francisco: Conforme indicamos na ilustração 13, Francisco, apesar de fazer parte da comunidade dos crias, é o jovem que apresenta uma identidade mais fluída, que estabelece relações com outras comunidades, em outras regiões, que molda o seu estilo conforme o contexto de interação. Por se conectar com outras comunidades, em outras localidades, percebemos que a rede social deste participante é mais frouxa, pois há o convívio com outras pessoas, com outros estilos, fato que faz

com que o jovem molde o seu estilo de acordo com a situação interacional. Francisco, ao longo do seu dia, interage com pessoas de diversas localidades, criando assim várias personas.

Figura 15 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 2



Fonte: Autora, 2024

Conforme percebemos no esquema apresentado acima, Francisco, além de interagir com a sua comunidade de práticas, também interage com as pessoas do bairro. Além disso, também há um contato diário, com os colegas e professores do projeto EPESMEL, localizado na região leste de Londrina, mas que acolhe jovens carentes de todas as regiões da cidade. Aos sábados, também frequenta a região central da cidade para realizar o curso de informática. Um outro fator que faz com que o jovem, em alguns casos, tenha uma postura diferente em relação ao seu repertório linguístico, principalmente, ao uso das gírias, é a atitude negativa dos familiares.

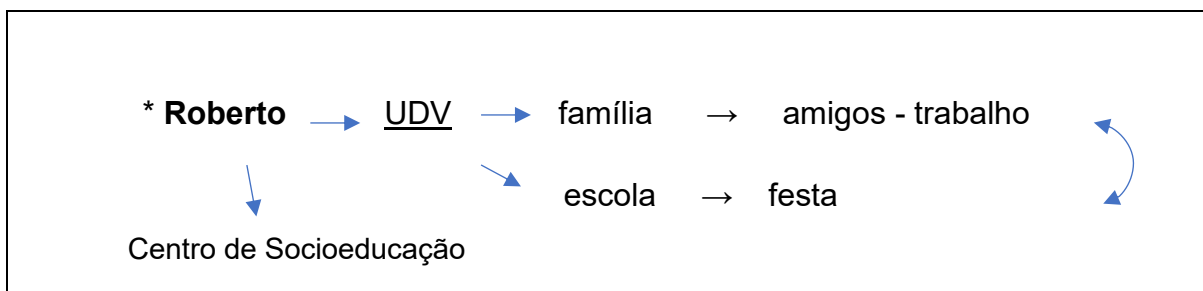
“Na minha casa, meu pai e minha mãe não gosta que fala, sabe.... pra eles é malandro que fala assim. Lá em casa eu quasi não falo”

Logo, podemos constatar que o jovem, ao interagir em um outras localidades, buscou ser leal às características do seu grupo, mas rapidamente percebeu que essa atitude faria com que sofresse algum tipo de preconceito. Por isso, a partir de algumas interações, o jovem assume outras personas, como, por exemplo, a de que busca uma vaga no mercado de trabalho, a de aluno da EPESMEL, estando ciente de que sua linguagem e estilo pode gerar algum tipo de estigma social.

III – Roberto: Com um comportamento mais reservado, Roberto, assim como Joaquim, também possui uma rede social mais densa, mais fechada. É importante

frisar que esse participante, principalmente na escola, está sempre junto com o Joaquim, marcando a presença dessa comunidade de práticas dentro do espaço escolar.

Figura 16 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 3



Fonte: Autora, 2024

Ao criar o esquema de interação do participante, ficou evidente que o jovem mantém uma estreita relação com as pessoas do bairro, desde o trabalho na construção civil com o pai, até mesmo no período no qual manteve contato com o grupo que realizava atividades ilícitas. Dentre as redes sociais do participante Roberto, o período que ele passou no Centro de Socioeducação foi o que mais marcou negativamente, evitando assim se aproximar tanto pela fala quanto pelo estilo dos jovens que conviveu durante o período que esteve cumprindo medida socioeducativa.

Com relação ao repertório linguístico, Roberto, apesar de apresentar na fala todas as variantes estudadas na pesquisa, foi o informante que teve a postura mais reservada durante a entrevista, sendo necessário, por várias vezes, mudar a abordagem das perguntas, pois ele apresentou uma resistência ao responder, não queria lembrar alguns momentos, talvez ainda não tivesse assimilado tudo que aconteceu nos últimos anos.

“Tem dia que fico esquisito, não quero papo com ninguém ... lembro dos pobrema, a senhora tá ligada das fita ... prefiro não fala, é foda pensa em tudo, na minha vó, nos caminho que minha vida tomo”...

Outra evidência muito relevante é que esse participante, durante a entrevista, monitorou um pouco mais a fala, evitando usar tantas gírias. Esse fato também ocorre quando ele conversa com os professores, com as pedagogas, observamos que há um cuidado maior ao falar e ao seguir as regras do colégio. Apesar de ele estar sempre

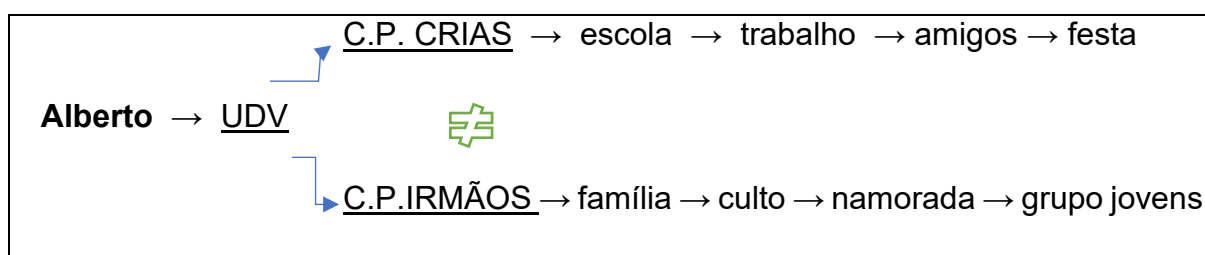
com o Joaquim, que é o líder e que busca constantemente quebrar as regras, esse mesmo comportamento não é percebido na postura do Roberto.

“Não quero mais dá desgosto pra ninguém... quero segui minha vida na tranquilidade, arruma um trampo, quero que minha mãe tenha orgulho... apesar de ter muitos amigos, tô prefiro fica mais queto, pra não fica perto de coisa errada... agora todo mundo me vê como moleque do corre, não quero mais” ...

A partir desse recorte da fala do Roberto percebemos que há uma tentativa de se afastar das principais características dos jovens da comunidade de prática dos crias, tentando assim anular os acontecimentos do seu passado.

IV – Alberto: O jovem estuda no período da manhã e trabalha em um mercado no bairro no período da tarde e nos finais de semana. Também frequenta as festas e participa dos encontros (resenha) na conveniência. Além disso, como a sua família é evangélica, ele também participa, às vezes, do culto aos domingos. Há pouco tempo também começou a namorar uma menina que faz parte da comunidade de práticas dos irmãos e, por este motivo, está frequentando o grupo de jovens.

Figura 17 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 4



Fonte: Autora, 2024

Ao observar o esquema de interação social do jovem Alberto, percebemos que ele está participando ativamente da comunidade de práticas dos crias, mas que também sofre uma influência da família e, recentemente, da namorada para que frequente as atividades vinculadas à comunidade de práticas dos irmãos. Por enquanto, percebemos que ele está moldando a sua identidade, que está, aos poucos, divergindo o seu estilo do grupo dos crias. Alberto afirma que essa é a sua comunidade, que está somente mudando o estilo das roupas.

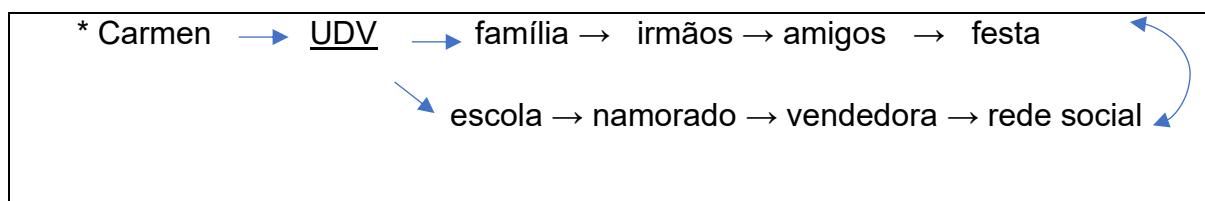
“Pra evita confusão tô indo com eles na igreja, tô tentando mostrar a caminhada certa, pra depois ela não falá que levei (os irmãos) pro caminho errado” ... Meu pai não gosta dos meus amigo, não curte meu estilo, recrama o tempo todo... quando vo no culto não posso usa boné e nem corrente ... eles não deixa entra assim [...]

Vários jovens acompanhados durante a observação etnográfica apresentam várias personas, vão mudando o estilo de acordo com a interação social. Sabemos que realmente isso ocorre na sociedade. Uma pessoa adota vários papéis sociais que estão diretamente ligados a interações sociais distintas. O jovem adquire a persona de filho, de estudante, de trabalhador, de jogador de futebol, todas essas personas vão se ajustando de acordo com o momento de interação. No entanto, algumas personas são mais difíceis de coexistir, como, por exemplo, a persona de um participante da comunidade dos crias e a persona de um participante do grupo dos irmãos.

Tal dificuldade ocorre pelo fato de haver, na maioria dos casos, um distanciamento entre os dois grupos, ou seja, o grupo dos crias interage com o grupo dos irmãos. Mas, o oposto já é mais difícil de acontecer, pois grande parte da comunidade de práticas dos irmãos tem uma postura negativa em relação ao estilo dos crias, há um olhar de preconceito para com esse grupo. Dito isso, complementamos que essa é a maior dificuldade que Alberto está sentindo em tentar circular nas duas comunidades que, neste caso, são bem distintas, principalmente quando falamos de uma comunidade evangélica bem tradicional. Mas, é fato de que não é uma regra, que em outras localidades esse movimento possa ser naturalmente normal.

V – Carmen: Essa participante apresenta características bem evidentes da comunidade de práticas dos crias. Ela também não segue as regras do colégio, tem uma resistência grande em usar uniforme, além do que, também tem uma frequência escolar muito baixa. No seu repertório linguístico, além de encontrar uma grande presença das gírias, também é recorrente o uso de palavras de baixo calão. Nas redes sociais, a jovem interage o tempo todo, grava vídeos, faz *lives*, não tem problemas em expor sua rotina. A família da aluna não tem uma influência sobre o seu comportamento.

Figura 18 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 5



Fonte: Autora, 2024

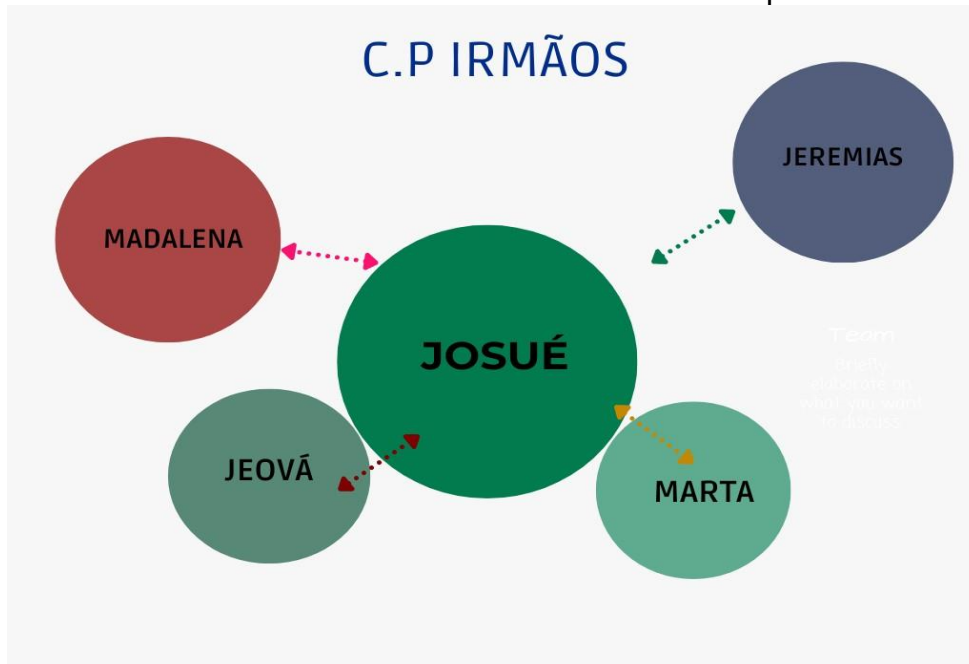
Essa participante também tem uma rede social bem delimitada, interagindo, na maior parte das vezes, somente com os moradores do bairro. Além disso, o seu namorado também faz parte da mesma comunidade de práticas, fato que faz com que a interação com esse grupo seja intensificada. A postura mais reativa da aluna, as roupas, o uso da maquiagem, a oposição em frequentar a escola reforça as características das meninas que fazem parte dessa comunidade de práticas.

6.7.2 Comunidade de Práticas dos irmãos – “*Andá com fé eu vou, que a fé não costuma faiá*”⁷³

Ao observar as relações dentro da comunidade de práticas dos irmãos, percebemos que alguns participantes apresentam um vínculo, uma afinidade e que outros são influenciados ou até mesmo obrigados a participar. Ao sistematizar a participação de cada um neste grupo, observamos que alguns estão mais distantes, podemos dizer que são membros periféricos, estando na extremidade do seu grupo e que estabelecem interações com as outras comunidades de práticas. Da mesma forma, outros participantes, conforme relatos na entrevista, são forçados, pelos familiares, a permanecer no grupo de prática dos irmãos. Fato que faz com esses vínculos sejam mais frouxos e que esses jovens, também se interessem e mantenham contato com outras comunidades de práticas.

⁷³ Trecho da música “Andar com fé” composta por Gilberto Gil, em 1982.

Figura 19: A influência das redes sociais na comunidade de práticas dos irmãos

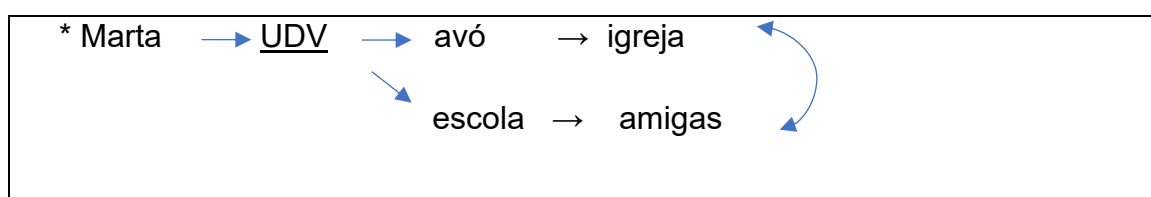


Fonte: Autora, 2024

A ilustração apresentada faz referência às relações estabelecidas dentro da comunidade de práticas dos irmãos, pois quanto mais distante o participante estiver do núcleo, mais ele estará suscetível a influências externas e, por consequência, alterando/alternando seu estilo e a sua forma de falar. Dessa forma, na sequência, apontamos os cinco selecionados desse grupo, juntamente com a sua rede de interação, para que assim possamos estabelecer os níveis de interação.

I – MARTA - Essa participante apresenta características bem evidentes da comunidade de práticas dos irmãos. Ela é uma jovem tranquila, que segue as regras do colégio, sempre está próxima das amigas, que têm o mesmo estilo, sem interagir com os demais. Na sua linguagem não apresenta nenhum tipo de gírias.

Figura 20 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 1



Fonte: Autora, 2024

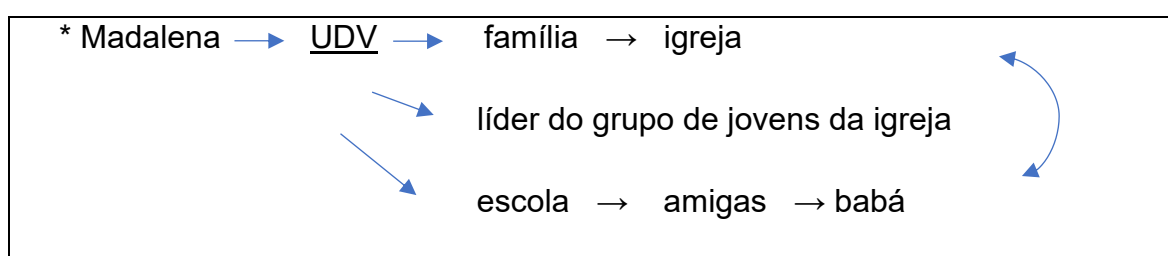
Ao observar a rede social da aluna, percebemos que se trata de uma rede densa, bem fechada, na qual a figura da avó exerce uma grande influência sobre o comportamento da aluna, conforme observamos no seguinte trecho da entrevista.

‘Minha vó é pastora, sabe. Todo mundo fala: “olha a neta da pastora” ... Minha vó acha que tenho que se pastora também, faz pregação da minha vida ... mas eu não gosto [...] Quero seguir minha vida, só isso que peço pra Deus’

Dessa forma, por meio da afirmação da jovem, constatamos que sua identidade está diretamente ligada à sua comunidade de prática na qual a avó também faz parte. Com relação ao uso das variantes linguísticas, a maior ocorrência da iotização está atrelada a esse uso dentro da comunidade de prática dos irmãos.

II – MADALENA - Essa jovem, amiga da Marta, também faz parte da comunidade de prática dos irmãos. Madalena, ao contrário da amiga, é mais comunicativa, mantém uma postura bem reservada, discreta, dedicada aos estudos, tendo um relacionamento mais próximo com os demais alunos.

Figura 21 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 2

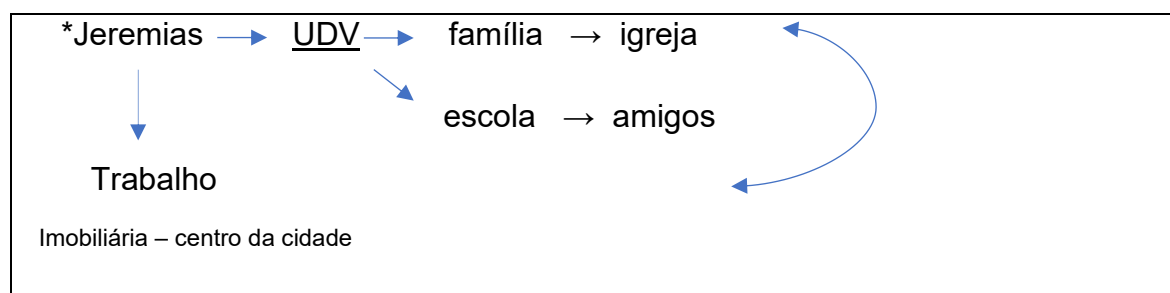


Fonte: Autora, 2024

A participante, apesar de fazer parte de uma comunidade de prática que apresenta uma estreita relação com as demais comunidades de práticas do bairro, principalmente com a dos crias, por conta do estigma social, tem um relacionamento mais próximo com os jovens da escola, sendo para as duas comunidades analisadas, uma figura que acolhe independente da situação. Recorrendo à fala de um dos participantes do grupo dos crias, o Joaquim “A Madalena é firmeza, considerada por todos.”

III – JEREMIAS – Esse participante, diferentemente dos outros quatro do mesmo grupo, apresenta uma rede social mais frouxa, pois o campo de interação está mais amplo, além da escola e da igreja, o jovem é estagiário em uma imobiliária que fica no centro da cidade. Esse deslocamento diário, essa mobilidade física, faz com que o jovem conviva com outros grupos, como, por exemplo, dos estagiários, das pessoas que usam transporte coletivo e dos colegas de trabalho.

Figura 23 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 3



Fonte: Autora, 2024

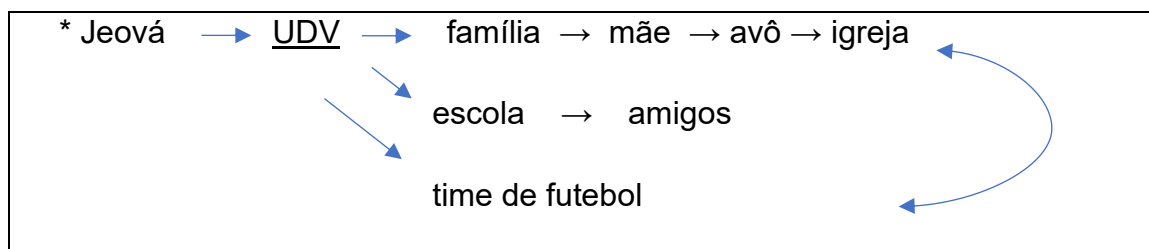
Essa amplitude na rede social do Jeremias faz com que ele se distancie do seu grupo, ocupando uma posição mais periférica dentro da comunidade de prática. É importante relatar que na rede social do Jeremias temos uma seta, em outra posição, apontando para o trabalho. Esse alinhamento das setas mostra que este jovem possui uma relação social que ocorre fora do seu bairro (UDV), assim como, a outra seta indica o bairro e todas as interações da qual ele participa. Salientamos também, que a seta ao final do esquema (↔) mostra que dentro da comunidade, as relações são mútuas. Dessa forma, esse participante, aberto às influências de outros grupos, faz com que apresente algumas características de outras comunidades, moldando a sua identidade para que consiga interagir tranquilamente em outros contextos sociais.

IV – JEOVÁ

No trecho da fala do Jeová, percebemos que há uma influência das atitudes da sua família no seu comportamento. Notamos que o aluno não tem um estigma com relação ao uso do boné e dos acessórios mais próximos da comunidade de prática dos “crias”, mas por uma exigência da família, o aluno se distancia desse grupo, mantendo-se mais próximo da comunidade de prática dos irmãos. O bairro União da Vitória tem um projeto com aulas de futebol para crianças. Josué participa desse projeto há muitos anos e, agora, com uma maior habilidade no jogo, faz parte do time

de futebol do bairro. Para o aluno, o futebol é uma realização do seu o maior sonho que é ser jogador profissional. No entanto, a família do Josué não apoia e há constantemente uma cobrança para que ele trabalhe com o avô na construção civil.

Figura 24 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 4

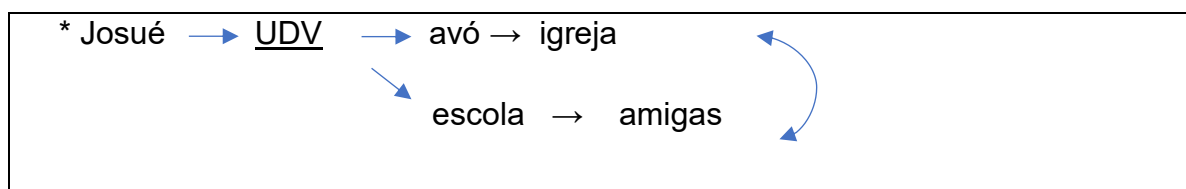


Fonte: Autora, 2024

Nesta situação, podemos refletir sobre a flexibilidade da identidade, que vai alterando de acordo com o momento e as relações sociais. Ao observar o caso de Josué, há uma possibilidade que, daqui uns anos, esse jovem deixe de seguir as exigências do avô e da família e mude completamente seu estilo.

V – JOSUÉ – Ao analisar a rede social do Josué, percebemos que, dentro do grupo dos irmãos, há uma interação entre todos os integrantes, mas que no caso desse jovem, suas relações são mais fechadas, ocupando o centro da comunidade, conforme a ilustração 25, fato que o deixa menos suscetível a influências de outros grupos.

Figura 25 – Esquema de interação e as redes sociais do participante 5



Fonte: Autora, 2024

Josué, considerando a sua comunidade de práticas, é o participante que tem as características mais prototípicas do grupo, que adota a postura de liderança e de exemplo a ser seguido pelos demais integrantes da mesma comunidade.

Após a apresentação das redes sociais de todos os participantes, podemos pontuar que a comunidade de práticas dos irmãos apresenta uma rede social mais densa, (MILROY, 1987 [1980]), pois todos os membros se conhecem bem e se

conectam por mais de um tipo de relação (estudam juntos, são amigos, frequentam a mesma igreja e são ou já foram vizinhos). No entanto, o grupo dos irmãos são mais reservados, fato que faz com que eles, na maioria das vezes, não busquem uma interação com outros grupos, principalmente com o grupo dos crias, pois apresentam características muito antagônicas.

Ainda sobre as redes de interação, realizamos uma análise das relações intragrupo, fato que nos permitiu verificar que Joaquim, membro central do grupo dos crias, está mais fechado em suas práticas sociais do que os membros mais periféricos, pois suas relações ocorrem, em sua maioria, com as mesmas pessoas, tanto na escola quanto no trabalho. Por esse motivo, sua rede social é mais densa, diferentemente do amigo Alberto, que sendo um membro periférico, está mais aberto às influências de outros grupos. O mesmo fato ocorre com a comunidade de práticas dos irmãos, tendo Josué como o membro central do grupo, recebendo pouquíssimas influências dos outros grupos. Já o Jeremias, por estar mais distante do núcleo da comunidade, apresenta mais traços das demais comunidades nas quais tem contato.

Encerrando esse tópico sobre as redes sociais, podemos inferir, com base nos dados observados que, quanto maior a mobilidade geográfica do falante, mais soltas são as redes sociais dos falantes, pois estes estão em contato com outros grupos sociais. (MILROY, 1987 [1980]).

7 “FINALIZANDO NOSSA RESENHA” – (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

O presente estudo teve como objetivo principal analisar as variantes linguísticas encontradas na fala de alunos do segundo ano do ensino médio de uma comunidade escolar de um colégio público, situado na periferia da cidade de Londrina-PR, observando a relação das variantes encontradas com a identidade linguística desses falantes. Por meio da observação de duas comunidades de práticas, observando como acontece a interação entre os indivíduos, analisando as variantes linguísticas que os identifica como pertencentes a um grupo específico dentro de uma instituição escolar.

Para tanto, a pesquisa se voltou para as seguintes questões: (i) quais os motivos que levam os jovens a adotarem diferentes escolhas linguísticas em suas relações sociais; (ii) a escolha do repertório linguístico está diretamente atrelada à identidade local do falante; (iii) a comunidade de prática, na qual o falante se reconhece pertencente, influencia o seu comportamento e a escolha do seu repertório linguístico; (iv) a conservação ou o abandono das variantes linguísticas estão relacionadas às crenças e atitudes linguísticas dos jovens em relação à localidade na qual vivem.

Com o intuito de responder tais questionamentos, esta pesquisa acompanhou o comportamento linguístico de um grupo de jovens estudantes em pleno processo de formação de suas identidades individuais e de grupo. Seguindo a perspectiva da terceira onda, observamos que as identidades são sempre múltiplas, plurais, de forma que o jovem pode apresentar várias personas a depender do papel que assume na sociedade.

Portanto, ao analisar as variantes linguísticas encontradas na fala de alunos do ensino médio de uma comunidade escolar de um colégio público, encontramos uma estreita relação das variantes utilizadas com a identidade linguística dos jovens, (i) indicando um pertencimento a uma comunidade de prática, fato que os leva a adotarem diferentes escolhas linguísticas em suas relações sociais.

Ao observar o comportamento dos jovens, suas crenças, escolhas linguísticas podemos observar que as variantes linguísticas assumem um significado social, estreitando os laços entre a língua e a prática social. (Eckert, 2000). (iii) Ao se reconhecer pertencente a uma comunidade de prática, o jovem tem seu estilo, seu comportamento e o repertório linguístico influenciado pelo grupo do qual faz parte.

Dessa forma, ao realizar a observação e análise das variantes linguísticas encontradas na fala de alunos do ensino médio de uma comunidade escolar de um colégio público, situado na periferia da cidade de Londrina-PR, foi possível identificar a relação variantes, iotização, rotacismo e as gírias, com a identidade linguística do falante, com suas crenças, com suas atitudes e, também, com a construção da sua identidade.

Com relação às hipóteses aventadas nesta pesquisa, algumas foram confirmadas e outras não. A primeira hipótese que confirmamos foi a presença de comunidades de práticas dentro da instituição escolar. Identificamos três comunidades de práticas: dos crias, dos irmãos e dos firmeza, sendo que a pesquisa ficou pautada somente nas duas primeiras comunidades.

A partir da análise dos questionários, percebemos que uma parte dos jovens se identificaram como “crias”, buscando reafirmar as características de um morador de periferia. Em contrapartida, os “irmãos”, jovens que buscam se distanciar de um padrão periférico estigmatizado pelos próprios moradores, apresentam um estilo que se afasta da sua comunidade, com roupas e as linguagens que são próprias da comunidade de práticas da qual pertencem. Esse grupo também buscou distanciar a sua fala do grupo, os crias, evitando o uso das gírias, que, dentro da comunidade na qual eles residem, é uma variante estigmatizada.

A abordagem etnográfica utilizada na coleta de dados nos permitiu perceber a existência de duas comunidades de práticas distintas dentro do espaço, fornecendo subsídios para entender a identidade construída por práticas comuns e pelo uso de algumas variantes linguísticas, fato que confirmou outra hipótese de que as comunidades de práticas apresentavam variantes linguísticas distintas. Todavia, as escolhas feitas pelos grupos eram pautadas no desejo de se filiar ou não às características linguísticas da comunidade da qual faz parte.

Ao entender a realidade social da comunidade escolar, o universo próprio dos estudantes, as representações e significados que atribuem ao mundo para compreender o uso da variação linguística, a escolha de uma variante em detrimento a outra, possibilitamos uma maior reflexão a respeito da linguagem e do preconceito linguístico.

Tais conclusões foram pautadas no levantamento das variedades linguísticas mais utilizadas, na construção da identidade de cada jovem e nas avaliações e atitudes dos próprios falantes. Para tanto, é importante que os jovens dessa

comunidade busquem, de uma maneira geral, criar personas para que possam transitar em outros ambientes sem sofrer estigmas ou serem excluídos pelo local no qual vivem.

É importante observar nos resultados que há um orgulho na fala da maioria dos jovens, principalmente, aqueles que têm um vínculo maior com a história do bairro, tendo os familiares participado de alguma forma do processo de ocupação. Da mesma forma, também há uma força opositora que marginaliza o uso das gírias, de forma que, em alguns casos, a família assume um papel punitivo na busca de distanciar o jovem dessa variante linguística.

Ao analisar os resultados dos dados coletados, é possível perceber como as gírias são muito produtivas nas falas dos jovens do grupo dos crias, nos levando a refletir que esse uso está intimamente ligado à identidade do jovem periférico, havendo uma intenção de deixar essa marca em evidência. Note que esses jovens pertencem a um grupo que é estigmatizado pela roupa, pela linguagem, mas, mesmo assim, há uma convergência para que essa identidade seja reconhecida pelo seu interlocutor.

Ao analisar as redes sociais dos participantes, constatamos que a comunidade de práticas dos irmãos apresenta uma rede social mais densa, (MILROY, 1987 [1980]), pois todos os membros se conhecem bem, interagem entre si, no entanto, são mais reservados com os outros grupos, principalmente com o grupo dos crias, pois apresentam características muito antagônicas.

Ao finalizar este estudo, compreendemos que essa discussão pode ser ampliada em estudos futuros, que envolva toda a comunidade escolar, fazendo com que os jovens tenham conhecimento e valorizem a sua identidade linguística local, combatendo o preconceito linguístico, além de contribuir para uma valorização da cultura local, principalmente dentro do espaço escolar.

Espero que este trabalho suscite outras pesquisas em microcomunidades, que amplie a discussão sobre a função social da variação linguística, o indivíduo e a construção de identidade, estreitando assim os laços entre a língua e a prática social. Espero que a pesquisa etnográfica realizada nesta comunidade, corrobore para uma maior visibilidade social dessa região tão importante, mas também tão invisível aos

olhos da sociedade. Dito isso, encerro este estudo com o trecho de um poema⁷⁴ escrito pelo poeta, Menor NPR⁷⁵, morador do União da Vitória.

[...]
Eu sou poeta, do norte do Paraná,
e me chamam pé de vermelho.
Eu sou poeta, da zona sul de Londrina
e me chamam de “ligero.”
Eu sou poeta, do fundão
do União Vitória
E me chamam de maconheiro,
mesmo sem eu ter fumado um
baseado.
Eles me julgam pela aparência de
favelado,
mas eu sou poeta, rimando à capela
ou em cima de um beat.
Então me chame de “rappero”

Eu sou poeta,
às vezes até subo o morro,
mas não sou “olhero.”
E quem me olha já pergunta,
quem é esse piá,
que escreve errado,
fala gíria e não sabe ginga.
Que tem Saiyajin na testa
E Sagat na bombeta.
Será que ele é malandro?
Será que ele que treta?
Mas o que eles quiserem
Eu quero em triplo.
E foi cá última ponta do lápis
Que isso daqui foi escrito.

⁷⁴ Poema completo disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=DM0ZQIkxhRs>

⁷⁵ Link de acesso aos canais do Youtube do Menor NPR

<https://www.youtube.com/@poesia.043>

<https://www.youtube.com/@MenorNpr>

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

AUDINO VILÃO. **Canal no YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/@audinovilao531>. Acesso em: 10/08/23.

AUDINO VILÃO. **Nietzsche: o famoso roba brisa**. YouTube, data de publicação. Disponível em: <https://youtu.be/0cJnYjnjNjU>. Acesso em: 10/08/23.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko (ed.), **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**, São Paulo: Blucher, 2014, p. 79–98.

BELINE, R. Variação linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

Bourdieu, P. (2002). **A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura** (Gouveia, A. J., Trad.). In Nogueira, M. A. & Catani, A. (Orgs.). *Escritos e Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Bourdieu, P. **A economia das trocas simbólicas** (5a ed.). São Paulo: Perspectiva. 2007

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula** São Paulo: Parábola, 2004.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Português brasileiro: A língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2021.

BOTASSINI, J. O. M. A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. **SIGNUM: Estud. Ling., Londrina**, n. 18/1, p. 102-131, jun.2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20327> Acesso em março de 2023.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**. Tradução de Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística - Parte II. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (ed.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.

CAMACHO, Roberto Gomes; SALOMÃO-CONCHALO, Mircia Hermenegildo. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 18, n. 2, 2016.

CHAVOSODA USP. **Canal no YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ChavosodaUSP>. Acesso em: 09/10/2023.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al]. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. **Sociolinguística Histórica**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

COUPLAND, N. **Style: language variation and identity**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2007

COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, P; RICKFORD, J. **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p.185-2010.

DÁLIA, Jaqueline de Moraes Thurler. **Pode chegar, sá menina: entre conversas, aspectos linguístico-identitários das comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo**. 2017. 206 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling.) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia: saberes e práticas. In: GUAZZELLI, C.; PINTO, C. (orgs.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. PortoAlegre: Editora da UFRGS, 2008.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. **Variation and the indexical field**. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, P. **Variation, convention, and social meaning**. Paper presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, 2005.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

FREITAG, R. M. K. De comunidades de fala a comunidades de prática: investigando a dimensão estilística da variação. In: HORA, D. et al. (Org.). **Identidade social e contato linguístico no português brasileiro**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. p. 101-121.

FREITAG, R. M. K., SEVERO, C. G., ROST-SNICHELOTTO, C. A., TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as Letras**, n. 18, v.2, p. 64-84, 2016.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A. TAVARES, M. A. **Banco de dados sociolinguísticos do Português Brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações**. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

FREITAG, R. M. K.; SANTANA, C. C. de; ANDRADE, T. R. C. de. Práticas constitutivas do Povoado Açuzinho. **Revista Ambivalências**, v.2, jan-jun/2014, p.194-217.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M. et al. (Org.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Editora Insular, 2014. p. 67-92.

Hall, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2006. (11a ed.). DP&A.

HORA, D. da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. et al. (Org.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 19-30.

LABOV, W. **Contraction, deletion and inherent variability of the English copula**. *Language*, 1969

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LAMBERT, Wallace E. A social psychology of bilingualism. **Journal of Social Issues**, 23(2), 91-109, 1967.

LE PAGE, R. B. Projection, Focursing and Diffusio. **York Papers in Linguistics**. 1980.

LÓPEZ MORALES , Humberto. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1993.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, [1980]1987.

MOLLICA, C. **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLLICA, M. C. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. [S.l.]: Letras, 2003

MOORE, E. **Interaction between social category and social practice: explaining was/were variation**. *Language Variation and Change*, Cambrigde, v.22, p.347-371, 2010.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

OCHS, E. Constructing social identity: a language socialization perspective. **Research on Language and Social Interaction**. vol. 26, nº 3, 1993, p. 287-306.

OUSHIRO, Livia. Conceito de identidade e métodos para o seu estudo em Sociolingüística. **Estudos linguísticos e literários**. nº 63, núm. esp.2019, Salvador: p. 304-325. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/33777> Acesso: 28/7/2022

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**, 2015, 390f, Tese (Doutorado em Linguística). FFLCH, USP, São Paulo.

PAGOTTO, E. G. (2006). "Sociolingüística". In: PFEIFFER, C. C. et al. **Linguagem, História e Conhecimento**. Campinas- SP: Pontes, cap. 4, p. 49-72.

PARANÁ, Secretaria da Educação e do Esporte. **Resolução nº 1.522/2020** – GS/SEED. Súmula: Estabelece em regime especial as atividades escolares na forma de aulas não presenciais em decorrência da pandemia causada pela COVID-19. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-05/resolucao_gsseed_1522_2020.pdf. Acesso em: 09/10/2023.

PARANÁ. **Decreto nº 4230 de 16/03/2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19. Publicado no DOE - PR em 16 mar 2020. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390948>. Acesso em: 09/10/2023.

PRETI, D. F. **O léxico na linguagem popular: a gíria**. 2007. Disponível em <https://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp18/02.pdf>. Acesso em julho de 2022.

ROCHA FARO, Fernando. **União da Vitória celebra 18 anos de conquistas**. Folha de Londrina, Londrina, 22 de agosto de 2003. Seção de Reportagem Local. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/uniao-da-vitoria-celebra-18-anos-de-conquistas-459702.html?d=1>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SALOMÃO-CONCHALO, Mircia. A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social, 2015, 313f, Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). IBILCE, UNESP, São José do Rio Preto.

RYLES, E. B.; GILES, H.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. *Attitudes towards language variation: Social and applied contexts*, Edward Arnold London, England, p. 1–19, 1982

SCHERRE, M. M. P. Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível? **Revista Letra**, v. 8, n. 1 & 2, p. 51-62, 2013.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, Antony. 2006. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **Scripta**, 9(18): 107-129.

SEVERINO, J. A. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Nilza da. A cidade de Londrina: Desigualdade, território e pertencimento étnico-racial. In: **XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013, Natal. Anais... Natal: ANPUH, 22 a 26 de julho de 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364565704_ARQUIVO_Anpuh2013-textofinal.pdf. Acesso em: 09/10/2023.

SILVERSTEIN, Michael. (2003). Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, n. 23, p. 193-229

SOUZA, P. D. D. S.; SANTOS, A. K. B. Urbanização e monitoração estilística: a variação linguística e as representações da fala caipira nas histórias em quadrinhos. **Fórum Linguístico**, v. 15, n. 1, p. 2843-2859, 2018.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1985.

TEDX TALKS. **Eu quero a periferia na USP** | Thiago Torres | TEDxSaoPaulo. YouTube, data de publicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r8aP8yDC9eE>. Acesso em: 09/10/2023.

TV CULTURA. **“O livro ‘Filosofia para Becos e vielas’ surge de uma necessidade de comunicação”**, diz Marcelo. YouTube, data de publicação.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=se53DO858ol>. Acesso em: 10/08/23.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].

WENGER, E. **Communities of practice: Learning, meaning and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

APÊNDICES⁷⁶

APÊNDICE 1 – Questionário - Pesquisa Social

27/03/26, 17:14

1º questionário - Pesquisa social

1º questionário - Pesquisa social

Esse formulário foi elaborado pela professora Vanusa Fogaça de Freitas Prado com o objetivo de identificar o perfil socioeconômico dos alunos do segundo ano do ensino médio, do colégio estadual.

Os dados coletados serão utilizados para fundamentar o meu projeto de pesquisa "ANÁLISE DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS PRESENTES EM UMA COMUNIDADE ESCOLAR", que será realizado no próprio Colégio Estadual.

Importante: Com o objetivo de resguardar a sua identidade, o questionário não exigirá a inclusão do seu nome e, além disso, as vinte questões irão abordar questões culturais, econômicas e sociais do seu núcleo familiar.

Agradeço a participação!

Profª Vanusa

* Projeto de pesquisa autorizado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina - CAAE: 52496921.0.0000.5231

* Indica uma pergunta obrigatória

O questionário irá abordar questões culturais, econômicas e sociais do seu núcleo familiar.

1. 1- Qual a sua idade? *

2. 2 -Em qual bairro você mora? *

https://docs.google.com/forms/d/1TE-e-3V7t76-sR9n_bPEYRkpfJ9k1HCWVK_p-LCeU/edit

1/9

⁷⁶ Link para acessar a pasta com os arquivos dos questionários utilizados nesta pesquisa:

https://drive.google.com/drive/folders/1cC74GR9MM_nXoaIm7dFEbubJd6yAjbY?usp=sharing

27/03/26, 17:14

1º questionário - Pesquisa social

3. 3 -Há quantos anos mora neste bairro? *

Marcar apenas uma oval.

- Menos de 1 ano
- De 1 a 3 anos
- De 3 a 5 anos
- 6 anos ou mais

4. 4 -Os seus pais sempre moraram em Londrina? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

5. 5 -Se a resposta anterior for negativa, informe a outra cidade/estado que eles já moraram.

6. 6 -Como você se autodeclara em relação a sua cor, segundo as categorias do IBGE? *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

27/03/26, 17:14

1º questionário - Pesquisa social

7. 7 -Incluindo você, quantas pessoas moram na sua casa? *

Marcar apenas uma oval.

- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7 ou mais

8. 8 - A partir do 6º ano, você sempre estudou neste colégio *

Marcar apenas uma oval.

- sim
- não

9. 9 - No Ensino Fundamental I (séries iniciais) você estudou em qual escola? *

Marcar apenas uma oval.

- Escola Municipal Zumbi dos Palmares (CAIC)
- Escola Municipal Osvaldo Cruz
- Escola Municipal Profª Tereza Canhadas (União IV)
- Outra opção

27/03/26, 17:14

1º questionário - Pesquisa social

10. 10 - Sobre a figura materna, quem mora com você? *

Marcar apenas uma oval.

- Mãe
- Outra mulher responsável por você (companheira do pai/ madrasta/ mãe de criação/ tia / avó)
- Não há uma figura materna na minha casa

11. 11 - Sobre a figura paterna, quem mora com você? *

Marcar apenas uma oval.

- Pai
- Não há uma figura paterna na minha casa
- Outro homem responsável por você (companheiro da sua mãe, padrasto, pai de criação, tio, avô)

12. 12 - Diga qual é o trabalho da sua mãe? Caso ela não trabalhe, escreva não. *

13. 13 - Diga qual é o trabalho do seu pai? Caso ele não trabalhe, escreva não. *

27/03/26, 17:14

1º questionário - Pesquisa social

14. 14 -A sua mãe estudou *

Marcar apenas uma oval.

- Até a 4ª série
- Até a oitava série
- Concluiu o ensino médio
- não estudou
- Está fazendo faculdade
- Concluiu a faculdade

15. 15 - O seu pai estudou *

Marcar apenas uma oval.

- Até a 4ª série
- Até a oitava série
- Concluiu o ensino médio
- Não estudou
- Está fazendo faculdade
- Concluiu a faculdade

16. 16 -O seu pai/mãe já estudaram neste colégio? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

27/03/26, 17:14

1º questionário - Pesquisa social

17. 17 - Quais atividades você e sua família costumam realizar nas horas de lazer? *

Marque todas que se aplicam.

- assistir TV
- leitura
- internet
- game
- passeio
- igreja
- conversar com os amigos
- outros

18. 18 - Para você e a sua família, o que a escola representa para a comunidade? *

19. 19 -Selecione quais desses itens tem na sua casa. *

Marque todas que se aplicam.

- livros de literatura (histórias)
- gibi
- celular
- computador/notebook
- Wi-fi
- TV
- Rádio
- Dicionário inglês/português

27/03/26, 17:14

1º questionário - Pesquisa social

20. 20 - Na sua família, atualmente, tem alguém que abandonou os estudos? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

21. 21 - Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, aponte qual o motivo que levou o abandono da escola. *

22. 22 - Qual o (os) tipo(s) de música você mais gosta de ouvir? Se preferir, pode marcar mais de uma opção. *

Marque todas que se aplicam.

HIP HOP

FUNK

SERTANEJO

ROCK NACIONAL

ROCK INTERNACIONAL

GOSPEL

FORRÓ

ELETRÔNICA

PAGODE

SAMBA

POP

Outro: _____

23. Você trabalha? *

Marcar apenas uma oval.

SIM

NÃO

27/03/26, 17:14

1º questionário - Pesquisa social

24. 21 - Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, fale sobre a função que você exerce no seu trabalho.

25. Você participa de algum projeto do bairro? Diga qual? E como é? *

26. Você usa redes sociais? *

Marcar apenas uma oval.

- TIK TOK
- INSTAGRAM
- FACEBOOK
- TWITTER

27. Sobre as redes sociais, quais os principais conteúdos que você costuma acompanhar *

28. Você participa de alguma comunidade religiosa? Qual? *

27/03/26, 17:14

1º questionário - Pesquisa social

AGRADEÇO A COLABORAÇÃO!!!
Profª Vanusa

enviar abraço virtual



carregando



Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE 2 – Questionário – Pesquisa de Campo

Questionário - Pesquisa de Campo

Esse formulário foi elaborado pela professora Vanusa Fogaça de Freitas Prado e os dados coletados serão utilizados para fundamentar o projeto de pesquisa "ANÁLISE DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS PRESENTES EM UMA COMUNIDADE ESCOLAR*", que será realizado no próprio Colégio Estadual.

Período de realização: (29/11/2021 - 28/02/2023)

Importante: Com o objetivo de resguardar a sua identidade, o questionário não exigirá a inclusão do seu nome.

* Projeto de pesquisa autorizado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina - CAAE: 52496921.0.0000.5231

Agradeço a participação!

Profª Vanusa Prado

Contato: vanusafreitas@hotmail.com

1. Nome:

2. 1- Qual a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

- 14-15 anos
- 16- 17 anos
- 18 anos- 20 anos
- 21 anos - 30 anos
- 31 - 40 anos
- 41 - 50 anos
- 51 - 60 anos
- 61 anos ou mais

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

3. Você estudou até qual série? *

Marcar apenas uma oval.

- Até o 5º ano
- Até o nono ano
- Ensino médio completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo

4. 4 - Qual o nome do bairro que você mora? *

Marcar apenas uma oval.

- União da Vitória I
- União da Vitória II
- União da Vitória III
- União da Vitória IV
- União da Vitória V
- União da Vitória VI
- Cristal
- Nova Esperança
- Outro

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

5. 5 - Há quanto tempo mora neste bairro? *

Marcar apenas uma oval.

- 1 a 2 anos
- 2 a 4 anos
- Mais de 5 anos
- Sempre morou

6. 6 - Como se chama a língua que você fala? *

7. 7 - Cite uma região de Londrina que, de acordo com a sua opinião, fala mais corretamente. *

8. 8 - Cite uma região de Londrina que, de acordo com a sua opinião, apresente mais "erros" na fala. *

9. 9 - Cite uma palavra que é usada na sua comunidade que lhe parece errada/que você não usa e não gosta de ouvir. *

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

10. 10 - Qual dos exemplos de fala lhe passa uma impressão negativa"? (pode marcar mais de uma opção) *

Marque todas que se aplicam.

- Saímos correno e gritano para que nossa amiga iscutasse a genti.
- Nóis pediu para que todos não chegasse atrasado.
- A muié saiu cedo para trabaia na feira de rua.
- Amanhã eu vo compra uma caxa de chocolate.

11. 11 - Analise a seguinte frase: *

"A muié saiu cedo para trabaia na feira de rua"

Caracterize, de acordo com as sua experiências, qual seria o tipo de pessoa que fala dessa forma (estilo, modo de se vestir, trabalho, lugar onde mora)

12. 12 - Analise a seguinte frase:

"Saímos correno e gritano para que nossa amiga iscutasse a genti"

Caracterize, de acordo com as sua experiências, qual seria o tipo de pessoa que fala dessa forma (estilo, modo de se vestir, trabalho, lugar onde mora)

Responda **Verdadeiro** ou **Falso** a cada uma das afirmativas abaixo, de acordo com o que você pensa sobre o assunto. Caso não saiba responder alguma, deixe em branco. Caso precise explicar alguma coisa, utilize o espaço abaixo da afirmativa.

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

13. A língua portuguesa é muito difícil *

Marcar apenas uma oval.

- Verdadeiro
- Falso

14. Eu não sei falar muito bem a minha língua. *

Marcar apenas uma oval.

- Verdadeiro
- Falso

15. As pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram em zonas rurais. *

Marcar apenas uma oval.

- Verdadeiro
- Falso

16. As pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram em zonas rurais.

Marcar apenas uma oval.

- Verdadeiro
- Falso

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

17. Os adultos falam melhor que os jovens *

Marcar apenas uma oval.

- Verdadeiro
 Falso

18. As pessoas mais ricas falam melhor do que as pessoas mais pobres. *

Marcar apenas uma oval.

- Verdadeiro
 Falso

19. Quanto mais as pessoas estudam, mais corretamente elas falam. *

Marcar apenas uma oval.

- Verdadeiro
 Falso

20. Eu tenho orgulho do meu jeito de falar porque é igual ao das pessoas do lugar onde nasci. *

Marcar apenas uma oval.

- Verdadeiro
 Falso

Para finalizar, ouça os áudios e responda as questões.

Clique no link abaixo para ouvir o áudio 1 (ouça quantas vezes precisar) e depois analise as afirmativas, indicando uma opção.

<https://drive.google.com/file/d/1NVbtAsiJtDe7D9hXczC13FQ8g79DAR71/view?usp=sharing>

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

21. Qual você acha que é a faixa etária dessa pessoa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sem escolarização
- Fundamental I
- Fundamental II
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior

22. Você acha que está pessoa está em que faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

- Na adolescência
- 20 e poucos anos
- Por volta dos 30 anos
- Por volta dos 40 anos
- Opção 5
- 41 a 50 anos
- 50 anos ou mais

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

23. Você acha que essa pessoa pertence à... *

Marcar apenas uma oval.

- Classe baixa
- Classe Média baixa
- Classe Média
- Classe Média alta
- Classe Alta

24. A forma de falar dessa pessoa que você acabou de ouvir é bonita. *

Marcar apenas uma oval.

- concordo totalmente
- concordo
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo
- discordo totalmente

25. A forma de falar dessa pessoa que você acabou de ouvir é agradável. *

Marcar apenas uma oval.

- concordo totalmente
- concordo
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo
- discordo totalmente

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

26. Qual seria a provável profissão para essa pessoa? *

Marcar apenas uma oval.

- faxineira
- enfermeira
- médica
- recepcionista
- vendedora

27. Você tem a fala semelhante ao dessa pessoa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

28. Do que você ouviu, você acha que esta pessoa deve ser... (assinale todas as que achar pertinente) *

Marque todas que se aplicam.

- Tímida
- simples
- trabalhadora
- desonesta
- confiante
- mal-educada
- mimada
- sincera
- irritante
- metida
- confiável
- maconheira
- religiosa
- descolada
- gorda
- alta
- preguiçosa
- caipira
- sofisticada
- conservadora
- branca
- Playboy
- barraqueira
- funkeira
- nerd
- ligada à família
- mano
- patricinha
- Outro: _____

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

29. Reflita sobre a seguinte situação hipotética: *
Você é proprietário de uma loja no shopping, você contrataria essa pessoa para trabalhar como vendedora. Justifique.

Seção sem título Clique no link abaixo para ouvir o áudio 2 (ouça quantas vezes precisar) e depois analise as afirmativas, indicando uma opção.

<https://drive.google.com/file/d/1-Av80UMvaYclU6g3ar5HLfCwKb00NL1u/view?usp=sharing>

30. A forma de falar dessa pessoa que você acabou de ouvir é bonita

Marcar apenas uma oval.

- concordo totalmente
- concordo
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo
- discordo totalmente

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

31. Essa pessoa é bastante escolarizada *

Marcar apenas uma oval.

- concordo totalmente
- concordo
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo
- discordo totalmente

32. Essa pessoa é pouco inteligente *

Marcar apenas uma oval.

- concordo totalmente
- concordo
- concordo parcialmente
- discordo
- discordo parcialmente

33. Essa pessoa provavelmente mora em um bairro mais periférico

Marcar apenas uma oval.

- concordo totalmente
- concordo
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo
- discordo totalmente

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

34. Qual seria a provável profissão para essa pessoa? *

Marcar apenas uma oval.

- faxineira
- enfermeira
- médica
- recepcionista
- vendedora

35. Você tem a fala semelhante ao dessa pessoa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

36. Caracterize, descrevendo, como você imagina o falante dessa frase (escolaridade, estilo, roupa, profissão, onde mora) *

37. Reflita sobre a seguinte situação hipotética: *

Você é proprietário de uma loja no shopping, você contrataria essa pessoa para trabalhar como vendedora. Justifique.

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

Clique no link abaixo para ouvir o áudio 3 (ouça quantas vezes precisar) e depois analise as afirmativas, indicando uma opção. título

<https://drive.google.com/file/d/1Y5XrLkCXlxoBiRs-CC9d4zkkxnDoCFIz/view?usp=sharing>

38. A forma de falar dessa pessoa que você acabou de ouvir é bonita. *

Marcar apenas uma oval.

- concordo totalmente
- concordo
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo
- discordo totalmente

39. A forma de falar dessa pessoa que você acabou de ouvir é agradável. *

Marcar apenas uma oval.

- concordo totalmente
- concordo
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo
- discordo totalmente

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

40. Qual seria a provável profissão para essa pessoa? *

Marcar apenas uma oval.

- faxineira
- enfermeira
- médica
- recepcionista
- vendedora

41. Você tem a fala semelhante ao dessa pessoa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

42. Caracterize, descrevendo, como você imagina o falante dessa frase (escolaridade, estilo, roupa, profissão, onde mora) *

43. Reflita sobre a seguinte situação hipotética: *

Você é proprietário de uma loja no shopping, você contrataria essa pessoa para trabalhar como vendedora. Justifique.

01/03/26, 13:46

Questionário - Pesquisa de Campo

OBRIGADA!!**Vanusa Prado**
(Doutoranda - UEL)

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

